

MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS

Prof. Fábio Roberto Tavares



2016



Copyright © UNIASSELVI 2016

Elaboração:

Prof. Fábio Roberto Tavares

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

200

T231m Tavares; Fábio Roberto

Movimentos religiosos contemporâneos / Fábio Roberto Tavares:
UNIASSELVI, 2016.

161 p. : il.

ISBN 978-85-515-0014-9

1. Religião.

I. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

APRESENTAÇÃO

Prezado acadêmico!

Vamos dar início aos estudos de Movimentos Religiosos Contemporâneos. Queremos lançar um olhar a partir de tantos estudos já feitos sobre a realidade dos novos movimentos que se fazem presentes hoje no mundo, de modo particular no Brasil.

Não é de hoje que o ser humano busca explicar o mundo ao seu redor e os seus fenômenos. Boa parte desse contingente humano chegou à conclusão de que deve haver alguma força superior controlando e criando todas as coisas, seja aqui na Terra, onde habitamos, seja no Universo. A partir dessa constatação, surgiu a noção de honrar essa força controladora, que cristãos chamam de Deus, por meio da criação de doutrinas, de um conjunto de cultos e de religiões.

Muitas pessoas buscam um pertencimento mais eficaz em novas religiões, cujos ensinamentos, à primeira vista, parecem pouco ortodoxos, mas são nelas que essas pessoas vão encontrar novas formas de se fortalecer.

Vamos estudar alguns representantes desses movimentos religiosos contemporâneos, porque é quase impossível ter presentes todos os que surgiram ou que estão surgindo na contemporaneidade.

Apresentaremos essa realidade a partir do que mais se tem pesquisado e desenvolvido nesta área de estudo, como observadores participantes dessa realidade móvel dos movimentos religiosos. Em todos os trabalhos até aqui desenvolvidos, ficou claro que é humanamente impossível a isenção total de preconceitos. Por isso mesmo, é estimulante tentar compreender o surgimento, a caminhada, a importância e os desafios dos movimentos religiosos naquilo que podemos chamar de transformação da religião.

A disciplina de Movimentos Religiosos Contemporâneos quer desvelar os diferentes grupos e movimentos religiosos que têm maior expressão em nossos dias e que são mais significativos, seja cultural, social e mesmo religiosamente falando, quando levamos em conta a caracterização e a importância desses movimentos em nossa sociedade.

Somos convidados a nos familiarizarmos com as heranças teóricas complexas para a compreensão do mundo moderno e das religiões modernas. Vamos examinar as tradições teóricas e historiográficas que

contribuem para a maneira como pensamos sobre movimentos religiosos contemporâneos e ter um olhar amplo para a evolução da religião em todo o mundo de hoje. Tais desenvolvimentos podem incluir religiões da Europa, religiões que vão evoluindo com as tecnologias de informação e comunicação; a explosão de expressões idiomáticas decorrentes dessas novas religiões que vão perpassando essas novidades espirituais presentes em todo o mundo, como, por exemplo, na proliferação de santuários nos meios urbanos, de figuras sagradas em toda a Ásia, ou o *boom* global do neopentecostalismo, com atenção especial para o Brasil.

O mundo e o Brasil vivem uma realidade de efervescência religiosa. Das mais variadas matizes e formas, vão surgindo novos movimentos, às vezes distintos, às vezes originais, às vezes incompreensíveis, mas que trazem uma contribuição muito particular e peculiar para as diversas formas de expressão religiosa contemporânea.

A contemporaneidade está aberta a tudo isso, ao que é novidade, mesmo sabendo que muitos dos movimentos religiosos contemporâneos buscam no tradicional, nas religiões de outras épocas um embasamento doutrinário, litúrgico, espiritual, que, muitas vezes, é adaptado conforme as necessidades e circunstâncias de cada uma.

A sociedade e as pessoas estão diretamente envolvidas nessas novas formas de religiosidade e é isso que queremos discutir neste material; a contribuição das propostas dos movimentos religiosos contemporâneos e o que podemos aproveitar para o engrandecimento do ser humano.

Então, mãos à obra! O estudo nos espera!

Fábio Roberto Tavares



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – RELIGIÕES NA CONTEMPORANEIDADE.....	1
TÓPICO 1 – COMPREENDENDO RELIGIÃO	3
1 INTRODUÇÃO	3
2 CONCEITOS.....	4
2.1 CONCEITO DE IGREJA	4
2.2 CONCEITO DE SEITA	6
2.3 CONCEITO DE CULTO.....	8
2.4 CONCEITO DE RELIGIÃO.....	9
2.5 CONCEITO DE MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS.....	11
3 IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO.....	12
LEITURA COMPLEMENTAR.....	14
RESUMO DO TÓPICO 1.....	18
AUTOATIVIDADE	19
TÓPICO 2 – TIPOS DE RELIGIÃO.....	21
1 INTRODUÇÃO	21
2 TIPOS DE RELIGIÃO.....	21
2.1 PANTEÍSTA	29
2.2 POLITEÍSTA	31
2.3 MONOTEÍSTA	33
2.4 ATEÍSTA	35
2.5 NEOPANTEÍSMO.....	38
LEITURA COMPLEMENTAR.....	40
RESUMO DO TÓPICO 2.....	41
AUTOATIVIDADE	42
TÓPICO 3 – RELIGIÕES CRISTÃS E NÃO CRISTÃS.....	43
1 INTRODUÇÃO	43
2 RELIGIÕES CRISTÃS	44
3 RELIGIÕES NÃO CRISTÃS	45
3.1 AS SEITAS.....	46
3.2 O ATEÍSMO	47
LEITURA COMPLEMENTAR.....	51
RESUMO DO TÓPICO 3.....	53
AUTOATIVIDADE	54
UNIDADE 2 – NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS.....	55
TÓPICO 1 – MOVIMENTOS RELIGIOSOS NO MUNDO.....	57
1 INTRODUÇÃO	57
2 MOVIMENTOS RELIGIOSOS OCIDENTAIS	61
3 MOVIMENTOS RELIGIOSOS ORIENTAIS.....	64
4 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS NA AMÉRICA LATINA.....	65
LEITURA COMPLEMENTAR.....	70
RESUMO DO TÓPICO 1.....	72
AUTOATIVIDADE	73

TÓPICO 2 – DOCTRINAS E MOVIMENTOS	75
1 INTRODUÇÃO	75
2 CARACTERIZAÇÃO	76
3 MOVIMENTOS RELIGIOSOS INDEPENDENTES	77
LEITURA COMPLEMENTAR.....	81
RESUMO DO TÓPICO 2.....	84
AUTOATIVIDADE	85
TÓPICO 3 – MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL.....	87
1 INTRODUÇÃO	87
2 DENOMINAÇÕES PRESENTES NO BRASIL	87
3 PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS	89
4 PRESENÇA DE MOVIMENTOS ORIENTAIS NO BRASIL	92
5 NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS E A SOCIEDADE BRASILEIRA	93
LEITURA COMPLEMENTAR.....	99
RESUMO DO TÓPICO 3.....	103
AUTOATIVIDADE	104
UNIDADE 3 – DINÂMICA DOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS	107
TÓPICO 1 – REALIDADE DOCTRINÁRIA	109
1 INTRODUÇÃO	109
2 ENTENDENDO O CONTEXTO	110
3 SUPERSTIÇÃO	112
4 ESPIRITISMO	114
4.1 PONTOS FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO	116
4.2 A PRÁTICA ESPÍRITA	117
5 SINCRETISMO	120
LEITURA COMPLEMENTAR.....	125
RESUMO DO TÓPICO 1.....	128
AUTOATIVIDADE	129
TÓPICO 2 – NOVOS CAMPOS DE ATUAÇÃO	131
1 INTRODUÇÃO	131
2 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E POLÍTICA	132
3 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E MÍDIA	134
4 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E ECONOMIA	135
5 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E A EDUCAÇÃO	136
LEITURA COMPLEMENTAR.....	137
RESUMO DO TÓPICO 2.....	139
AUTOATIVIDADE	140
TÓPICO 3 – PLURALISMO RELIGIOSO	143
1 INTRODUÇÃO	143
2 ECUMENISMO	146
3 AS MUDANÇAS DOS GRANDES MOVIMENTOS RELIGIOSOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	147
4 NOVOS DESAFIOS	148
LEITURA COMPLEMENTAR.....	154
RESUMO DO TÓPICO 3.....	157
AUTOATIVIDADE	158
REFERÊNCIAS	159

RELIGIÕES NA CONTEMPORANEIDADE

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Esta unidade tem por objetivos:

- compreender os conceitos para melhor entender a relação e diferença de religião e seita;
- apresentar a tipologia das religiões para localizar cada movimento dentro de cada grupo;
- diferenciar as religiões cristãs das religiões não cristãs e sua atuação com suas características próprias.

PLANO DE ESTUDOS

Esta primeira unidade está dividida em três tópicos. No final de cada um deles, você encontrará atividades que contribuirão para sua reflexão e para análise dos conteúdos explorados.

TÓPICO 1 – COMPREENDENDO RELIGIÃO

TÓPICO 2 – TIPOS DE RELIGIÃO

TÓPICO 3 – RELIGIÕES CRISTÃS E NÃO CRISTÃS

COMPREENDENDO RELIGIÃO

1 INTRODUÇÃO

A realidade dos novos movimentos religiosos traz junto com a dificuldade de compreensão de suas doutrinas a dificuldade de diferenciação de conceitos. Igreja, seita, movimento religioso, contemporâneo e religião são termos que serão utilizados no desenvolvimento desse estudo. As diferenças que o próprio conceito delimita determina a realidade do fenômeno, do seu surgimento e de sua existência. Para facilitar a redação, sempre que tratarmos de Movimentos Religiosos Contemporâneos, vamos abreviar com as iniciais MRC.

Muitas influências chegam até nós por maneiras que não são muito visíveis ou compreensíveis para a maioria das pessoas. Geralmente, as pessoas vivem dentro de um universo cultural e religioso homogêneo, estável, sem experimentar transformações perceptíveis no dia a dia. Somente com uma leitura mais apurada, com olhos mais clínicos, podemos perceber que, muitas vezes, mudamos comportamentos e valores sem nos darmos conta.

Até pouco tempo atrás, as sociedades eram caracterizadas por essa homogeneidade e estabilidade local. Cada pessoa vivia dentro de sua cultura e religião e não tinha experiência direta com outras culturas ou religiões. A maioria das gerações mais velhas de hoje viveram sua infância nesta situação e podem dar testemunho de como as gerações anteriores, em geral, não tinham contato com outras culturas e religiões. Pergunte para seu avô, sua avó. Eles terão grandes histórias para contar.

As religiões existem há, pelo menos, 4.500 anos. A religião era a principal fonte de conhecimento existencial das pessoas e de seus valores. Essa situação mudou drasticamente nos últimos tempos. A capacidade de produção, as melhorias no transporte e comunicações, o aumento maciço na migração e turismo e a inter-relação entre os meios de comunicação social produziram uma globalização da sociedade de hoje, com a integração da humanidade cada vez maior e coletividades cada vez mais interligadas.

Essa globalização precisa ser entendida, estudada, acompanhada por todos os setores da sociedade e também por cada país que vive essa realidade.

Particular atenção deve ser reservada às especificidades locais e às diversidades culturais, que correm o risco de serem comprometidas pelos processos econômico-financeiros em curso: a globalização não pode constituir um novo tipo de colonialismo. Pelo contrário, deve respeitar a diversidade das culturas que, no âmbito da harmonia universal dos povos, são as chaves interpretativas da vida. De forma especial não deve privar os pobres daquilo que lhes resta de mais precioso, inclusivamente os credos e as práticas religiosas, porque as convicções religiosas genuínas constituem a manifestação mais clarividente da liberdade humana. (PONTIFÍCIO CONCELHO DE JUSTIÇA E PAZ, 2005, p. 209).

O isolamento, a homogeneidade e a falta de conhecimento de outros povos e culturas passaram para a história. A pluralidade cultural e religiosa tornou-se característica das sociedades de hoje. Mais e mais homens e mulheres estão experimentando a convivência no pluralismo.

2 CONCEITOS

Entender o conceito dos termos que serão usados neste estudo é importante, porque ali estão embutidos outros aspectos, outras informações que, por vezes, determinam o grupo religioso, os integrantes, as circunstâncias, a etimologia, enfim, vários aspectos que vão além do simples conceito.

Para as pessoas que seguem alguma denominação religiosa ou que vivem na dinâmica religiosa, igreja pode ser muita coisa. Assim, a palavra "igreja" transmite vários significados e está sujeita a muitos usos. Veremos que a etimologia da palavra nos leva até o significado em grego "*ecclesia*" e a palavra "logia" que, quando combinados, denota um estudo das "*ecclesia*" ou os ensinamentos, as doutrinas e a cientificidade sobre a igreja. Também está bem evidente há algum tempo que a palavra igreja carrega fraquezas inerentes como palavra adequada e suficiente para traduzir a palavra grega "*ecclesia*". Vamos lá!

2.1 CONCEITO DE IGREJA

Ekklesia, assembleia, reunião para aqueles que são do Senhor. É o que entendemos na etimologia da palavra igreja. O documento de Puebla explica igreja como "conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam" (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 1973, p. 153).

Em (BÍBLIA, N. T. Atos, 20: 28), o apóstolo Paulo afirma a importância da igreja comparada com o sangue de Cristo para formar o corpo de Deus, pertencente a Deus. Esse corpo, essa igreja pertencente a Cristo congrega todas as pessoas que querem formar comunidade, querem estar reunidas em nome de Deus como resultado da observação que vem com a pregação do Evangelho e é aí que Deus se faz presente e não em monumentos construídos pelas mãos

humanas. Devemos ter a clareza de que a missão de Jesus na Terra não tinha como objetivo fundar uma nova instituição, mas sim, resgatar o ser humano do pecado. Temos no Novo Testamento, passagens que reforçam essa realidade do Cristo que instaura um novo povo e não uma nova instituição:

(BÍBLIA, N.T. Romanos 12: 4-5): “pois assim como num só corpo temos muitos membros e os membros não tem todos a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros”.

(BÍBLIA, N.T. 1 Coríntios, 12: 12): “com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo”.

(BÍBLIA, N.T. Efésios, 5: 23): “porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja e o salvador do Corpo”.

(BÍBLIA, N.T. 1 Coríntios 3:11): “quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo”.

(BÍBLIA N.T.1 Pedro 2: 5): “pois estáveis desgarrados como ovelhas, mas agora retornastes ao Pastor e Supervisor das vossas almas”.

A partir do que o Novo Testamento aponta em seus escritos para entendermos os conceitos de igreja, vamos elencar outras descrições que a Sagrada Escritura nos aponta definindo Igreja como: corpo de Cristo, Reino de Deus, Casa de Deus e Rebanho de Deus.

- O Corpo de Cristo (Colossenses 1:24; Efésios 1:22-23; 4:12). Assim como o corpo humano não pode sobreviver separado da cabeça, não podemos viver sem nossa cabeça, Jesus Cristo (Efésios 5:23; Colossenses 1:18). Discípulos de Jesus são membros do corpo (Romanos 12:4-5; 1 Coríntios 12:12-27; Efésios 3:6; 4:16; 5:30).
- O Reino de Deus ou Reino dos Céus (Mateus 3:2; 4:17; Lucas 4:43; Atos 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31). A ideia de reino ressalta a posição de autoridade do rei (veja 1 Coríntios 4:20; Hebreus 1:8; 12:28-29; Mateus 28:18-20; Apocalipse 12:10). O reino de Cristo não é deste mundo (João 18:36). Em vez de ser uma entidade política e mundana, a igreja é um reino espiritual assentado no caráter santo de Deus. Podemos entrar no reino somente quando formos transformados espiritualmente (Colossenses 1:13). Como servos do Rei, temos que desenvolver as características espirituais de nosso Senhor (Tiago 2:5), incluindo sua humildade e inocência (Marcos 10:14-15) e sua santidade (1 Coríntios 6:9-10; Gálatas 5:19-21).
- A Casa de Deus (1 Timóteo 3:15) não é um edifício material, mas o santuário e a habitação do Senhor (Efésios 2:21-22). É um edifício espiritual (1 Pedro 2:5).

- O Rebanho de Deus (Atos 20:28). Jesus é o bom pastor que deu sua vida pelas ovelhas (João 10:11). As ovelhas ouvem sua voz e o seguem para receber a vida eterna (João 10:27-28).

FONTE: ALLAN, Dennis. **O que é a igreja?** [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<http://www.estudosdabiblia.net/d40.htm>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

Percebermos nessas citações a clara referência à centralidade de Jesus na definição de Igreja, ou seja, não é possível entender igreja sem a pessoa de Jesus como fundador, como cabeça, como líder, como a locomotiva, como condutor do rebanho, dos seus seguidores, daqueles e daquelas que se dispõem a fazer a sua vontade. O fim último da igreja – *ekklesia* – povo de Deus, é chegar ao céu, ao reino de Deus que já começa a ser instaurado aqui na Terra.

2.2 CONCEITO DE SEITA

Uma seita é um pequeno grupo religioso que é um desdobramento de uma religião ou denominação estabelecida e que detém a maioria das crenças em comum com a sua religião de origem, mas tem uma série de novos conceitos que os diferenciam do que seja religião. No entanto, em muitos países, o termo "seita" tem significados negativos associados com a palavra "culto." Os dois termos são considerados sinônimos em alguns casos.

Muitas religiões começaram como seitas. Um exemplo bem conhecido foram os nazarenos. Este foi um movimento de reforma dentro do judaísmo, formado pelos apóstolos de Jesus após a sua execução por volta de 30 d.C. Eles foram amplamente dispersos ou mortos cerca de quatro décadas mais tarde, quando os romanos atacaram Jerusalém e destruíram o templo.

O termo "seitas" pode, portanto, ser considerado um mecanismo normal pelo qual novos movimentos religiosos são gerados. A maioria das seitas morre rapidamente. Outras permanecem. Outras, ainda, crescem e evoluem para um novo movimento religioso estabelecido e são chamadas corretamente de denominações.

Podemos constatar hoje que, até entre os movimentos religiosos, existe um tratamento pejorativo quando se trata de identificar o outro movimento como seita, como heresia, como seita herética, cismática, grupo que se desgarrar e assim por diante. Não se reserva esse tratamento para as ditas igrejas históricas, aquelas que congregam uma história, uma doutrina com ritos e uma crença. Vejamos o seguinte comentário:

Recordemos também, que mesmo os próprios pentecostais, empregam tal gradiente para delimitar internamente seus respectivos espaços no campo religioso, porque, dada a variedade de grupos, visões de mundo, modelos doutrinários e litúrgicos, mutuamente eles se acusam de “cismáticos” e “heréticos”. Por exemplo, é muito divulgado pela IURD o texto “seitas e heresias” de J. Cabral (1994), considerado “teólogo da Igreja Universal”. De modo semelhante, cada grupo pentecostal procura construir uma identidade que expresse, a seu modo, a fidelidade à ortopraxis da Igreja primitiva com relação ao Espírito Santo, colocando todos os demais grupos sob a égide de “seita” e “heresia”. Nesse caso, o substantivo se transformou em adjetivo. Tal situação tornou esse gradiente pouco aplicável à situação da Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã no Brasil ou até mesmo às Testemunhas de Jeová ou aos mórmons. Esses movimentos são seitas? São igrejas? São populares? Representam movimentos de contestação ou de acomodação social? (CAMPOS, 1999, p. 38).

Alguns estudiosos das ciências da religião, aqui diferindo aqueles de diferentes países, colocam junto ao conceito de seita o termo culto e até mesmo acrescido de movimentos religiosos, porque os dois assim são definidos:

Agrupamento religioso diferente daqueles tradicionais, geralmente nascidos a partir de um processo contra uma ordem estabelecida, representando uma ruptura, uma separação diante das crenças, práticas e instituições religiosas. Em geral, rechaçam a autoridade dos líderes ortodoxos, colocada sob suspeita a representatividade destes diante dos serviços religiosos, bem como a da forma da instituição. Em geral, toda religião, em seu início, foi uma seita. Assim, o próprio cristianismo foi uma seita judaica (GUERRIERO, 2006, p. 28).

A Igreja Católica atribuiu, por algum tempo, o termo seita para aqueles grupos religiosos que saíram do protestantismo histórico para formarem novas seitas entre os séculos XVIII e XIX, criando aí uma divisão que coloca a seita como uma igreja menor, separada.

Etimologicamente, podemos definir seita dessa forma:

Em latim *secta*, que vem do particípio passado (*secutus*) de *sequor* (seguir: seguir, ir atrás), no latim antigo era *sectas*. Poder-se-ia também interpretá-lo como derivado do particípio passado *sectus*, de *seco* (*secare*: cortar, separar). No primeiro caso, a palavra seita pode indicar um grupo de seguidores de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, ou de uma doutrina particular; no segundo, pode ser considerada como um grupo separado de uma agregação majoritária. É evidente que, sob o ponto de vista etimológico, o termo seita não exprime juízos de valor sobre as agregações e que pode ser usado também para realidades não religiosas. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2006, p. 13).

Mais adiante, veremos a estrutura que forma a religião: história, ritos e tradição. É um caminho fácil para identificar uma seita e saber se ela pode se estruturar e tornar-se religião ou se realmente ela nunca chegará a evoluir pelas limitações históricas, rituais e de tradição.



Filme "A Festa da Menina Morta".

Santinho é um jovem que teria realizado um milagre após o suicídio de sua mãe. Um filme que mostra pessoas envolvidas em seitas e também a capacidade humana de criar, desenvolver e se enganar com a fé, dando sentido à vida e à morte.



FONTE: Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/festa-da-menina-morta/festa-da-menina-morta.asp>>. Acesso em: 1º ago. 2016.

2.3 CONCEITO DE CULTO

Muitos termos religiosos comuns não apresentam uma definição única, que possa ser comumente aceita. Claro que isto leva à confusão sobre o significado de certos termos, tais como cristão, culto, inferno, céu, paganismo, salvação, feitiçaria, universalista, entre outros. Um leitor deve, muitas vezes, atentar para o contexto em que a palavra é usada, para compreender a intenção do escritor.

Um dos termos mais confusos e perigosos no campo religioso é a palavra culto. A palavra é derivada do francês *culte*, que veio do latim, como substantivo culto. Este último está relacionado com o verbo *colere*, do latim, que significa "para adorar ou dar reverência a uma divindade." Assim, em seu significado original, o termo "culto" pode ser aplicado a qualquer grupo de crentes religiosos: batistas, mórmons, testemunhas de Jeová, católicos, hindus ou muçulmanos, evangélicos, entre outros. No entanto, o termo já foi atribuído a pelo menos oito novos e muito diferentes significados. Para facilitar nossa compreensão, vamos dividir o entendimento de culto em alguns termos mais próximos da nossa realidade.

O termo culto pode ser aplicado como reverente homenagem prestada a um ser ou seres divinos. Nessa concepção, podemos identificar culto como uma forma particular ou sistema de culto religioso, especialmente em referência a seus ritos e cerimônias exteriores.

Ainda nessa perspectiva, podemos identificar culto como devoção ou homenagem a uma pessoa ou coisa particular. Este é o significado histórico da palavra, mas raramente é hoje ouvido fora dos círculos religiosos. Nesta caracterização, podemos trazer como referência o culto a Maria, o culto aos santos, muito comum entre os católicos.

Ao utilizar o filtro cultural, a palavra culto pode ser vinculada a filmes com uma veia religiosa, grupos musicais, ou programas televisivos, dezenas deles veiculados por diferentes religiões.

Podemos também identificar alguns significados com viés sociológico, quando um pequeno grupo religioso desenvolve um estado de tensão com a religião predominante. Por exemplo, o hinduísmo pode ser considerado um culto na América do Norte; enquanto o cristianismo pode ser considerado um culto na Índia.

2.4 CONCEITO DE RELIGIÃO

A etimologia dessa palavra não tem uma origem certa, mas vamos encontrar no latim a palavra *religio*, *religo*, *religare*, ligar: ligação do ser humano a Deus. Aqueles que buscam um sentido além do religioso para a própria religião, a compreendem com um sentido mais puro para conhecer o universo.

De modo geral, podemos assim compreender religião:

É o conjunto de crenças que exprimem a relação de agregações sociais com Deus, com o sagrado, com o divino, com o sobrenatural e com o transcendente, para o qual a pessoa tende, para livrar-se dos vínculos impostos por sua natureza e para realizarem-se plenamente, além do conjunto de ritos, atos, práticas culturais e normas de comportamento dirigidas para a obtenção dessa libertação e realização.

São Tomás de Aquino, na Suma Teológica v. II p. 81, confere à religião prestar reverência ao Deus único, segundo uma razão única, a saber, por ser ele claramente o primeiro princípio da criação e do governo das coisas (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2006, p. 11).

FIGURA 1 – SÍMBOLOS DE VÁRIAS RELIGIÕES



FONTE: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Religious_symbols.svg>.
Acesso em: 1º ago. 2016.

Vários estudiosos da religião têm comentado sobre a dificuldade de definir o que é religião. Ao longo da história da humanidade, pensadores influentes ofereceram suas próprias definições, com maior ou menor grau de certeza, mas praticamente todas essas definições foram consideradas incompletas. Em alguns casos, as definições são demasiadas limitadas, definindo a religião em termos de crenças religiosas ou de cultura específicas, tendendo a excluir as crenças religiosas de outras culturas. Em outros casos, as definições são tão vagas e inconclusivas que não são suficientes para delimitar a religião de outras áreas do pensamento humano, tais como psicologia, direito, economia, filosofia, entre outras.

Há vários problemas na tentativa de elaborar uma definição de religião que não seja excessivamente vaga e geral, mas que ainda seja inconclusiva o suficiente para não deixar de fora nenhuma das crenças e práticas de cunho religioso.

Pela sua natureza, as crenças religiosas tendem a motivar os outros aspectos do comportamento humano para além daqueles que estritamente podem ser considerados de interesse religioso. As estruturas institucionais que promovem a maioria das chamadas grandes religiões do mundo, que veremos no decorrer desse caderno, têm assumido, em seus períodos de crescimento rápido, muitas outras crenças e práticas que têm pouca relação com o núcleo fundacional da religião núcleo, mas que ajudaram uma determinada instituição a acomodar a política e as realidades sociais das suas culturas hospedeiras.

Assim, a chave para se chegar a uma resolução é que a religião sempre começa em uma experiência que algum indivíduo tem, ou na ação de algum pequeno grupo de pessoas. A resposta que esta pessoa ou grupo faz à experiência

original é o que dá início ao processo de interação entre a religião e a comunidade. Em casos extremos, podemos imaginar uma religião que viveu e morreu sem ser conhecida, porque se voltou para dentro de si mesma e nunca criou uma interação com outros membros da comunidade; ou uma religião em que a resposta à experiência original foi tão rapidamente assimilada às tradições da comunidade que nunca conseguiu adquirir uma identidade independente. A maioria das religiões cai em algum lugar entre estes dois extremos: ou deixa de existir por não se abrir, ou se abre tão rapidamente que perde sua identidade original.

2.5 CONCEITO DE MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS

Quando falamos dos movimentos religiosos contemporâneos, para aqueles que acompanham essa realidade, os sentimentos são distintos: credulidade, incredulidade, curiosidade, rejeição, amor, ódio, indiferença, entre outros.

Este termo, novo movimento religioso, ou movimento religioso contemporâneo, é aplicado para as novas religiões ou novas denominações religiosas que surgiram em todo o mundo ao longo dos últimos séculos.

Podemos elencar alguns traços comuns para identificar os novos movimentos religiosos:

- São, por definição, novos. Nasceram nos últimos séculos, ou de forma mais pontual, a partir da 2ª Guerra Mundial.
- Oferecem respostas religiosas inovadoras para as condições do mundo moderno, apesar do fato de que a maioria dos movimentos tem fortes raízes nas tradições antigas.
- São, na maioria das vezes, apontados como contracultura, isto é, eles são percebidos (por outros e por si) para ser alternativas para novas formas de se viver na atualidade.
- Apresentam-se como alternativas para as religiões oficiais e para a cultura dominante.
- São chamados de religiosos porque oferecem uma visão do mundo religioso ou sagrado.
- Oferecem os meios para alcançar objetivos, tais como o conhecimento transcendental, iluminação espiritual, a autorrealização.

O tempo contemporâneo pode ser compreendido dentro da pós-modernidade, que, por sua vez, é a reação, o degrau seguinte da modernidade.

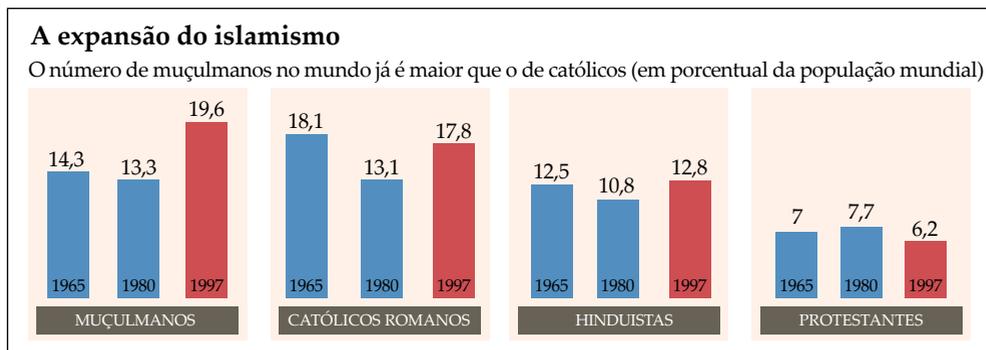
Nessas concepções, existem alguns fatores comuns: o racionalismo, a ciência, os avanços científicos, mudanças de mentalidade e percepção da finitude das coisas. Se a Revolução Industrial teve como marco a invenção da máquina a vapor, o início do tempo contemporâneo pode ser marcado pelo lançamento da bomba atômica, que foi, ao mesmo tempo, a evolução da ciência e a possibilidade real de o ser humano destruir o planeta.

3 IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO

Segundo importantes estudos sobre religião, aponta-se o surgimento, a cada ano, de 3000 a 4.000 novas denominações religiosas. Nesse mesmo período, outras 2000 deixam de existir e, muitas vezes, nem chegam ao conhecimento do grande público.

A figura a seguir nos dá indicativos das religiões que têm maior crescimento hoje no mundo, com dados do ano de 2001.

FIGURA 2 – AS RELIGIÕES QUE MAIS CRESCEM



O fenômeno do crescimento é explicado por que o islamismo expande-se nos países norte-africanos onde o crescimento populacional é maior que a média dos países europeus. O crescimento do número de seguidores do islamismo é mais vegetativo, do que por consequência de proselitismo ou difusão dos preceitos islâmicos entre outras culturas não-islâmicas.

FONTE: Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/MauroFriedrich/emirados-rabes-unidos>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

A figura mostra uma grande diversidade de religiões em todos os continentes, indicado na variedade de cores. O cristianismo vem mantendo um número elevado de adeptos, mas o islamismo já vem sendo indicado como a religião com o maior número de seguidores. Em comum em todas as regiões é a existência de manifestações religiosas independente da sua importância numérica, histórica ou cultural.

A religião tem uma importância em si, quando se vê que o ser humano, em qualquer lugar e tempo, expressa uma religiosidade muito própria e muito caracterizada pelas circunstâncias que o cercam. Em alguns momentos da história, ela é forte, marcante, dominante, em outros, parece invisível, sutil, aparente. Hoje, mesmo com a forte secularização, com o predomínio da ciência, a religião revela sua força quando muitos pisavam na sua fraqueza, tentando enterrá-la no esquecimento e na insignificância. Não é o que vemos.

Esse aparente retorno da religião – enfatizamos “aparente”, pois como pode retornar o que nunca se foi? – tem sido descrito pelos estudiosos como um processo de “reencantamento” do mundo, após um breve período de aposta no “desencantamento”. Numa significativa expressão, muito usada por S.S. Acquaviva, houve apenas um “eclipse da religião”, talvez uma “dessacralização” e não uma “secularização” ou, no dizer de Thomas Luckmann (1973), a religião simplesmente se tornou invisível. São muito estimulantes os comentários de Steve Bruce sobre esse assunto, nos quais ele mostra que a religião no mundo atual tanto expressa um processo de esvaziamento institucional do estilo *cathedrals* como também aponta para o surgimento de cultos mais apropriados aos novos tempos, entre eles a *new age*. Segundo Bruce (1996, p. 234) as denominações religiosas tradicionais não mais podem “produzir melodias que excitam as massas” (CAMPOS, 1999, p. 31).

A frase de Leonildo Silveira: “esse aparente retorno da religião, pois como pode retornar o que nunca foi?” pode ser ligeiramente comparada a uma frase que vemos por aí em *outdoors* pelas nossas cidades, que diz: “Jesus em breve voltará.” Não há identificação da propriedade dos *outdoors*. No entanto, teologicamente, pode-se perguntar: Para onde Jesus foi? Por que voltará? O que é feito do ser humano se Jesus não está aqui? Se vai voltar, é porque não está, e assim por diante.

A religião está em nosso meio, isso é fato. Contudo, ela está numa adaptação às novas necessidades do ser humano, sem perder sua essência de levar esse mesmo ser humano até Deus.

LEITURA COMPLEMENTAR**NOVAS RESPOSTAS**

Leomar Brustolin

Os movimentos religiosos, igrejas e seitas, no caos da cidade, são espaços de reconhecimento diante da exclusão social e da solidão. São alternativas às velhas respostas das tradições religiosas para perguntas novas de contextos recentes.



Esses movimentos ressignificam a dor, a violência, a pobreza e a falta de perspectiva de vida. Propõem cura, libertação, harmonia conjugal e familiar e sucesso financeiro. Oferecem às pessoas esquecidas pelo sistema ou angustiadas pela condição existencial o acesso à fonte da felicidade, que remete à transcendência, ao sagrado e ao divino.

O milagre, o mágico e o emocional são fundamentais nestes novos movimentos. Existe acolhida, cordialidade e reconhecimento pessoal, por meio de testemunhos e partilhas de experiências. O papel de Deus é somente ajudar as pessoas na luta da vida. É uma alternativa ante a religião intelectualizada com doutrinas e teologias formais. Há movimentos dualistas que reagem contra a modernidade, pregam uma moral sexual rígida e opõem-se aos cultos considerados pagãos: feitiços, idolatrias, superstições. Organizam a vida social dentro do movimento e evitam contato com ideais diferentes. Outros absorvem elementos da modernidade e se identificam com práticas da Nova Era, enquanto pretendem valorizar a experiência do sujeito mais do que delimitar um objeto para a fé.

Tendências diversas

É difícil classificar os novos movimentos religiosos, pela complexidade de elementos que se entrecruzam. É possível identificar alguns de base cristã, com acento evangélico e pentecostal. São grupos fundamentalistas, católicos ou protestantes.

Enfatizam a relação pessoal com o Espírito Santo e a mudança de vida, porém não acolhem a diferença. São críticos em relação à prática religiosa tradicional, mas retomam e radicalizam normas, ritos e interpretações das antigas tradições. Sentem-se interpelados às mudanças devido às novas condições da sociedade e da cultura moderna.

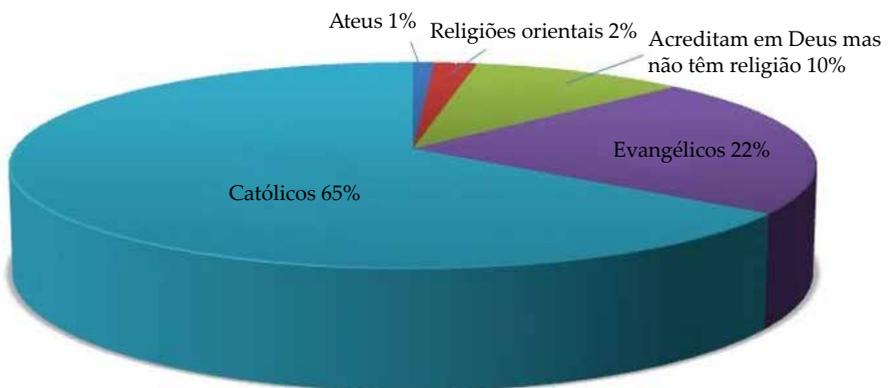
Há também movimentos de origem oriental, que acentuam a experiência religiosa com base no hinduísmo ou no budismo. Nas grandes cidades, oferecem alternativa de reação à cultura e à religião do Ocidente, racionais, pragmáticas e pouco holísticas. Nesse contexto, ressurgem vertentes da gnose, do ocultismo e do esoterismo.

Existem, ainda, movimentos que prometem desenvolver potencialidades humanas desconhecidas. Associam ao dado religioso recursos e técnicas corporais e empregam noções pouco profundas de Psicologia, Física e Astronomia para explicar práticas e crenças. Refletem sobre dimensões cósmicas e ecológicas das religiões e formam um complexo sincretismo.

Por fim, há movimentos que surgem ao redor de um líder dotado de dons e carismas pessoais capazes de persuadir os seguidores, que o têm como inspiração e norma de conduta.

Relação com a sociedade

A definição religiosa dos jovens brasileiros
Idade: de 15 a 24 anos



Os novos movimentos religiosos são rejeitados e criticados porque condenam valores e comportamentos e evocam um mundo menos materialista. Outros assimilam as novas tecnologias e adaptam-se às necessidades e esperanças das pessoas. Finalmente, há movimentos que não se preocupam com a sociedade e sim com o indivíduo. Não fogem da sociedade, mas enfatizam a libertação do ego em vista do bem-estar e da felicidade individual.

Não há entre os novos movimentos engajamento ecumênico. Muitos se fortalecem justamente no afastamento das tradições religiosas históricas e outros pensam de forma exclusiva a relação com Deus.

Poucos entram em iniciativas comuns de Igrejas e religiões na promoção da paz, da ecologia e da justiça.

Quando surgiram os novos movimentos

No Brasil, a urbanização dos anos 1960 trouxe o isolamento e a fragmentação e os movimentos religiosos favoreceram a integração social às novas populações urbanas. Permitiram ao povo reorganizar a vida social, dar sentido ao peso da vida cotidiana e alimentar a esperança.

A partir de 1980, surgiram movimentos neopentecostais, enfatizando que a causa dos males é o demônio e a necessidade de se libertar as pessoas. Passaram a atrair pessoas de níveis sociais mais elevados, à procura de ritos e práticas religiosas capazes de ajudar na reestruturação da personalidade. Nessa perspectiva, difundiu-se a ideia de que o objetivo da procura de Deus é a felicidade neste mundo.

A cultura de massa, atualmente, tende a ajustar a mensagem dos movimentos às novas exigências religiosas. No Brasil, movimentos compraram jornais e redes de TV e de rádio e usaram a internet, bem como as novas tecnologias, para expandir sua mensagem. O enriquecimento de alguns grupos foi surpreendente. A intensa coleta de ofertas baseou-se na ideia de que a pessoa se liberta do diabo mediante desprendimento financeiro em favor do altar. Há um contrato de troca de favores: o fiel dá o dízimo para receber inúmeras bênçãos que garantirão seu bem-estar.

Critérios, com urgência!

A sala de aula é espaço de acolhida e respeito, porém, é necessário ter critérios claros para um conhecimento esclarecedor e significativo na vida dos alunos. É indispensável saber que os novos movimentos religiosos tendem a reduzir a religião à simples procura de realização humana. Fala-se de Deus, mas se deseja satisfazer necessidades vitais.

A linguagem sobre o sagrado permanece na imanência. Por isso, há críticas até para a denominação: “Novos movimentos religiosos”, pois eles têm pouco de religião. Para alguns teóricos, esses grupos decompõem a religião na mágica, ou numa espécie de novo humanismo. Se considerarmos religião, os novos movimentos devem ser vistos como terapia para os processos de violência moderna. Não combatem nem transformam a realidade, mas oferecem paz e segurança para as vítimas do mundo desumanizador.

No eixo das teologias, pode-se mostrar aos alunos que os novos movimentos religiosos proporcionam uma nova leitura da religião ante o transcendente. Diante da fragilidade e dos limites humanos, é preciso propor a relação com o sagrado capaz de organizar a vida, dar-lhe sentido, oferecer responsabilidade e participação e abrir esperanças de futuro, à luz da transcendência.

O desafio dos novos grupos às Tradições Religiosas é o testemunho de que o relacionamento com Deus leva para muito além do individualismo e da necessidade imediata.

FONTE: BRUSTOLIN, Leomar. **A procura do sagrado nas novas expressões religiosas**. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/dialogo/pt-br/?system=paginas&action=read&id=4107>>. Acesso em: 18 fev. 2016.



RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, vimos:

- A evolução dos movimentos religiosos contemporâneos a partir da compreensão dos conceitos.
- A importância da diferenciação de religião, seita, movimento religioso para entender mais adiante a doutrina de cada movimento.
- A religião como parte integrante do ser humano em todo o percurso da história humana.

AUTOATIVIDADE



- 1 Apresente o fim último da igreja.
- 2 Qual o conceito etimológico de religião?
- 3 Qual é o conceito de igreja dado pelo documento de Puebla?
- 4 Qual é o conceito etimológico de seita?

TIPOS DE RELIGIÃO

1 INTRODUÇÃO

O nosso caderno trata de Movimentos Religiosos Contemporâneos, certo? Por que então falarmos de tipos de religião? Simples: os Novos Movimentos Religiosos Contemporâneos surgem de contextos culturais, religiosos e econômicos distintos. Queremos entender, dentro de um contexto geral, a tipologia das religiões que temos hoje nessas cinco grandes realidades: panteísmo, politeísmo, monoteísmo, ateísmo e neopanteísmo. É bem improvável que os Movimentos Religiosos Contemporâneos não se enquadrem dentro de uma dessas cinco tipologias.

2 TIPOS DE RELIGIÃO

Sabemos que, hoje, muitos fiéis não participam exclusivamente de apenas uma confissão. Os tempos colocaram o ser humano no centro do universo e, por isso, ou a partir disso, as pessoas se dão o direito de fazer escolhas. A compreensão da tipologia das religiões nos ajuda a perceber essa nova realidade quando vemos as características e identificamos as religiões dentro desse organograma.

Primeiramente, vamos observar alguns gráficos que apresentam de modo geral características dessa tipologia, em seguida, vamos detalhar um pouco mais as características de cada uma, com aquilo que têm de mais próprio em relação às outras. Vamos começar pelo panteísmo, porque aqui temos o registro das religiões mais antigas, mais primitivas já nas civilizações da Mesopotâmia e praticamente de todos os continentes.

Vejamos alguns elementos comuns das cinco tipologias de religião nesta ordem: épocas de surgimento e predomínio, base literária, mitologia, símbolos e rituais.

QUADRO 1 – ÉPOCAS DE SURGIMENTO E PREDOMÍNIO DAS RELIGIÕES

	ÉPOCAS DE SURGIMENTO E PREDOMÍNIO.
PANTEÍSMO	As mais antigas, remontando à pré-história, onde tinham predominância absoluta, e também presentes em muitos dos povos silvícolas das Américas, África e Oceania.
POLITEÍSMO	Surgem num estágio posterior de desenvolvimento social, tendo sido predominantes na Idade Antiga em todo o velho mundo, e mesmo nas civilizações mais avançadas das Américas pré-colombianas.
MONOTEÍSMO	Mais recentes, surgindo a partir do último milênio a.C. e predominando da Idade Média até a atualidade.
ATEÍSMO	Surgem a partir do século V a.C., tendo vingado somente no Oriente e no Ocidente, ressurgindo somente após a renascença numa forma mais filosófica que religiosa.
NEOPANTEÍSMO	Embora possuam representantes em todos os períodos históricos, popularizam-se ou surgem a partir do século XVIII.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

Deste grupo, vamos destacar o monoteísmo e você, acadêmico, vai perceber o porquê.

O Islamismo, Cristianismo e Judaísmo são exemplos de religiões monoteístas, em que há uma crença em um único Ser Supremo. Esta forma de religião inclui praticantes, como padres, pastores, rabinos, irmãs e aiatolás, que são líderes sancionados pela organização religiosa para a prestação de serviços e rituais religiosos.

O monoteísmo refere-se a uma religião com um único deus. O que podemos identificar é que as religiões monoteístas são mais comuns em sociedades que são estruturadas como estados, com um sistema político que é centralizado, como os países modernos do mundo de hoje.

Às vezes, religiões monoteístas incluem uma variedade de figuras que são honradas e homenageadas de forma especial. Por exemplo, o catolicismo exalta certas figuras dentro do seu sistema de crença, como Maria, mãe de Jesus, e os santos, como merecedores de devoção especial, embora eles não sejam considerados deuses para serem adorados. Outras religiões monoteístas podem celebrar os seus profetas ou aqueles que foram os primeiros seguidores do fundador de determinada religião.

Algumas religiões podem parecer ter vários deuses e ainda têm elementos de monoteísmo. O hinduísmo, por exemplo, usa muitas formas de expressar o conceito de uma divindade. A religião também é praticada de diferentes maneiras, dependendo do indivíduo e da região.

QUADRO 2 – BASE LITERÁRIA DAS RELIGIÕES

	BASE LITERÁRIA
PANTEÍSMO	Próprias de culturas ágrafas, não possuem, em geral, qualquer forma de base escrita, sendo transmitidas por tradição oral.
POLITEÍSMO	Nas sociedades letradas, possuem frequentemente registros literários sobre seus mitos e, mesmo nas ágrafas, possuem tradições icônicas mais elaboradas.
MONOTEÍSMO	Possuem Livros Sagrados definidos e que padronizam as formas de crença, servindo como referência obrigatória e trazendo códigos de leis. São tidos como detentores de verdades absolutas.
ATEÍSMO	Possuem textos básicos de conteúdo predominantemente filosófico, não possuindo, entretanto, força dogmática arbitrária, ainda que sendo também revelados por sábios ou seres iluminados.
NEOPANTEÍSMO	Seus textos são, em geral, filosóficos, embora possuam mais força doutrinária, não incorrendo, porém, em dogmas arbitrários.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

Vamos nos aprofundar um pouco mais no politeísmo? Vários pensadores, religiosos ou não, se debruçaram sobre o estudo do politeísmo. Sabemos que este grupo, a partir de sua base literária, pode ser dividido em sociedade letrada e sociedade ágrafa. Nas duas vertentes, a produção literária se desenvolveu de forma muito bem elaborada. Vamos lá.

Séculos XVII e XVIII. Período conhecido como “das Luzes”, o Iluminismo. Neste período, surge o conceito de politeísmo. Antes disso, os europeus tinham caracterizado o universo religioso em termos de cristianismo, judaísmo e paganismo.

No século XVI, o frade franciscano Bernardino de Sahagun, em seu relato extremamente detalhado e sensível da religião e cultura mexicana pré-colombiana, faz um paralelo das várias divindades astecas com seus equivalentes romanos. É muito próximo do que vemos nos filmes atuais quando fazem uma miscelânea de diferentes culturas, misturando cultura grega, com romana, com egípcia, entre outras.



Como sugestão, veja o filme “Percy Jackson e o ladrão de raios” e suas continuações, ou um filme mais atual, “Deuses do Egito”. Exemplos não faltam!



No *link* que segue, você pode encontrar mais informações de Bernardino de Sahagun: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1325/1030>>.

Se nos atentarmos para a história em si mesma, vamos perceber que o politeísmo apareceu antes do monoteísmo, visto que temos registros da preocupação das pessoas com as doenças, com as colheitas, com os efeitos da natureza, boas ou ruins e, para esses eventos, indicava-se uma divindade. Em todos esses fatos, você, acadêmico, vai lembrar das aulas de história.

Com o evoluir da história, essas percepções vão dando lugar a uma compreensão muito mais racional do mundo em termos de um único ideal criador. Em outras palavras, o monoteísmo. Seja no monoteísmo, panteísmo, politeísmo, ateísmo ou neopanteísmo, a mitologia também se faz presente.

QUADRO 3 - MITOLOGIA

	MITOLOGIA
PANTEÍSMO	Deus é o próprio mundo, tudo está interligado num equilíbrio ecossistêmico e místico. Crê-se em espíritos e geralmente em reencarnação, é comum também o culto aos antepassados. Procura-se manter a harmonia com a natureza, e o mundo comumente é tido como eterno.
POLITEÍSMO	Diversos deuses criaram, regem e destroem o mundo. Relacionam-se de forma tensa com os seres humanos, não raro hostil. As lendas dos deuses se assemelham a dramas humanos, havendo contos dos mais diversos tipos.
MONOTEÍSMO	Um Ser transcendente criou o mundo e o ser humano, há uma relação paternal entre criador e criaturas. Na maioria dos casos, um semideus se rebela contra o criador, trazendo males sobre todos os seres. Messias são enviados para conduzir os povos, profetiza-se um evento renovador violento no final dos tempos, quando a ordem será restaurada pela divindade.
ATEÍSMO	O Universo é uma emanção de um princípio primordial "vazio", um Não-Ser. Crê-se na possibilidade de evolução espiritual por meio de um trabalho íntimo, crê-se em diversos seres conscientes dos mais variados níveis e geralmente em reencarnação.
NEOPANTEÍSMO	Acredita-se em geral no Monismo, uma substância única que permeia todo o Universo num Ser único. São, em geral, reencarnacionistas e evolutivas. A desatribuição de qualidades do Ser supremo por vezes as confunde com o Ateísmo.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

Vimos no quadro anterior que, quando se trata de mitologia, para o ateísmo, há uma possibilidade de reencarnação a partir de uma evolução espiritual. Tratando-se de um ateuista, soa um pouco estranho. Vejamos, então.

É fato: já existem países no mundo que têm mais pessoas que não acreditam em Deus do que crentes. Quer um exemplo? Pela primeira vez na história, a Noruega tem agora mais pessoas que não acreditam em Deus, com 39 por cento de ateus e 37 por cento de crentes.

Vamos então para o *ranking* de países com o maior número de ateus?

Em primeiro lugar, temos a Irlanda, país que fica localizado na Europa.

Na Irlanda, algumas escolas do ensino primário agora têm aulas de ateísmo, agnosticismo e humanismo no curso de introdução aos sistemas de crenças que abrange mais de 16.000 alunos. A educação do país disse que a medida é necessária porque ao ensinar a crença, você também deve apresentar o outro lado (a descrença). A proporção de ateus no país é de 10%, religiosos 47%, não religiosos 44% e os que não sabem 0% (GRAFF, 2015, s.p.).

FIGURA 3 - CRIANÇA IRLANDESA COM A BANDEIRA DO PAÍS



FONTE: Disponível em: <<http://www.ultracurioso.com.br/wp-content/uploads/2015/11/original1.jpg>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Em segundo lugar, temos a Austrália, país da Oceania, em alguns aspectos parecido com o Brasil.

Na Austrália, o estado de Victoria ajudou economicamente na Segunda Convenção Global Ateísta, que foi realizada em abril de 2012 na cidade de Melbourne. Com o argumento de que em 2010 o governo destinou 2 milhões de dólares para a realização do Parlamento das Religiões do Mundo, a Fundação Ateísta da Austrália obteve o apoio porque pediu igualdade no tratamento. No país, a proporção de ateus são apenas 10%, religiosos 37%, as pessoas que não tem religião são 48% e que não sabem 5% (GRAFF, 2015, s.p.).

FIGURA 4 – BANDEIRA DA AUSTRÁLIA



FONTE: Disponível em: <http://www.ultracurioso.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Dollarphotoclub_67042421.jpg>. Acesso em: 21 ago. 2015.

Em terceiro lugar, voltando para o continente europeu, temos a Islândia, país gelado bem ao norte da Europa.

Na Islândia, quando se pergunta para as pessoas em quem elas acreditam, a maioria responde que é em si mesmo. No país, são ao todo uma proporção de 10% de ateus e 57% de religiosos. Os números de pessoas que não tem religião são de 31% e que não sabem apenas 2%. Bom, o número de religiosos é bem grande, porém a maioria tem uma visão um pouco diferente de religião (GRAFF, 2015, s.p.).

FIGURA 5 - ISLÂNDIA



FONTE: Disponível em: <https://webnoticias.fic.ufg.br/up/78/o/2142325-View_over_Reykjavik-Reykjavik.jpg?1398256980>. Acesso em: 9 dez. 2015.

Em quarto lugar, como país com maior número de ateus temos a Áustria, terra natal de Mozart, de Freud, de Wittgenstein. Nesse país, que compõe atualmente a zona do Euro,

a lei permite que os religiosos usem chapéus ou véus que são obrigatórios pela religião na foto da habilitação de motorista. E com a intenção de obter direitos iguais, o ateu Niko Alm, conseguiu convencer a lei que aceitasse sua foto com um escorredor de macarrão na cabeça, um pouco inconveniente, mas deu certo. A proporção de ateus no país é de 10% e dos religiosos são 57%. Os não religiosos chegam a 31% e os que não sabem apenas 2% (GRAFF, 2015, s.p.).

FIGURA 6 - ÁUSTRIA



FONTE: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=austria&espv=2&biw=1600&bih=799&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKewiordyxkPPMAhUKlpAKHWyoAdwQsAQIMA#imgrc=bewbbMqVxax4uM%3A>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Em quinto lugar, temos a Holanda, seguida da Alemanha. Poderíamos elencar as 10 mais, mas essas elencadas já são suficientes para termos uma ideia. Se fôssemos utilizar a metodologia de proporcionalidade em relação aos países com maior número, independente da porcentagem, teríamos um *ranking* diferente. Nessa formatação, a China viria em primeiro lugar com o Japão em segundo.

Os símbolos têm uma importância fundamental na vida das pessoas, como, por exemplo, a sinalização de trânsito. Para a religiões, os símbolos são parte integrante desde o seu início. Vejamos, então:

QUADRO 4 - SÍMBOLOS

	SÍMBOLOS
PANTEÍSMO	Utilizam no máximo totens e alguns outros fetiches, é comum o uso de vegetais, ossos, ou animais vivos ou mortos.
POLITEÍSMO	Surgem os ídolos zoo ou antropomórficos na forma de pinturas e esculturas em larga escala. A simbologia icônica se torna complexa em alguns casos, resultando em formas de escrita ideográfica.
MONOTEÍSMO	O Deus supremo geralmente não possui representação visual, mas os secundários sim. Utilizam símbolos mais abstratos e de significados complexos.
ATEÍSMO	O Não-Ser supremo não pode ser representado, mas há muitas retratações dos seres iluminados. Há vários símbolos representativos da natureza e metafísica do Universo.
NEOPANTEÍSMO	Diversos símbolos e mitos de diversas outras religiões são resgatados e reinterpretados, também não há representação específica do Ser Supremo, mas pode haver de outros seres elevados.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

Vamos abordar um pouco mais sobre essa temática da simbologia nos pontos seguintes. A seguir, temos o relato de como os rituais se desenvolvem nos cinco grupos religiosos:

QUADRO 5 - RITUAIS

	RITUAIS
PANTEÍSMO	Geralmente ligados à natureza e ocorrendo em contato com essa. É comum o uso de infusões de ervas, danças, oráculos e cerimônias ao ar livre.
POLITEÍSMO	Passam a surgir os templos, embora, em geral, não abandonem totalmente os rituais ao ar livre. Em muitos casos, ocorrem os sacrifícios humanos, oráculos e as feitiçarias de controle ambiental.
MONOTEÍSMO	Geralmente restritas ao templos, as hierarquias ritualistas são mais rígidas, não há oráculos pessoais mas sim profecias generalizadas com base no livro sagrado. Não há rituais de controle ambiental.
ATEÍSMO	Embora ainda comuns nos templos, são também frequentes fora destes. Desenvolvem-se técnicas de concentração, meditação e purificação mais específicas, baseadas antes de tudo no controle dos impulsos e emoções.
NEOPANTEÍSMO	Em geral baseados no uso de "energias" da natureza. Não mais têm influência nos processos civis, sendo restritos a curas, proteção contra ameaças físicas e extrafísicas.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

Estes quadros anteriores nos esclarecem muitos pontos sobre o monoteísmo, panteísmo, politeísmo, ateísmo e neopanteísmo. É muito difícil algum dos Movimentos Religiosos não fazer parte de alguma dessas divisões.

Vamos ver mais algumas características gerais e também alguns movimentos representativos de cada tipologia.

2.1 PANTEÍSTA

No panteísmo, temos o registro das religiões mais antigas, mais primitivas, como, por exemplo, nas civilizações da Mesopotâmia, e se faz presente em praticamente todos os continentes.

Um exemplo seria, de acordo com Léo Artése (2016, s.p.):

A figura da gruta de Les Trois Frères nos Pirineus franceses que foi chamada de **Feiticeiro Dançador**, é considerada por alguns estudiosos como representando um xamã. Uma criatura masculina vista de perfil olha de frente para quem a contempla com os seus olhos muito redondos. Todas as partes da sua anatomia parecem pertencer a um determinado animal: orelhas de lobo, chifres de veado, rabo de cavalo e patas de urso. E, no entanto, o efeito geral é notoriamente humano. Outra interpretação possível é a de que represente um espírito Senhor dos Animais personificando simultaneamente a essência de todas as espécies.

FIGURA 7 – FEITICEIRO DANÇADOR



FONTE: Disponível em: <<http://www.xamanismo.com.br/Universo/SubUniverso1186617496>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

A palavra panteísmo vem do grego *pan* - tudo, *theos* – Deus. John Toland, em seu livro “Socinianism truly Stated”, em 1705, fez, pela primeira vez, o uso da palavra panteísmo

Para essas religiões panteístas, Deus e essa condição já vêm desde os primórdios do ser humano na Terra, já havia essa divinização começando pela natureza, chegando ao ser humano, criando aí uma dependência que chega à submissão.

As religiões primitivas são PANTEÍSTAS, acreditando num grande "Deus-Natureza". Todos os elementos naturais são divinizados, atribuem-se "inteligências" espirituais ao vento, à água, ao fogo, a populações animais, entre outros.

Há uma clara noção de equilíbrio ecossistêmico, em que são comuns ritos de agradecimento pelas dádivas naturais e pedidos às divindades da natureza, em alguns casos requisitando autorização mesmo para o consumo da caça que, embora tenha sido obtida pelo esforço humano, seria, na verdade, permitida, se não ofertada, pelos entes espirituais.

A relação de dependência do ser humano com o ecossistema é clara, assim como a de parentesco e de submissão. As entidades elementares da natureza estão presentes em toda a parte, conferindo a onisciência do espírito divino. Embora haja a tendência da predominância de uma presença mística feminina, a "mãe-terra", o elemento masculino também é notável a partir do momento em que os seres humanos passam a compreender o papel do macho na reprodução. Ocorre então a presença de dois elementos divinos básicos, o Feminino e Masculino universal.

É um domínio de pensamento transcendente, mais compatível com a subjetividade e a síntese, não sendo então casual que este seja o tipo religioso em que as mulheres mais tenham influência. A presença de sacerdotisas, bruxas e feiticeiras é, em muitos casos, muito mais significativa que a de seus equivalentes masculinos.

Todas essas religiões são ágrafas, sem escrita, com exceção, é claro, dos neopanteísmos contemporâneos. Portanto, são as mais envoltas em obscuridade e mistérios, não tendo deixado nenhum registro além da tradição oral e de vestígios arqueológicos.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Vejamos algumas denominações que assumem o panteísmo devido às suas características comuns. Poderemos ver, entre elas, grupos que são nativos de regiões distintas, de continentes diferentes, longínquos, mas que, pela religiosidade, se tornam próximas.

Algumas denominações:

- religiões silvícolas amazônicas, africanas;
- indígenas norte-americanas;
- xamanismo;
- religiões célticas;
- druidismo.

2.2 POLITEÍSTA

Num primeiro momento, podemos achar que panteísmo e politeísmo são a mesma coisa. Não são. Alguns estudiosos perceberam que aquelas religiões desse grupo, quando inseridas em uma sociedade que vai evoluindo, que vai se tornando complexa em seu desenvolvimento principalmente cultural, vai transformando o politeísmo numa evolução do panteísmo, ou, no mínimo, o passo seguinte do panteísmo. Se para o panteísmo Deus é tudo, no politeísmo Deus é plural, um plural de coisas nas coisas. Vamos então verificar como surge o politeísmo e suas principais características. O surgimento do politeísmo vai acontecer:

Onde os elementos divinos são então personificados com qualidades cada vez mais humanas. O que era antes apenas a Água, um ser de essência espiritual metafísica e sagrada, agora passa a ser representada por uma entidade antropomórfica ou zoomórfica relacionada à água.

No princípio, as características dessas divindades não são muito afetadas, mas, com o tempo, a imaginação humana ou a tentativa de se adequar as religiões às estruturas sociais, elas ficam cada vez mais parecidas com os seres humanos comuns, surgindo, então, entre os deuses, relacionamentos similares aos humanos, inclusive com conflitos, ciúmes, traições, romances etc. Cada vez mais, os deuses perdem características transcendentais até que a "degeneração" chegue ao ponto de estes se relacionarem sexualmente com seres humanos, o que significa a perda da natureza metafísica, da característica invisível, ou mais, de haver relações físicas e pessoais de violência entre humanos e divindades, sem qualquer caráter transcendente.

Em muitos casos, é difícil distinguir com clareza se determinadas religiões são pan ou politeístas. Mesmo no estágio Panteísta, por vezes, pode-se identificar com muita evidência algumas personificações das entidades divinas, mas algumas características como as citadas no parágrafo anterior são exclusivas do politeísmo. É possível que os elementos que contribuam ou realizem essa transição sejam o Animismo, Fetichismo e Totemismo.

Ocorre também uma relativa equivalência entre deidades femininas e masculinas, embora as masculinas mostrem sinais de predominância à medida

que o sistema de crenças se torne mais mundano, características de uma fase mais racional e técnica, em que, muitas vezes, a religião politeísta caminha junto com filosofias da natureza.

É sempre nesse estágio também que as sociedades desenvolvem escrita, ou pelo menos passam a utilizar símbolos abstratos e códigos visuais mais elaborados, no caso do politeísmo asiático, egípcio e europeu, por exemplo, que evoluiu para um sistema de escrita complexo.

Muitas destas religiões têm, então, narrativas de seus mitos em forma escrita, mas tais não possuem o valor e a significância de uma Revelação propriamente dita.

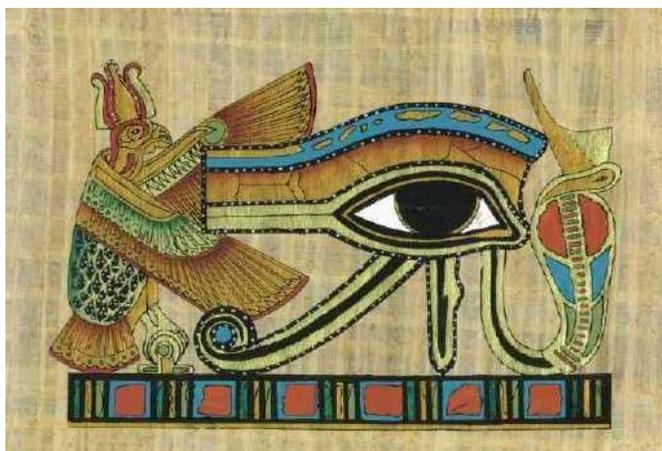
Num estágio final, tende a ocorrer o fenômeno da Monolatria, em que a adoração se concentra numa única divindade, o que pode ser o ponto de partida para o Monoteísmo.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Vamos elencar algumas denominações e também alguns povos que se caracterizavam justamente pela religião como fator dominante da sociedade em sua duração na história da humanidade.

- Religião Egípcia.
- Xintoísmo.
- Mitologia Nórdica.
- Religião Asteca, Maia e Inca.

FIGURA 8 – RELIGIÕES POLITEÍSTAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=673>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

2.3 MONOTEÍSTA

As religiões que podemos incluir nesse grupo são as mais contemporâneas e também as que têm um crescimento numérico mais expressivo nos dias atuais, contendo, em suas fileiras, metade dos mais de 6 bilhões de habitantes desse nosso mundo. No monoteísmo, Deus é um, mesmo que seja para algumas religiões desse grupo três pessoas distintas - Pai, Filho e Espírito Santo, distintas como função, mas consubstanciais, sendo todas presentes em uma e uma presente em todas.

FIGURA 9 - PEIXE- SÍMBOLO CRISTÃO PRIMITIVO, 2º SÉCULO D.C.



FONTE: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristianismo>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

A palavra monoteísta também vem do grego *mono*, um, somente um e teísmo, *theos*, Deus. Aqui, Deus é o criador, senhor do mundo, espírito eterno, todo poderoso, todo bondade.

O monoteísmo não é a crença em uma única divindade, mas sim a soberania absoluta de uma. A própria teologia judaico-cristã-islâmica adota hierarquias angélicas que são inclusive encarregadas de reger elementos específicos da natureza.

Um elemento que caracteriza mais claramente o monoteísmo mais específico, Zoroastrista, Judaico, Cristão, Islâmico e Sikh é, antes de tudo, a ausência ou escassez de representações icônicas do Deus supremo, e sua desatribuição parcial de qualidades humanas, nem sempre bem-sucedida. Já as entidades secundárias são comumente retratadas artisticamente.

A própria mitologia grega, por meio da Monolatria, já estaria a dar sinais de se dirigir a um monoteísmo similar ao que chegou a religião Hindu, ou a egípcia, com a instituição do deus único Akhenaton, embora ainda impregnadas fortemente de Politeísmo e até de reminiscências Panteístas no caso do Bhramanismo. Zeus assomava-se cada vez mais como o regente absoluto do Universo. Entretanto, um certo obstáculo teológico impedia que tal mitologia atingisse um estágio sequer semi-Monoteísta. Zeus é filho de Chronos, neto de Urano, essa descendência evidencia sua natureza subordinada ao tempo, ele não é eterno ou sequer o princípio em si próprio, que é uma característica obrigatória de um Deus Uno e absoluto como Bhraman ou Jeová.

Um fator complicador é que todas essas religiões, apesar de seu princípio Uno, são também dualistas, pois contrapõem um deus do Bem contra um do Mal. Entretanto, não se presta "Sob Hipótese Alguma!", qualquer culto ao deus maligno, como ocorre nas politeístas. Saber se o deus maligno está ou não sujeito afinal ao deus supremo é uma discussão presente há mais de 3.000 anos.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

De acordo com o que vimos, temos algumas informações que podem esclarecer o surgimento do monoteísmo.

- O politeísmo, por si só, gera uma confusão coletiva que busca um mínimo de organização para aqueles crentes que precisam de uma ordem em sua religiosidade.
- Os muitos deuses, por vezes, não respondem aos anseios e por isso um só Deus pode suprir essa lacuna com uma hierarquia organizativa.

As diferenças são mais claras das outras tipologias e que vão caracterizar o monoteísmo.

Diferentemente do estado Panteísta original, não ocorre harmonia entre os opostos, e um deles passa a ser privilegiado em detrimento do outro. Sendo assim, onde antes ocorria a divinização dos aspectos Masculinos e Femininos do Universo, e a sacralidade da união, aqui ocorre a associação de um com o maligno, fatalmente do elemento Feminino uma vez que todas as religiões monoteístas surgiram na fase patriarcal da humanidade.

Já os monoteísmos posteriores, mais afastados do fenômeno panteísta, entram em choque mais evidente com o Politeísmo, que geralmente está em estado caótico. Ocorre um abafamento da religião anterior pela nova e seu caráter patriarcal e associado à violência, especialmente a partir do Judaísmo, se impõe de forma opressiva. As divindades femininas são erradicadas ou demonizadas, sendo então obrigatoriamente associadas ao elemento maligno do Universo. Esse fenômeno acompanha a queda da condição social feminina na sociedade.

Embora as teologias monoteístas, especialmente na atualidade, se esforcem para afirmar o contrário, o deus único Hebreu, Cristão e Islâmico, basicamente o mesmo, assim como o do anterior Zoroastrismo e posterior Sikhismo, são nitidamente masculinos, aparentemente renegando o aspecto feminino divino do Universo, mas, na verdade, o absorvendo, uma vez que, ao contrário de deuses "supremos" Politeístas como Zeus, Osiris e Odin, eles são carregados de atribuições de amor e compaixão, embora ainda conservem sua Ira divina e seus atributos violentos, o que resulta em entidades complexas, que possuem aspectos paternos e maternos simultaneamente.

Tal como a própria emocionalidade, esse é o período mais contraditório da evolução do pensamento Teológico. Apesar de estar sob o domínio de uma característica de predominância subjetiva, é o momento em que as sociedades se mostraram paradoxalmente mais androcáticas. Os elementos femininos são absorvidos pelo Deus Único, dando a ele o poder de atrair e seduzir as massas pela sua bondade, mostrando sua face benevolente, mas, por outro lado, a espada da masculinidade está sempre pronta a desferir o golpe fatal em quem se opuser a sua soberania.

Tal união confere aos deuses monoteístas um poder supremo inigualável e tal contradição, tal desarmonia intrínseca, resultou, não por acaso, no período religiosamente mais violento da história. As religiões monoteístas, especialmente o trio Judaísmo-Cristianismo-Islamismo, são as mais intolerantes e sanguinárias da história.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Vamos elencar algumas denominações que fazem parte desse grupo monoteísta:

- Judaísmo.
- Cristianismo.
- Islamismo.
- Bhramanismo.
- Zoroastrismo.
- Sikhismo.

2.4 ATEÍSTA

Neste grupo, a negação da existência de Deus é total e, se ele não existe, nada criou, nada controla, nada faz. O Deus supremo, criador, onipresente pregado e seguido pelas outras religiões, aqui não tem sentido nenhum, nem como pensamento imaginativo.

Se o monoteísmo tenta acabar com o politeísmo e estabelecer uma nova ordem por algum tempo, acaba por também se mundanizar. As autoridades religiosas interferindo fortemente na política e na estruturação social enfraquecem como símbolos transcendentais. A inflexibilidade fundamentalista do sistema se revela injustificável ante a problemática social e as conquistas e descobertas filosóficas e científicas e, num dado momento, o sentimento de descrença é tal que se deixa de acreditar num deus. Surge o ateísmo.

Geralmente, o ateu não é aquele que desacredita no “invisível”, de qualquer forma de *Téos*, mas sim o que descrê dos deuses personificados e corrompidos. Afinal, até o mais materialista e cético dos cientistas trabalha com forças invisíveis! Fenômenos da natureza ainda inexplicáveis.”

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Podemos, por vezes, entender que o ateísmo não seja de todo ateu, mas apenas que não acredita na infinidade de deuses gerados pelo capricho das pessoas que, a qualquer circunstância ou necessidade, criam deuses sem nenhum embasamento teológico, moral e até humano.

FIGURA 10 - ATEÍSMO



FONTE: Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/religiao/ateismo.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

O surgimento do ateísmo religioso se deu de forma distinta no Oriente e no Ocidente. Se, por um lado, ele surge na forma de movimentos religiosos, jainismo e budismo no Oriente, no Ocidente desenvolve-se em dois momentos: na Grécia Antiga, por Aristóteles e, num segundo momento, no Iluminismo, após a Renascença.

No caso do Oriente, o ateísmo religioso surge principalmente na Índia, sob a forma do budismo e do jainismo, e, na China, sob o taoísmo e o confucionismo. Todas essas religiões possuem textos base com certo grau de respeitabilidade mística ou filosófica, mas o grau de liberdade com que se pode reinterpretar ou mesmo discordar destes textos é incomparável em relação aos livros sagrados monoteístas.

É nesse nível que muitas posturas passam a ser desconsideradas como religiões, sendo tidas em geral como filosofias. No Ocidente, tal movimento ocorreu também na Grécia Antiga, por meio de filósofos da natureza, que estabeleciam como princípio primário universal alguma "substância" completamente impessoal. Mais especificamente, Aristóteles colocava o motor imóvel como o princípio primário, e Plotino estabelecia o uno. Essa breve ascensão do ateísmo filosófico e científico ocidental foi logo minada pelo sucesso do monoteísmo cristão.

O ateísmo no Ocidente só surgiu novamente após a Renascença, no Iluminismo, em que outras formas filosóficas se desenvolveram, mas a mistura dessas com os neopanteísmos e o avanço científico em geral, resulta num quadro difícil de se diferenciar. O ponto mais complexo na verdade, é que ateísmo e panteísmo se confundem.

FONTE: Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/Religiao.html>>. Acesso em: 9 dez. 2015.

Os ateus argumentaram que a evidência a favor da existência de Deus é muito fraca, ou os argumentos a favor de concluir que não há Deus são mais convincentes. Tradicionalmente, os argumentos para a existência de Deus têm se pulverizado em vários campos: no ontológico, no teleológico, nos argumentos cosmológicos etc.

Veja, acadêmico, que nesses grupos religiosos, o mito aparece com frequência, então cabe aqui discutirmos um pouco sobre essa realidade.

A sociedade industrial do final do século XIX e começo do século XX não tem um formato de crenças que possam ser compartilhadas e também não há uma mitologia comum. Seus membros se agarram a um conjunto de crenças desconectadas e são vagamente familiares com fragmentos de muitos mitos. A vantagem que algumas novas religiões têm nesta situação é que elas trazem poderosas mitologias integradas em suas experiências.

As mitologias de novos movimentos religiosos são criadas a partir de inúmeros mitos desconexos encontrados na sociedade em geral. Às vezes, sem querer, juntando esses mitos não relacionados em conjuntos coerentes, as novas religiões criam um senso de continuidade com o passado. Por meio do uso de mitos tradicionais, eles são capazes de dar uma profundidade histórica evidente que legitima suas reivindicações para ser portadores de uma nova cultura. Se apreciamos como os mitos são usados pelos líderes e seguidores de novas religiões, é importante refletirmos sobre a função do mito na sociedade como um todo, indo além da religião.

Provavelmente, a área mais influente para o crescimento dos mitos pessoais é no campo da saúde e da cura. Vemos muitos mitos de cura com histórias sobre “espíritos ruins”, por exemplo, e outras formas alternativas de cura vividas por indivíduos em situações específicas. Eles cobrem uma vasta gama de crenças, de ideias cristãs tradicionais sobre a oração para o uso de poderes psíquicos. Muitos deles envolvem alegações de curas milagrosas, porém, é impossível verificar tais afirmações. No entanto, é tão grande o leque de terapias alternativas que a crescente demanda do público levou a mudanças na lei em vários países que permitem práticas alternativas.

2.5 NEOPANTEÍSMO

As religiões dessa tipologia marcaram presença em praticamente todos os períodos da história da humanidade. A sua popularização mais evidente aconteceu a partir do século XVIII.

O neopanteísmo pode ser identificado a partir do resgate de diversos símbolos, mitos, representações de outras religiões, adicionados a outros tantos seres, resultando numa reinterpretação que quer ser original. Por meio do uso das energias que emanam da natureza, as religiões neopanteístas vão primar pelas curas, pela proteção a tudo aquilo que ameaça o ser humano, seja fisicamente ou de uma maneira extrafísica.

A crença no monismo dos neopanteístas os leva a defenderem o reencarnacionismo e também o evolucionismo.

A filosofia é o forte no neopanteísmo, dando todo o embasamento para suas doutrinas e dogmas.

Podemos identificar algumas religiões que integram esse grupo:

- Racionalismo Cristão.
- Neognosticismo.
- Teosofia.
- Confucionismo.
- Ateísmo filosófico.
- Budismo.
- Jainismo.

FIGURA 11 – EMBLEMA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA



FONTE: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teosofia>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Quando utilizamos o filtro da ética, o neopanteísmo a utiliza como base para a sobrevivência do ser humano, para seu bem-estar, para a promoção de virtudes da igualdade sexual e autorresponsabilidade. Esta ética é guiada pela ciência e pela razão. Parece óbvio quando vemos alguns personagens que são referendados por esse movimento neopanteísta e que tiveram muita expressão em sua área de conhecimento, como, por exemplo, Charles Darwin, Albert Einstein. Anteriormente, vimos que o panteísmo pode ter sido a primeira religião da humanidade. Os estoicos gregos já manifestavam sua religiosidade no contexto do panteísmo. Assim, podemos identificar que o fato de Charles Darwin ter desenvolvido algumas reflexões que se reportavam a uma ideia panteísta, assim como Albert Einstein ter muita consideração por Spinoza, não confirma que eles sejam panteístas ou representantes do neopanteísmo.

LEITURA COMPLEMENTAR

Rainer de Sousa

Ao falar sobre o ateísmo, muitos tendem a simplificar tal ideia ao mero conjunto de pessoas que negam a existência de um ou vários deuses. Contudo, o desenrolar dessa questão está cercado de âmbitos mais complexos marcados pela postura e os pressupostos que definem as diferenças entre cada um dos descrentes. Dessa forma, podemos apontar que o ateísmo se desdobra em formas múltiplas de se reconhecer e agir em um mundo desprovido de deuses.

Para alguns ateus, a inexistência das divindades não se limita ao mero espectro de se colocar a presença dessas em dúvida. Além de não acreditarem em Deus, muitos ateus defendem que seja possível – por meio de argumentos racionalmente constituídos – comprovar a ideia de que os deuses e sua realidade espiritual não sustentam a criação do mundo em que vivemos. Dessa forma, os integrantes do chamado “ateísmo forte” abraçam o desenvolvimento de um diálogo avesso à existência divina.

Em contrapartida, existem alguns ateus que encaram o ponto da insistência divina como uma opção de âmbito pessoal. Ao invés de se lançarem ao extenso simpósio vinculado ao tema, os representantes do “ateísmo fraco” limitam o abandono às divindades enquanto postura calcada em opções próprias. Sendo assim, estes ateus não se dispõem a participar ativamente do entrave existente entre os partidários da presença de Deus no mundo e os já citados ateus fortes.

Considerados por muitos como um desdobramento do ateísmo fraco, ainda podemos falar sobre a existência dos agnósticos. Os partidários dessa concepção preferem não se comprometer em uma posição rígida sobre o assunto. Para estes, não existem argumentos suficientemente maduros para que a inexistência de Deus seja terminantemente comprovada. Da mesma forma, não se convencem definitivamente que seres espirituais regem o processo existencial mundano.

Ao observar tantas modalidades do pensamento ateu, podemos ver que a questão pode girar em torno das mais variadas nuances. Ser ateu não implica necessariamente atacar ou desprezar os demais indivíduos que se apegam à presença divina. De tal forma, observamos que assim como as formas de ver a interferência de Deus no mundo variam entre as diferentes religiões, a forma de se encarar a ausência divina também está cercada por um rico corolário de concepções e posturas.

FONTE: Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/religiao/ateismo.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2016.



RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, vimos que:

- A tipologia religiosa é dividida em: politeísta, panteísta, monoteísta, ateísta, neopanteísta.
- Cada tipologia tem suas características e também um grupo de religiões que a integra.
- O grupo de religiões panteístas é o primeiro a ter registro na Terra.



- 1 Quando se dá o surgimento do ateísmo no Ocidente?
- 2 Apresente três denominações para neopanteísmo e monoteísmo.

Vamos reproduzir aqui questões aplicadas no ENADE, para que você, acadêmico, possa se familiarizar com a dinâmica utilizada na prova que, obrigatoriamente, os acadêmicos que irão concluir o curso no ano do ENADE, terão que realizar.

3 (QUESTÃO 17 – ENADE 2015 – TEOLOGIA)

O mito é o relato de um acontecimento originário, no qual os deuses agem e cuja finalidade é dar sentido a uma realidade significativa. Ao relatar um acontecimento, o mito situa-se em um lugar e em um tempo e, conseqüentemente, apresenta-se como uma história.

FONTE: CROTATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004 (adaptado).

Considerando essa definição de mito, analise os seguintes textos bíblicos:

Texto 1

“No princípio, criou Deus os céus e a terra. A Terra porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo e o espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: haja luz; e houve luz” (Gn 1,1-3).

Texto 2

“O reino dos céus é também semelhante a um homem que negocia e procura boas pérolas: e tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra” (Mt 13,45-46).

Com base na definição de mito apresentada nas passagens bíblicas transcritas, avalie as afirmações a seguir:

- I. O texto 1 não se enquadra na definição de linguagem mitológica, pois a Bíblia, por ser a palavra de Deus, não emprega essa linguagem.
- II. O texto 1 narra a cosmogonia por meio de uma linguagem religiosa significativa, em vista de dar sentido à vida humana.
- III. O texto 2 transmite ao ser humano angustiado uma realidade significativa, por meio da expressão mitológica “reino dos céus”.

É correto o que se afirma em:

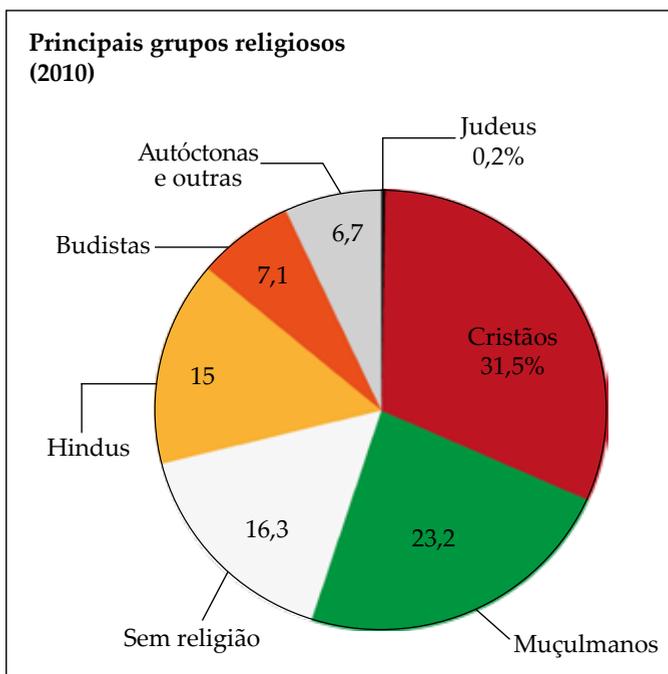
- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

RELIGIÕES CRISTÃS E NÃO CRISTÃS

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, com a modernidade alcançada em todos os âmbitos das necessidades humanas, é possível a qualquer pessoa ter contato com todos os tipos de religião, seja ela tradicional, daquelas que nasceram com as antigas civilizações, seja com novas religiões, com novos movimentos que, justamente por serem recentes, são pontuais, ou seja, estão restritos a poucos países, ou poucos locais de concentração.

FIGURA 12 – RELIGIÕES PREDOMINANTES NO MUNDO



FONTE: Disponível em: <<http://blog.brasilacademico.com/2015/05/o-futuro-das-religoes-do-mundo.html>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Queremos, neste tópico, apresentar as religiões que surgiram há mais tempo, os movimentos religiosos recentes, a partir da seguinte diferenciação: as religiões e movimentos cristãos, ou derivados desse e também as religiões não cristãs, ou seja, aqueles movimentos que advêm do cristianismo, que se desfazem dessa fonte, mas nem por isso deixam de ter sua importância na atual conjuntura religiosa.

2 RELIGIÕES CRISTÃS

Atualmente, de acordo com a figura anterior, da população mundial que professa o cristianismo, temos aproximadamente 2 bilhões de pessoas. São várias as denominações cristãs existentes hoje, que seguem os ensinamentos de Jesus e vivem esses ensinamentos amparadas pelas Sagradas Escrituras.

O cristianismo histórico é representado pelo catolicismo e pelo protestantismo, que vai gerar vários outros movimentos, e pela igreja ortodoxa, que também tem suas variantes.

Vamos salientar o forte crescimento daqueles movimentos protestantes, conhecidos como pentecostais carismáticos e neopentecostais, que têm uma expansão crescente e presente em quase todo o mundo.

Os cristianismos pentecostal e carismático são considerados os movimentos religiosos com maior crescimento no mundo. O termo "cristianismo carismático" refere-se a todos os cristãos, desde os primórdios do cristianismo, destacando especialmente aqueles que partilham "experiências religiosas ou espirituais e atividades do Espírito Santo" (POEWE, 1994, p. 2). Esse movimento é caracterizado por "cultos exuberantes, ênfase na experiência religiosa subjetiva e nos dons espirituais, afirmação de milagres, sinais e maravilhas sobrenaturais - incluindo uma linguagem de espiritualidade experiencial mais do que teológica - e uma 'vida no Espírito' mística, através da qual seguem em sua vida cotidiana os desígnios de Deus" (BURGESS, 2002, p. 17). O seu caráter global se assenta no papel cumprido pela mídia (transmissões religiosas), nas redes de irmandades com conexões internacionais, em mega-igrejas que parecem funcionar como corporações internacionais, e em programas de conferências internacionais e orações conjuntas; trata-se de fato de um movimento de caráter transnacional (POEWE, 1994, p. 2).

Para alguns autores, uma importante característica que tem passado despercebida no cristianismo carismático é sua "teologia da prática". A teologia é realizada e não teorizada, e a pneumatologia é a parte mais proeminente da teologia atualizada (ANDERSON, 2003, p. 8, 2004a, p.197). Constrói-se, assim, um sentido de identidade, os 'renascidos' constituindo o povo de Deus, e é a experiência do renascimento que une as pessoas ao redor do mundo (ANDERSON, 2003, p. 8).

Os carismáticos "constroem um mundo dentro do mundo, estabelecendo esferas para a ação, a agência e a imaginação que invocam o contexto global de uma maneira específica, subcultural" (COLEMAN, 2000, p. 51-52).

FONTE: Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872008000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 2 ago. 2016.

No Brasil, o pentecostalismo e neopentecostalismo também têm forte expressão, tanto que alguns movimentos aqui surgidos hoje já alcançaram outras nações, levando sua mensagem de salvação, fé, prosperidade com experiências de engrandecimento do ser humano como criatura preferencial de Deus.

A figura a seguir nos dá a dimensão dessa expansão com a porcentagem dos cristãos pentecostais – evangélicos, sua presença nos diferentes continentes.

FIGURA 13 – PORCENTAGEM DE CRISTÃOS EVANGÉLICOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.historiaviva.blogspot.com.br/2014/08/metade-do-brasilsera-evangelica.html>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

3 RELIGIÕES NÃO CRISTÃS

Assim como existe uma infinidade de religiões cristãs, também há uma infinidade de religiões que não professam o cristianismo. Dentro do estudo teológico, alguns desses movimentos são considerados seitas por não apresentarem a estrutura básica para ser uma religião: história, ritos e tradição. Para não nos repetirmos ou apenas citar as religiões não cristãs, vamos, então, destacar as seitas e o ateísmo dentro desse grupo.



Você pode encontrar, nesse link, uma apresentação no PREZI sobre religiões não cristãs: <<https://prezi.com/jb1zn2cehg8z/as-religioes-nao-cristas-2/>>.

3.1 AS SEITAS

As seitas podem derivar, desmembrar-se das religiões cristãs, com ênfase no catolicismo, como também podem derivar de religiões não cristãs, como o budismo, islamismo etc.

Vamos incluí-las neste grupo das religiões não cristãs para dar ênfase a uma visão popular das seitas como são vistas nos seus moldes desnudos de uma avaliação sociológica ou até teológica.

Nosso ponto de partida sobre seita é o de perceber que existem dificuldades em estabelecer conceitos, definições sobre essa palavra. O termo seita, por vezes, é um tanto depreciativo e parece implicar um valor bastante negativo de julgamento. Poderíamos utilizar termos mais neutros, como, por exemplo, nova religião, novo movimento, novo grupo religioso.

A questão da definição desses movimentos ou grupos tão distintos de igreja ou de movimentos dentro de uma igreja é uma questão controversa.

Vamos então procurar distinguir seitas que encontram sua origem na religião cristã dos que vêm de outras religiões ou de alguma instituição com foco humanitário. A questão torna-se bastante delicada quando estes grupos são de origem cristã. É fundamental ter clara essa distinção.

Com efeito, certas atitudes e mentalidades sectárias, ou seja, as atitudes de intolerância e agressividade, de proselitismo, não constituem necessariamente uma seita, nem são suficientes para caracterizar uma seita. Mesmo porque, muitas vezes, encontram-se também estas atitudes em grupos de crentes cristãos dentro das comunidades, das igrejas.

Mais do que conceitos, veremos características das seitas. Geralmente, é um grupo não-ortodoxo, esotérico (do grego *esoterikós*, que significa conhecimento secreto, ao alcance de poucos). Podem ter uma devoção a uma pessoa, objeto, ou a um conjunto de ideias novas. As seitas costumam fazer uso das seguintes práticas:

- a) Frequentemente isolacionistas – para facilitar o controle dos membros fisicamente, intelectualmente, financeiramente e emocionalmente.
- b) Frequentemente apocalípticas – dão aos membros um enfoque no futuro e um propósito filosófico para evitar o apocalipse.
- c) Fornecem uma nova filosofia e novos ensinamentos – revelados pelo seu líder.
- d) Fazem doutrinação – para evangelismo e reforço das convicções de culto e seus padrões.
- e) Privação – quebrando a rotina do sono normal e privação de comida, combinados com a doutrinação repetida (condicionamento), para converter o candidato a membro.

Muitas seitas contêm sistemas de convicção "não-verificáveis".

a) Por exemplo, algumas ensinam algo que não pode ser verificado:

- 1 Uma nave espacial que vem atrás de um cometa, para resgatar os membros.
- 2 Ou, Deus, um extraterrestre ou anjo apareceram ao líder e lhe deram uma revelação.

b) Os membros são anjos vindos de outro mundo etc.

- 1 Frequentemente, a filosofia da seita só faz sentido se você adotar o conjunto de valores e definições que ela ensina.
- 2 Com este tipo de convicção, a verdade fica inverificável, interiorizada, e facilmente manipulada pelos sistemas filosóficos de seu(s) inventor(es).

Estudo elaborado pelo Pb Fábio Peres Peixoto - Secretário Geral de Evangelismo e Missões.

FONTE: Disponível em: <<http://www.missoesurgente.net/seitaseheresias.html>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

3.2 O ATEÍSMO

Nós tendemos a ver o ateísmo como uma ideia que surgiu apenas recentemente nas sociedades ocidentais seculares. Na verdade, sociedades primitivas eram muito mais capazes do que as sociedades modernas de conviver com o ateísmo dentro da realidade que eles consideravam normal. Ao invés de fazer julgamentos com base na razão científica, esses ateus primitivos faziam o que hoje nos parecem ser acusações universais sobre a natureza paradoxal da religião, pelo fato de pedirem a eles para aceitarem as coisas que não lhe são intuitivamente procedentes.

Vamos a um exemplo. Platão, no século 4 a.C. havia comentado que não-crentes contemporâneos, isso quer dizer, que viveram no mesmo tempo

que ele, não foram os primeiros a emitir descrenças em relação aos deuses da época. Porque temos pouca noção a esse respeito nos dias atuais da presença do pensamento ateu nas épocas anteriores? Porque a história antiga do ateísmo provavelmente não foi escrita com tantos eventos que evidenciaram, como a destruição de bibliotecas, por exemplo.

Outro fator é que as correntes monoteístas não teriam interesse de registrar qualquer manifestação contrária a sua doutrina ou algum debate que as pudesse contestar. Mesmo assim, enquanto os ateus representam a religião como algo de um estágio anterior, mais primitivo do adiantamento humano, a ideia de universalismo religioso também é estabelecida, em parte, pela noção de que sociedades primitivas eram religiosas por natureza, porque a crença em Deus é uma configuração padrão inerente aos humanos (GUERREIRO, 2006).

O ateísmo normalmente é visto como um fenômeno moderno; não era apenas comum na Grécia antiga e Roma pré-cristã, mas provavelmente floresceu mais naquelas sociedades que na maioria das civilizações desde então.

Assim como no mundo todo, no Brasil aumentou o número de ateus, aquelas pessoas que não creem na possibilidade de existir um deus e também de algo além dessa vida terrena, de algo sobrenatural. São aqueles que abandonam a fé porque não necessitam dela para viver.

Cresce dia a dia o fenômeno de massas que, praticamente, não concordam com a religião: a negação de Deus ou da religião, ou simplesmente a não-concordância com esses valores, não são mais como em outros tempos, um fenômeno isolado e individual, já que hoje não é raro ver essa atitude ser apresentada como exigência do progresso científico e do novo humanismo. Em numerosas regiões, a negação de Deus não só é expressa em níveis filosóficos, como também inspira amplamente a literatura, as artes, a interpretação das ciências humanas e da história, a legislação civil: daí a perplexidade de muitos (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2006, p. 65).

Por que colocar o ateísmo como uma religião não cristã? É difícil dizer que o ateísmo seja uma religião, justamente por negar a necessidade de religião. No entanto, o ateísmo é ainda mais presente nos dias de hoje, justamente pelos motivos de termos essa abundância de religiões: o secularismo, a racionalização, o urbanismo, o acesso à informação.

FIGURA 14 - SEM DEUS, SEM MESTRES



FONTE: Disponível em: <<http://www.city-data.com/forum/atheism-agnosticism/2446002-atheist-symbols-2.html>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Aqueles que se proclamam ateus, na sua maioria, têm características e pontos comuns marcantes. Vejamos o que diz Eguinaldo Hélio de Souza em seu artigo *A loucura dos que não creem*.

O ateu não apresenta nenhum tipo de fé religiosa e não “perde” tempo refletindo sobre a existência de Deus. São pessoas que, de fato, assumiram um *modus vivendi* em que não há espaço para a religião. Contudo, apesar de suas convicções, não apresentam argumentos sólidos para o seu ateísmo.

Podem ser classificados como ateus filosóficos, isto é, pessoas racionalmente preparadas para justificar sua descrença, pois se ocupam em formular argumentos lógicos que justifiquem a sua posição. Poderíamos, ainda, chamar os ateus filosóficos de “incrédulos conscientes”.

Vale destacar um outro tipo de ateu, mais agressivo, detectado pela pesquisa em pauta: o militante. Esses ateus não somente não creem na existência de Deus como também são contra os que creem. Tanto é que procuram persuadir os outros para a sua “fé sem deus”. Então, criaram o *site* Sociedade da Terra Redonda, cujo objetivo é reunir todos os ateus em sua militância. O *site* possui 820 colaboradores e recebe cerca de 75.000 visitas por mês.

Salientamos que os ateus militantes parecem dirigir toda a sua animosidade principalmente aos cristãos. Seus *sites* estão repletos de refutações à Bíblia e, entre eles, existem pessoas que se ocupam em desmentir os milagres de cura que ocorrem nas igrejas evangélicas e também em apontar as falhas da Igreja Cristã através da História, entre outras coisas. Além de negarem a existência de Deus de forma geral (pois ateu significa “sem Deus”), acabam se tornando, na maioria das vezes, antideus, isto é, contra Deus, ou, mais precisamente, anticristãos. O ateísmo, como vem sendo propagado atualmente, não se contenta apenas em não crer na existência de

Deus. Prega que a religião não é só inútil, mas também é má. E, ao lado de sua crítica à religião, divulga uma crença que dá possibilidade ao homem de resolver seus próprios problemas sem necessitar de uma força exterior. Em verdade, é um humanismo, não um humanismo que valoriza o ser humano, mas um humanismo que opõe Deus e homem, colocando este último como senhor e salvador de si mesmo.

FONTE: Disponível em: <<http://www.icp.com.br/54materia1.asp>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Sabemos que o ateísmo não é uma religião da mesma forma que o cristianismo, islamismo e judaísmo. Essas três são as maiores religiões em números, atualmente, de acordo com a análise das figuras apresentadas. As religiões ditas convencionais geralmente incluem uma crença na natureza da divindade, outras crenças teológicas, um código moral, rituais religiosos e sacramentos e, pelo menos, um membro líder de uma comunidade religiosa. Em vez disso, o sistema de crença de um ateu está confinado a um fator: a existência ou não existência de uma divindade. Ele ou ela terá um código moral pessoal. Normalmente, os ateus têm poucos ou nenhum rituais e dias de observância. Alguns pertencem a um grupo religioso. Sim, acadêmico, isso é possível. Aqui no Brasil, não foi possível localizar algum grupo religioso nesta linha, mas nos Estados Unidos há uma chamada 'Congregação Unitária Universalista'. Assim, via de regra, são pessoas que simplesmente nunca foram expostos à crença numa divindade ou divindades e, portanto, não têm nenhuma crença nelas.

Aqueles ateus, com maior grau de instrução, buscam, atualmente, analisar evidências materiais dos estudos já realizados sobre as divindades, e chegam à conclusão que não há nenhuma evidência real de sua existência. Muitos consideram o conceito de divindade desprovido de significado. Eles acreditam que o Universo, a Terra e suas formas de vida passaram a existir e evoluir por processos perfeitamente naturais. Eles não veem nenhuma evidência de intervenção ou orientação por uma entidade sobrenatural.

LEITURA COMPLEMENTAR

IGREJA – COMUNHÃO

O conceito de comunhão (*koinonía*), já posto de manifesto nos textos do Concílio Vaticano II, é muito adequado para exprimir o núcleo profundo do Mistério da Igreja e pode ser, certamente, a chave de leitura para uma renovada eclesiologia católica. O aprofundamento da realidade da Igreja como Comunhão é, na verdade, uma tarefa particularmente importante, que oferece amplo espaço para a reflexão teológica sobre o mistério da Igreja, “cuja natureza admite sempre novas e mais profundas pesquisas”. Algumas visões eclesiológicas, porém, apresentam uma insuficiente compreensão da Igreja enquanto mistério de comunhão, especialmente pela falta de uma adequada integração do conceito de comunhão com os de Povo de Deus e de Corpo de Cristo, e também por um insuficiente relevo dado à relação entre a Igreja como comunhão e a Igreja como sacramento.

O conceito de comunhão está “no coração da autoconsciência da Igreja”, enquanto Mistério da união pessoal de cada homem com a Trindade divina e com os outros homens, iniciada, e orientada para a plenitude escatológica na Igreja celeste, embora sendo já desde o início uma realidade na Igreja sobre a Terra.

Para que o conceito de comunhão, que não é unívoco, possa servir como chave interpretativa da eclesiologia, deve ser entendido no contexto dos ensinamentos bíblicos e da tradição patristica, nos quais a comunhão implica sempre uma dupla dimensão: vertical (comunhão com Deus) e horizontal (comunhão entre os homens). É essencial à visão crista da comunhão reconhecê-la, antes do mais, como dom de Deus, como fruto da iniciativa divina cumprida no mistério pascal. A nova relação entre o homem e Deus, estabelecida em Cristo e comunicada nos sacramentos, expande-se ainda a uma nova relação dos homens entre si. Consequentemente, o conceito de comunhão deve ser também capaz de exprimir a natureza sacramental da Igreja enquanto estamos “longe do Senhor”, assim como a peculiar unidade que faz dos fiéis os membros de um mesmo Corpo, o Corpo místico de Cristo, uma comunidade organicamente estruturada, “um povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, e dotado ainda com os meios adequados à união visível e social.

A comunhão eclesial é ao mesmo tempo invisível e visível. Na sua realidade invisível, é a comunhão de cada homem com o Pai por Cristo no Espírito Santo, e com os outros homens que compartilham na natureza divina, na paixão de Cristo, na mesma fé, no mesmo espírito. Na Igreja sobre a terra, entre esta comunhão invisível e a comunhão visível na doutrina dos Apóstolos, nos sacramentos e na ordem hierárquica, existe uma íntima relação. Mediante estes dons divinos, realidades bem visíveis, Cristo exercita de vários modos na história a Sua função profética, sacerdotal e real pela salvação dos homens. Esta relação entre os elementos visíveis e os elementos invisíveis da comunhão eclesial é constitutiva da Igreja como Sacramento de salvação. [...]

Por isso, a expressão paulina *a Igreja é o Corpo de Cristo* significa que a Eucaristia, na qual o Senhor nos dá o seu Corpo e nos transforma num só Corpo, é o lugar onde permanentemente a Igreja se exprime na sua forma mais essencial: presente em toda a parte e, no entanto, sendo só uma, como um é Cristo.

A Igreja é Comunhão dos santos, segundo a expressão tradicional que encontramos nas versões latinas do Símbolo apostólico a partir do final do século IV. A comum participação visível nos bens da salvação (as coisas santas), especialmente na Eucaristia, é raiz da comunhão invisível entre os participantes (os santos). Esta comunhão comporta uma solidariedade espiritual entre os membros da Igreja, enquanto membros de um mesmo Corpo, e tende à sua efetiva união na caridade, constituindo “um só coração e uma só alma”. A comunhão conduz, de igual modo, à união na oração, inspirada em todos por um mesmo Espírito, o Espírito Santo “que penetra e une toda a Igreja”.

Esta comunhão, nos seus elementos invisíveis, existe não apenas entre os membros da Igreja peregrinante na terra, mas também entre estes e todos aqueles que, tendo deixado este mundo na graça do Senhor, fazem parte da Igreja celeste ou serão nela incorporados depois de uma plena purificação. Isto significa, aliás, que existe uma mútua relação entre a Igreja peregrina sobre a terra e a Igreja celeste na missão histórico-salvífica. Dela resulta a importância eclesiológica não só da intercessão de Cristo a favor dos seus membros, mas também da dos santos e, num modo eminente, da Santíssima Virgem Maria. A essência da devoção aos santos, tão presente na piedade do povo cristão, corresponde assim à profunda realidade da Igreja como mistério de comunhão.

FONTE: Adaptado de <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html>. Acesso em: 4 ago. 2016.



RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, vimos:

- O crescimento e a localização dos movimentos religiosos contemporâneos no mundo.
- A diferenciação de religiões cristãs das não cristãs.
- Seita e ateísmo, mesmo não se declarando cristãs, podem advir de algum movimento religioso cristão.

AUTOATIVIDADE



- 1 Apresente três práticas comuns das seitas.
- 2 Como se caracteriza o ateu militante?
- 3 Cite dois movimentos religiosos que representam o cristianismo histórico.

NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- compreender as mudanças que estão ocorrendo no mundo e que respostas os novos movimentos religiosos podem dar;
- entender a importância da presença dos movimentos religiosos na vida das pessoas e na sociedade;
- refletir sobre os diferentes tipos de movimentos religiosos.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No decorrer dos estudos, você encontrará atividades que o ajudarão a fixar os conteúdos estudados.

TÓPICO 1 – MOVIMENTOS RELIGIOSOS NO MUNDO

TÓPICO 2 – DOCTRINAS E MOVIMENTOS

TÓPICO 3 – MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL

MOVIMENTOS RELIGIOSOS NO MUNDO

1 INTRODUÇÃO

A história atual nos mostra que grande parte da humanidade, apesar de não enfrentar grandes migrações, exceto pela situação vivida na Síria, atualmente, vive em seus habitats definidos sem grandes movimentações expressivas.

Podemos dizer que, geralmente, as pessoas vivem dentro de um universo cultural e religioso homogêneo e estável sem experimentar grandes transformações perceptíveis, como, por exemplo, os cismas, que já aconteceram e provocaram grandes mudanças, não só religiosas.

Até pouco tempo, as sociedades foram caracterizadas por essa homogeneidade e estabilidade local. Cada pessoa vivia dentro de sua cultura e de sua religião e não tinha experiência direta de outras culturas ou religiões. A maioria das gerações mais velhas viveu sua infância nesta situação e pode dar testemunho de como as gerações anteriores, em geral, não tiveram contato com outras culturas e religiões.

Em tal contexto social, o que era possível viver inteiramente no âmbito da própria realidade era profundamente marcado pela religião como sua espinha dorsal, o seu profundo significado existencial.

Aqui, somos convidados a nos familiarizar com as heranças teóricas complexas, para compreendermos o mundo moderno e as religiões modernas. Vamos examinar as tradições teóricas e historiográficas que contribuem no modo como pensamos sobre movimentos religiosos contemporâneos para podermos ter um olhar amplo para a evolução da religião em todo o mundo de hoje. Tal evolução pode incluir religiões da Europa, que evoluem com as tecnologias de informação e comunicação; a explosão de expressões idiomáticas decorrentes dessas novas religiões, perpassando essas novidades espirituais presentes em todo o mundo, como, por exemplo, na proliferação de santuários nos meios urbanos, de figuras sagradas em toda a Ásia, ou o *boom* global do neopentecostalismo.

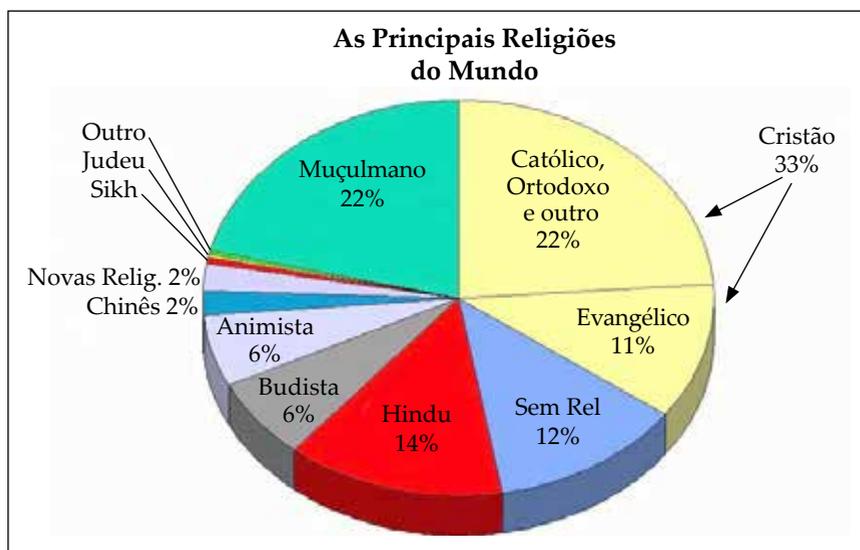
As religiões sempre foram uma poderosa influência sobre as sociedades humanas, principalmente nos tempos atuais. Ideias e práticas religiosas afetam as relações entre diferentes culturas, entre diferentes povos e nações; podendo unir

ou dividir diferentes comunidades. As religiões também fornecem o contexto para o indivíduo na sua busca espiritual. Neste nosso estudo devemos estar atentos para a compreensão acadêmica das diferentes culturas e crenças. Há uma grande variedade de abordagens para o estudo das religiões. Aqui, queremos considerar o estudo de ideias e práticas religiosas na tradição, nos ritos.

As religiões existem há pelo menos 4.500 anos. A religião era a principal fonte de conhecimento existencial das pessoas e de seus valores. As pessoas olhavam para o mundo, pensavam sobre o mundo, tendo sempre como base a religião.

A situação mudou drasticamente nos últimos tempos. Melhorias no transporte e comunicações, no turismo, na relação entre os meios de comunicação social. Tudo isso produziu a chamada “globalização” da sociedade, com a integração da humanidade cada vez mais coletivizada e interligada. Isolamento, homogeneidade e a falta de conhecimento de nossos antepassados são características e formas de existência dispensáveis atualmente.

FIGURA 15 - DIVISÃO DAS RELIGIÕES



FONTE: Disponível em: <<https://acidblacknerd.files.wordpress.com/2012/11/as-religoes-do-mundo.jpg>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Uma grande parte dos movimentos religiosos contemporâneos pode ser compreendida, por um lado, e num primeiro momento, como resultado da fragmentação, da separação de grupos religiosos das grandes religiões históricas. Por outro lado, outros fatores indicam o surgimento desses movimentos e também dos movimentos surgidos das grandes religiões: a fragmentação, o sectarismo, ingerências internas, novas perspectivas de ex-integrantes e outros fatores que não chegam ao conhecimento geral.

A maioria das novas religiões têm sua origem no cristianismo, no islamismo ou no budismo. Geralmente elas surgem como um racha. "As pessoas acham que uma determinada religião se tornou muito mundana ou corrupta e decidem se separar dessa tradição, fundando uma nova religião, que acreditam ser fiel à revelação original", diz Partridge. "É muito difícil achar uma nova religião totalmente a partir do zero. Elas vão pegar o que gostam [da velha religião] e mudar o que não gostam. A maioria das exceções, como a Igreja da Unificação, faz a fusão de duas tradições [no caso da igreja do reverendo Moon, do cristianismo, com religiões coreanas], afirma Melton (PAOLOZZI, 2005, s.p.).

O quadro que veremos em seguida nos dá muitas informações. Podemos destacar algumas dessas que são relevantes dentro desse estudo dos movimentos religiosos contemporâneos e outros tantos movimentos religiosos que fazem mover a religião no mundo hoje. Não são informações atuais, mas que nos dão uma ideia dessa realidade no âmbito mundial.

Há um consenso de que, a nível mundial, há uma diminuição nas taxas de nascimento, sem, é claro, deixar de considerar as grandes desigualdades em regiões menos desenvolvidas.

A população mundial ultrapassou os 7 bilhões e está projetada para alcançar 9 bilhões até 2050. Em termos gerais, o crescimento populacional é maior nos países mais pobres, onde as preferências de fecundidade são mais altas, onde os governos carecem de recursos para atender à crescente demanda por serviços e infraestrutura, onde o crescimento dos empregos não está acompanhando o número de pessoas que entram para a força de trabalho e onde muitos grupos populacionais enfrentam grandes dificuldades no acesso à informação e aos serviços de planejamento familiar (GEOGRAFIA PARA TODOS, 2016).

Essa condição pode ser interpretada de várias maneiras, sob vários ângulos que agora não entram no nosso estudo. O nosso foco aqui é entender dentro desses números mais abrangentes, gerais, o número de pessoas que declaram sua religião.

QUADRO 6 - RELIGIÃO EM NÚMEROS

Religiões	Aderentes (1994)	% total
Cristianismo	1.900.174.000	33,6
Católico-Romano	1.058.069.000	18,7
Protestante	391.143.000	6,9
Ortodoxo	174.184.000	3,1
Anglicano	78.038.000	1,4
Outros	199.707.000	3,5
Islamismo	1.033.453.000	18,3

Hinduísmo	764.000.000	13,5
Budismo	338.621.000	6,0
Religiões Populares Chinesas	149.336.000	2,6
Novas Religiões	128.975.000	2,3
Religiões Tribais	99.150.000	1,8
Sikh	20.204.000	0,4
Judaísmo	13.451.000	0,2
Shamanismo	11.010.000	0,2
Confucionismo	6.334.000	0,1
Baha'i	5.835.000	0,1
Jain	3.987.000	0,1
Xintoísmo	3.387.000	0,1
Outras Religiões	20.419.000	0,4
Não-Religiosos	924.078.000	16,3
Ateísmo	239.111.000	4,2
População Total	5.661.525.000	100

FONTE: Disponível em: <http://geomundofred.home.sapo.pt/geo/pt/paises_informacao_religioes.htm>. Acesso em: 22 jan. 2016.

Vejamos os números apresentados.

Os cristãos constituem aproximadamente um terço da humanidade. O cristianismo continua a aumentar em números absolutos, mas em números relativos está diminuindo. Há um século, dizia-se que o cristianismo estava convencido de que um esforço missionário renovado levaria à conversão de praticamente todo o planeta a Cristo e isso seria possível em três ou quatro décadas. O século XX encarregou-se de mostrar que o projeto era inviável. No decurso de que a população mundial passou de 1,619 bilhões para 6,055 (quase quadruplicando) em pouco tempo, a porcentagem de cristãos reduziu para 33 por cento, conforme indica o quadro anterior. Ao mesmo tempo, os não-crentes (ateus e não religiosos) somam 20,5.

A partir destas estatísticas de medição sociais, a conversão da humanidade a Cristo não é previsível. No entanto, um novo fator importante na crise entra em jogo: a crise na missão, por causa da crise teológica.

Para entender melhor o que esses números significam, vamos apresentar algumas observações que podem esclarecer algumas dúvidas que temos em relação às religiões orientais.

QUADRO 7 - RELIGIÕES PELO MUNDO

Islamismo: 83% sunitas, 16% xiitas, 1% outras escolas.

Hinduísmo: 70% vaishnavitas, 25% shaivitas, 2% neo-hindus e hindus reformistas.

Budismo: 56% mahayana, 38% theravada (hinayana), 6% tantrayana (lamaismo).

Novas Religiões: seguidores de novas religiões do século XX, movimentos não religiosos, religiões de novas crises radicais, e não-cristãos sincretísticos, todos fundados desde 1800 e, sobretudo, depois de 1945.

Confucionistas: não-chineses seguidores de Confúcio e confucionismo, sobretudo coreanos.

Outras religiões: incluindo 70 religiões menores e um grande número de religiões espiritistas, religiões da nova era, quase religiões, pseudoreligiões, pararreligiões, sistemas religiosos ou místicos, irmandades religiosas e semirreligiosas diversas.

Não-Religiosos: pessoas que não professam religiões, não-crentes, agnósticos, pensadores livres.

Ateístas: pessoas que professam ateísmo, cepticismo, descrença, antirreligiosos.

FONTE: Disponível em: <http://geomundofred.home.sapo.pt/geo/pt/paises_informacao_religioes.htm>. Acesso em: 22 jan. 2016.

Interessante esse quadro, porque temos uma visão geral das religiões e movimentos em números e também em porcentagem em relação à população, também outras informações prementes sobre outras religiões, os não religiosos, os ateus.

Vamos ver, então, os movimentos religiosos contemporâneos pelo mundo e por regiões específicas para uma melhor caracterização desses movimentos.

2 MOVIMENTOS RELIGIOSOS OCIDENTAIS

Os problemas financeiros e econômicos pelos quais passa o mundo hoje têm seu núcleo de expansão nos Estados Unidos. Foi também nos Estados Unidos que aconteceu, nas décadas finais do século passado, a renovação e dinamização religiosa, e principalmente cristã, para o Ocidente. Quando ampliamos nosso olhar para a religião a nível mundial, temos:

Em números absolutos, os seguidores do cristianismo quase triplicaram de 600 milhões para mais de 2 bilhões a partir de 1910. Entretanto, esse crescimento segue o crescimento da população mundial, de 1,8 bilhões para 6,9 bilhões no mesmo período. Como resultado, o percentual de cristãos no mundo caiu de 35% para 32%.

Outro dado relevante do estudo “Cristianismo Global: informa sobre o tamanho e a distribuição da população cristã no mundo”: a diminuição da

influência da religião nos dois continentes onde ela possui tradicionalmente sua maior base de seguidores. Na Europa, a proporção caiu em 19 pontos percentuais, de 95% para 76%. Entre os europeus, a fé cristã responde a 76% (contra 95% no passado), contra 86% dos americanos (que eram representados por 96% em 2010). Juntos, os dois continentes representam 63% da população cristã no mundo, contra 93% em 2010 [...].

Por outro lado, a religião apresentou um crescimento altamente significativo na África sub-saariana, área relativamente pouco habitada por cristãos no início do século XX. Nessa porção do continente africano, que não corresponde aos países locais de origem árabe e sob forte influência do islã, a proporção cresceu de 9% em 1910 para 63% em 2010. Houve também registro significativo de crescimento na Ásia e do Oceano Pacífico (sem contar o Oriente Médio). Lá, os cristãos subiram de 3% para 7%.

Segundo o Pew Research Center, conclui-se que o cristianismo está mais espalhado pelo mundo, tornando-se uma religião “mais global” e menos concentrada no Ocidente.

O estudo é baseado em dados oficiais de todos os países, utilizando-se de mais de 2.400 fontes, incluindo censos e pesquisas de abrangência nacional representativas. Em alguns países como a China, por exemplo, o Pew levou em conta estatísticas de grupos relacionados a igrejas.

Segundo o Pew, o catolicismo também permanece como a corrente majoritária, com 1,1 bilhão de seguidores. O Brasil é o país com mais católicos: 133,660 milhões, ou 68,6% de sua população. Esse número equivale a 12% dos católicos no mundo. É seguido em números absolutos pelo México (96 milhões), Filipinas (75 milhões), Estados Unidos (74 milhões) e Itália (50 milhões).

Os protestantes chegam a 801 milhões de fiéis. Apesar de suas origens europeias, eles estão mais representados em outros continentes. Os Estados Unidos é o país onde estão mais representados, com 159 milhões de seguidores (51% de sua população e 20% do total no mundo). São seguidos pela Nigéria (59 milhões), China (58 milhões, embora estes representem somente 4,3% de sua população), Brasil (40 milhões, ou 20,8% de sua população, equivalente a 5,1% no mundo) e África do Sul (36 milhões). Só depois aparece um país europeu: o Reino Unido, berço da Igreja Anglicana, com 33 milhões de pessoas.

Os ortodoxos somam 60 milhões e estão majoritariamente na Rússia (39%) e em outros países do leste europeu e da África. Correspondem a 12% da população cristã. Outras correntes não chegam a 1% da representatividade cristã, incluindo mórmons e Testemunhas de Jeová. No total, somam 28 milhões de pessoas ao redor do mundo.

No total de cristãos, os EUA é o país com maior população (246 milhões, ou 79,5%), com o Brasil em segundo lugar (175 milhões, com 90%).

Os cristãos são a religião majoritária em 158 países. Já a região com menor concentração de cristãos é Oriente Médio, com 4% - região predominantemente muçulmana. Já na Indonésia, país com a maior população muçulmana do mundo, abriga mais cristãos do que vinte países africanos de maioria cristã combinados. Cerca de 90% dos cristãos, ainda segundo o Pew, moram em países onde representam a religião majoritária.

FONTE: Disponível em: <<http://www.origemedestino.org.br/blog/johannesjanzen/?post=54>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Podemos incluir, nessa nova leva, igrejas no Brasil, como a Igreja Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Igreja Internacional da Graça de Deus. É claro que, tão rapidamente quanto surgem, algumas também deixam de existir, incluindo aí as de inspiração pentecostal e carismática.

Se, por um lado, essa nova realidade religiosa traz também novos rituais, novas expressões de religiosidade, antigos costumes, parece que também se fortalecem nos dias de hoje e esse movimento de novas religiões precisa observar essa realidade. Vejamos o relato a seguir para termos uma ideia de que nem tudo é renovação na religiosidade africana.

No chão, diante de um barraco da periferia de Nairobi, muito semelhante às periferias de algumas cidades brasileiras, acontece o Sacrifício, é um termo que deriva dos radicais 'sacro' e 'ofício'. Pode-se então concluir que ofício sagrado é a prática de oferecer alimento, ou a vida de animais ou pessoas, às divindades, como forma de culto. Religiões de matriz africana que admitem a prática do sacrifício de animais durante seus rituais: o Batuque, o Candomblé, o Omolokô, a Santeria, a Umbanda e Zulu. Essas religiões fundamentam-se na crença da troca de energias entre o fiel e o animal. Transferem suas energias negativas para o animal e em seguida ele é sacrificado geralmente por um sacerdote, a quem foi dada a permissão dos Orixás para realizá-lo. Ao imolar o animal, o sacerdote não o está matando, mas entregando uma oferenda ao sagrado de forma simbólica. Atualmente é costume utilizar-se apenas animais domésticos ou domesticados em cativeiros, como o cabrito, a cabra, a codorna, a galinha da angola, o galo ou o pato. No candomblé, o sangue representa mais que a vida, porque possui uma energia elementar. O objetivo do sangue e das vísceras dos animais é de produzir axé, ou seja, energia vital. O sacrifício de animais é praticado pelo Axogun ou pelo Babalorixá. O primeiro a receber os sacrifícios é Exu, que deve receber uma galinha. Em seguida, oferta-se ao Orixá que se quer contatar um animal quadrúpede. Depois de morto e oferecido no ritual, o animal é consumido pelos devotos e seu couro pode ser utilizado para a confecção de instrumentos musicais. Porém, em casos velados, porém frequentes, também se sacrificam seres humanos. Na antiga religião Zulu, praticada principalmente no África do Sul, pessoas são mortas para utilizar determinadas parte de seu corpo no ritual ou como medicamento, nos chamados "homicídios Muti" (RIPAMONTI, 2015, s.p.).

3 MOVIMENTOS RELIGIOSOS ORIENTAIS

Os movimentos religiosos orientais, com suas características próprias, têm uma forte expansão que vai além dos seus territórios. Dentro de suas linhas territoriais, eles procuram, de certa forma, adequar-se aos eventos que vêm do ocidente, aquelas comemorações religiosas mais expressivas, como, por exemplo, o Natal cristão. Se até um tempo atrás o mundo ocidental não tinha ideia da religiosidade oriental, as facilidades de locomoção e a imigração possibilitaram a disseminação dos movimentos religiosos orientais pelo mundo, principalmente os novos movimentos, agregando adeptos em seus movimentos. No quadro a seguir, vemos alguns desses novos movimentos com algumas informações a respeito deles.

QUADRO 8 - MOVIMENTOS RELIGIOSOS ORIENTAIS

MOVIMENTOS RELIGIOSOS ORIENTAIS			
Nome	Local	Fundador/ representantes	Características
Vida Universal (1975)		Gabriele Wittek	Deus se encontra no íntimo das pessoas e essa comunicação não necessita de intermediários; mistura características das novas religiões, religiões orientais, nova era.
Igreja da Unificação (1920). Anuncia a segunda vinda do Messias. Ele virá da igreja da Coreia e formará uma família ideal centrada em Deus: assim se tornará possível a restauração de uma sociedade ideal. A quase totalidade dos membros da igreja atribuem ao próprio Moon o papel de Messias. Goza de uma grande organização de um dinamismo empresarial muito forte.	Coreia	Sun Myung Moon	Fazer aqui na terra o reino do céu através de todas as igrejas. Acreditam na segunda vinda do Messias.
Os Hare Krishna (1966)	Índia	Swami Bhaktivedanta Prabhupada (1896-1977)	Pregam um caminho de devoção, de amor puro, de abandono em Deus e de uma vida austera.

A Meditação Trascendental (1958)		Mahesh Prasad Vanna (1918)	Através da meditação transcendental, se chega a regeneração espiritual; procuram também envolvimento político nesses últimos tempos.
Tenrikyô, Ômoto, Honmichi, Soka Gakkai (pós segunda guerra mundial)	Japão	Tsunesaburo Makiguchí (Soka Gakkai)	Nacionalistas. Motivam a integração social. Caráter milenarista.

FONTE: O autor

4 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS NA AMÉRICA LATINA

As sociedades latino-americanas, desde o período colonial, criaram uma abundância de movimentos de revitalização religiosa. Essa efervescência religiosa se mantém no contexto ibero-americano como uma resposta adaptativa às condições tais como expropriação de terras, pobreza generalizada, sistemas sociais raciais, processos de aculturação forçada, instabilidade política e as exigências próprias de afirmação da construção de novas nações na região.

Outras explicações desses movimentos característicos na América Latina também devem considerar o fato de que os sistemas religiosos têm, há muito tempo, desempenhado um papel central na construção da crítica à ordem social na América Latina.

Desde a antiguidade remota, os povos indígenas das Américas têm formado culturas altamente adaptáveis, centradas em cosmologias místicas que abrangem todos os aspectos da vida. Os colonizadores espanhóis e portugueses e os estados independentes posteriores defendiam formas de governança e de uma cultura enraizada em uma concepção quase hermeticamente católica da vida social. Os encontros destas influências religiosas, no contexto de circunstâncias sociais e políticas, criaram condições férteis para uma mudança simbólica de mobilização religiosa.

Quando queremos trazer para uma compreensão comum o significado de movimentos religiosos contemporâneos, sua importância, sua influência e sua abrangência espacial, fica difícil colocá-los no mesmo patamar das grandes denominações cristãs que, por essas mesmas questões aqui mencionadas, caracterizam o diferencial dos novos movimentos.

Há 33.830 diferentes denominações cristãs, por exemplo. Também deve ser observado que algumas religiões são confinadas a áreas geográficas específicas e, às vezes, a grupos étnicos únicos. Se estabelecemos o critério do que constitui uma "grande religião mundial" como a presença em mais de um único país, há talvez apenas 22 grandes religiões mundiais, incluindo, é claro, cristianismo, islamismo, judaísmo, budismo e hinduísmo (PAOLOZZI, 2005, s.p.).

Vamos fazer um paralelo entre as religiões presentes na América Latina e os cristãos na América Latina nos anos de 1900 e no ano de 2000 para entendermos a evolução numérica dos novos movimentos, principalmente aqueles que derivam do cristianismo em detrimento das religiões históricas.

O quadro a seguir mostra as religiões e os cristãos na América Latina, em duas datas de início de século: 1900 e 2000.

QUADRO 9 - RELIGIÕES E O CRISTIANISMO NA AMÉRICA LATINA

RELIGIÕES NA AMÉRICA LATINA				
Ano	1900		2000	
População total	65.000.000	100%	519.000.000	100%
Cristãos	62.000.000	95,2%	481.000.000	92,7%
Muçulmanos	500.000	0,1%	1.500.000	0,3%
Religiões indígenas	2.200.000	3,5%	1.200.000	0,3%
Judeus	200.000	0,002%	1.100.000	0,2%
Hindus	1.000.000	0,3%	700.000	0,2%
Budistas	50.000	0,005%	600.000	0,1%
Novas religiões	0	0%	500.000	0,1%
Espíritas	200.000	0,4%	12.000.000	2,3%
Não crentes	300.000	0,6%	16.000.000	3,1%
Ateus	100.000	0,001%	2.700.000	0,5%
CRISTÃOS NA AMÉRICA LATINA				
Ano	1900		2000	
População total	65.000.000	100%	519.000.000	100%
Cristãos	62.000.000	95,2%	481.000.000	92,7%
Católicos	59.000.000	90,1%	461.000.000	88,8%
Protestantes	900.000	1,4%	46.000.000	9,3%
Anglicanos	700.000	1,1%	39.000.000	7,7%

Ortodoxos	60.000	0%	500.000	0,1%
Igrejas independentes	300.000	0,1%	39.000.000	7,7%
Cristãos marginais	30.000	0%	6.000.000	1,3%
Evangélicos	700.000	1,2%	40.300.000	7,8%
Pentecostais/ Carismáticos	100.000	0%	141.000.000	27%
Filiados duplamente	300.000	0,4%	80.000.000	15,5%

FONTE: Disponível em: <<http://latinoamericana.org/2003/textos/portugues/Damen.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

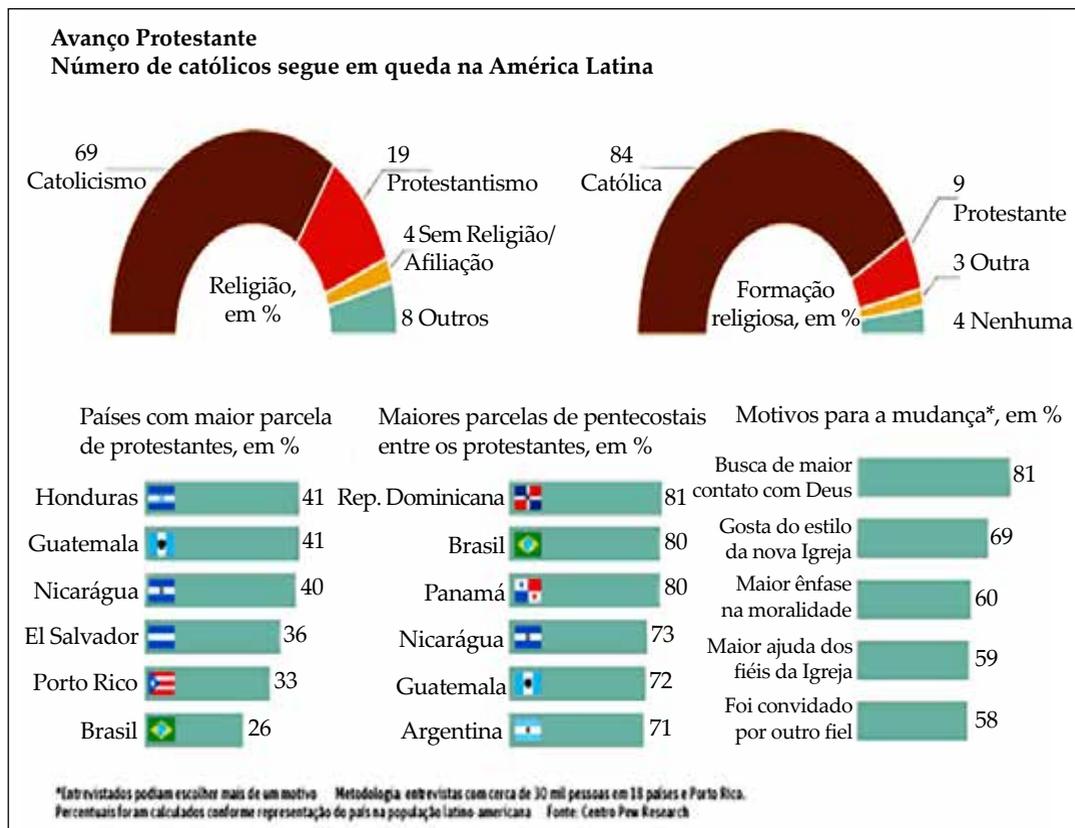
O que podemos observar desse quadro:

- 1 O cristianismo, desde sua chegada por aqui, foi se tornando a religião principal e é, ainda hoje, inclusive numericamente.
- 2 Nos últimos tempos, aconteceu uma presença também das grandes religiões do mundo na América: islamismo, budismo, judaísmo.
- 3 O grande avanço dos evangélicos, do pentecostalismo e também do neopentecostalismo, incluindo aí os carismáticos da Igreja Católica.
- 4 Uma nova forma de religiosidade daqueles que participam de duas ou mais religiões, aqueles que estão em “trânsito”, ou seja, transitando de uma religião para outra.

Esse quadro apresenta variações suficientes para uma tese, ou seja, não podemos encerrar nessas quatro observações os dados ali apontados. Se, por um lado, o cristianismo sofreu um enfraquecimento, inclusive numérico, mantendo a maioria dos adeptos, mas não a hegemonia, os novos movimentos trazem novas formas de religiosidade, que é preciso compreendê-los não isoladamente, mas dentro de um contexto peculiar de cada região.

Na figura a seguir temos muito claro em números como o protestantismo, em especial, vem avançando na América Latina e o catolicismo segue em queda numérica.

FIGURA 16 - AVANÇO PROTESTANTE NA AMÉRICA LATINA



FONTE: Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/11/1547384-apesar-de-papa-numero-de-protestantes-segue-crescendo-na-america-latina.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

O que de comum perpassa essa nova realidade é o que já apresentamos no início desse estudo, mas que é bom afirmar: a secularização, a urbanização, a liberdade religiosa, a própria democracia abriu espaço para, como diz Leonildo Silveira Campos (1997), a transformação da religião.

Durante os anos 60, o paradigma da secularização teve uma enorme aceitação entre os estudiosos do fenômeno religioso. Esse modelo teórico pressupunha que a urbanização era um processo irreversível, contudo secular. Robert Adolfs (1970), nessa época, repetia a instigante pergunta filosófica, elaborada no final do século XIX, por Nietzsche: os templos e catedrais não se tornarão rapidamente “túmulos de Deus”? Tal paradigma, durante o seu período de hegemonia, impediu que muitos pesquisadores enxergassem o que hoje parece ser o óbvio, que a evasão do sagrado dos moldes que pretendiam contê-lo, as instituições religiosas, para outras áreas da vida humana não é sinônimo de desaparecimento e, sim, de transformação da religião. As anomalias nesse paradigma se exteriorizaram pela presença barulhenta dos “novos movimentos religiosos” de origens e inspirações variadas, do fundamentalismo cristão, islâmicos, judaicos, com a explosão de movimentos pentecostais” (CAMPOS 1997, p. 31).

No quadro seguinte, veremos a distribuição religiosa entre católicos, evangélicos, outros e não religiosos distinguindo essa divisão pelos países da América Latina com dados do ano de 2001.

QUADRO 10 – QUADRO RELIGIOSO DOS PAÍSES LATINO-AMERICANOS

País	Católicos (%)	Evangélicos (%)	Outros (%)	Não-religiosos (%)
Argentina	92	2	6	-
Bolívia	95	5	-	-
Brasil	73,6	15,4	3,6	7,4
Chile	89	11	-	-
Colômbia	81,7	15	1,4	1,9
Costa Rica	76,3	15,7	4,8	3,2
Cuba	40	3	7	50
El Salvador	83	17	-	-
Equador	94	3	3	-
Guatemala	60	39	1	-
Haiti	80	16	3	1
Honduras	60,3	28,7	11	-
México	88	7	5	-
Nicarágua	72,9	16,7	1,9	8,5
Panamá	85	15	-	-
Paraguai	90	10	-	-
Peru	88	8-10	1-2	-
República Dominicana	95	-	5	-
Uruguai	52	16	19	13
Venezuela	96	2	2	-

FONTE: Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010471832007000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 3 ago. 2016.

Vê-se que, em todos os países, o catolicismo ainda é o grupo mais numeroso. Vemos também que em alguns países, como Honduras e Guatemala, os evangélicos estão em forte crescimento e Cuba com o número de não religiosos muito expressivo. O que podemos dizer é que não há grande diversidade de movimentos religiosos percentualmente à população, visto que ainda a maioria profere em um único grupo religioso, o catolicismo, mas que, aos poucos, vai perdendo seus fiéis para novas denominações que, talvez, no fundo, nunca tenham sido realmente católicos, ou pelo menos vivido a religião católica.

LEITURA COMPLEMENTAR

O IBGE e a religião

Reinaldo Azevedo

O Brasil ainda é a maior nação católica do mundo, mas, na última década, a Igreja teve uma redução da ordem de 1,7 milhão de fiéis, um encolhimento de 12,2%. Os dados são da nova etapa de divulgação do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A tendência de redução dos católicos e de expansão das correntes evangélicas era algo esperado. No entanto, pela primeira vez, o Censo detecta uma queda em números absolutos. Antes do levantamento de 2010, o quadro era apenas de crescimento de católicos em ritmo cada vez menor. Mantida essa tendência, em no máximo 30 anos católicos e evangélicos estarão empatados em tamanho na população. Os números mostram uma redução acentuada de poder da Igreja Católica no país nas últimas décadas: a mudança foi lenta entre 1872 e 1970, com perda de 7,9% de participação no total da população ao longo de quase um século; e tornou-se acelerada nos últimos 20 anos, quando a retração foi de 22%.

“O impacto dessa mudança é grande para a Igreja Católica. A Rússia teve revolução e permaneceu ortodoxa. Os Estados Unidos, mesmo com a Guerra Civil, se manteve protestante. Entre os países grandes, mudanças assim só ocorreram em consequência de guerras e revoluções. No Brasil, a revolução é silenciosa”, diz José Eustáquio Diniz, demógrafo da Escola Nacional de Estatísticas.

Se em 1970 havia 91,8% de brasileiros católicos, em 2010 essa fatia passou para 64,6%. Quem mais cresce são os evangélicos, que, nesses quarenta anos saltaram de 5,2% da população para 22,2%. O aumento desse segmento foi puxado pelos pentecostais, que se disseminaram pelo país na esteira das migrações internas. A população que se deslocou era, sobretudo, de pobres que se instalaram nas periferias das regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas no vácuo da estrutura católica.

“Houve uma mudança na distribuição espacial das pessoas. A Igreja Católica é como um transatlântico, que demora muito para mudar um pouquinho a rota, devido ao tamanho de sua estrutura burocrática. Já os evangélicos são como pequenas embarcações”, explica Cesar Romero Jacob, cientista político da PUC-Rio. A analogia apresentada por Jacob se aplica com perfeição à comparação entre o tempo e o custo para se ordenar um padre e o período de formação de um pastor, algo que ocorre em menos de três meses. “Não existe espaço vazio”, resume.

Nas periferias, na ausência do estado e da Igreja Católica, os pentecostais atuaram como guias espirituais e como figuras centrais do assistencialismo. “As evangélicas pegaram fiéis onde a Igreja Católica não tinha se preparado para arregimentar a nova população, e adaptaram a mensagem para diversos públicos”, diz Eustáquio Diniz.

FAMÍLIA

A preservação da família é um dos motivos que, segundo Jacob, serve para explicar o crescimento da Assembleia de Deus no país. De acordo com o censo de 2010, ela é o maior segmento evangélico, com 12 milhões de fiéis, e o segundo maior do Brasil, atrás da Igreja Católica. Em comparação com a Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, que perdeu 228 mil fiéis nos últimos 10 anos e hoje tem 1,8 milhão de arrebanhados, a Assembleia de Deus prega valores morais mais rígidos.

“Nos anos 90, época de expansão da favelização, a mãe não queria a desestruturação da sua família, o que a Assembleia não deixa”, explica Jacob, lembrando-se da proibição, por exemplo, de bebidas alcoólicas e de roupas femininas mais insinuantes. A favelização e a ocupação das periferias são resultado da migração dos anos 80 e 90, que deixou de ser motivada pela possibilidade de ascensão social e passou a acontecer pela expulsão das pessoas do campo, em sua maioria pobres. As correntes pentecostais acompanharam esses deslocamentos e, ainda na década de 90, entraram maciçamente na política.

A política se tornou um instrumento de crescimento da própria igreja pentecostal ou do pastor. “É uma população com baixa renda e escolaridade. Entre pessoas independentes economicamente e bem formadas fica mais difícil o voto de cabresto”, afirma Jacob. A pesquisa do censo revela que, apesar de os pentecostais crescerem na população pobre e de baixa renda, na última década se fez presente também na nova classe média. “A “teologia da prosperidade” é um dos fatores desse processo”, diz Eustáquio Diniz.

DETALHES REGIONAIS E ETÁRIOS

Nos últimos 10 anos, manteve-se estável a proporção de cristãos. Isso indica tanto uma migração de católicos para as correntes evangélicas e para outras religiões. O segmento dos sem religião também cresceu percentualmente, e chegou a 8% da população em 2010. O contingente de católicos foi reduzido em todas as regiões e se manteve mais elevado no Sul e no Nordeste. O Norte foi onde houve a maior redução relativa dos católicos.

Quanto à faixa etária, a proporção de católicos foi maior entre as pessoas com idade superior a 40 anos. Segundo o estudo, isso é decorrente de gerações formadas durante os anos de hegemonia católica. Já os evangélicos pentecostais têm sua maior proporção entre as crianças e os adolescentes, sinalizando uma renovação da religião. O grupo com idade mediana mais velha é o dos espíritas (37 anos) que cresceu na última década e chegou a 3,8 milhões de pessoas, sobretudo nas regiões Sudeste e Sul. Os espíritas são os que apresentaram melhores indicadores, como a maior proporção de pessoas com nível superior completo (31,5%).

FONTE: Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-ibge-e-a-religiao-%E2%80%93-cristaos-sao-868-do-brasil-catolicos-caem-para-646-evangelicos-ja-sao-222/>>. Acesso em: 19 mar. 2016.



RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, vimos que:

- Uma grande parte dos Movimentos Religiosos Contemporâneos surgem como resultado da fragmentação, da separação de grupos religiosos das grandes religiões históricas.
- Em muitos dos países que declaram ter religião, o catolicismo ainda é o grupo mais numeroso.
- A maioria das novas religiões tem sua origem no cristianismo, no islamismo ou no budismo e geralmente elas surgem como um racha entre essas grandes religiões.

AUTOATIVIDADE



- 1 Aponte as duas mais numerosas religiões do mundo.
- 2 Indique três movimentos religiosos orientais.

DOUTRINAS E MOVIMENTOS

1 INTRODUÇÃO

Uma coisa parece certa: a maioria das pessoas que praticam a sua religião afirmam que ela tem um efeito libertador e calmante que os ajuda a superar seus medos, perceber seu Deus como um protetor e manter a esperança de que coisas melhores vão acontecer. Esse efeito libertador pode ser um dos aspectos mais positivos da religião, pois os indivíduos encontram o conforto através da crença em um poder divino, ao invés de se voltarem para formas mais populares de entorpecimento da mente, tais como drogas ou álcool. Já podemos encontrar estudos que apontam que, em geral, o envolvimento espiritual está associado a melhores resultados de saúde, incluindo a longevidade, a habilidade de enfrentamento e menos ansiedade ou depressão.

Embora isso possa parecer uma razão boa o suficiente para começar a frequentar a missa, o culto ou o grupo de reflexão de forma mais regular, voltamos nosso olhar para a razão e nos perguntamos onde está a linha que separa a busca entre o conforto e a ilusão? A religião é baseada na alegação de que a fé não requer qualquer prova para verificar as crenças. Correto?

As descobertas científicas, baseadas em teorias e numerosos experimentos que podem explicar a seleção natural e evolução, são desconsiderados pelos fundamentalismos, embora a religião deva lidar com o curso do pensamento e da ação humana, em vez de falar de fatos.

A religião tem sido criticada, por muitas décadas, por desencadear, entre outras coisas, guerras santas e, mais atualmente, o terrorismo. Muitos argumentam que todas as crenças religiosas são irracionais, como a famosa descrição marxista de que a religião é “o ópio do povo”. No entanto, para muitos, as suas crenças religiosas são o estímulo para se tornarem pessoas melhores. E, no fim, é isso que vale.

Apesar de que pode parecer uma ilusão para os céticos e ateus, eles conseguem manter sua moralidade e encontrar o seu equilíbrio na vida. Assim, podemos dizer que o conceito do que é certo e o que é errado irá variar em cada indivíduo.

É importante não deixar que as diferenças entre as nossas crenças nos tornem apenas juízes do alheio, achando que todos estão errados e nós certos.

Quando vemos o grande número de movimentos, com suas diferenças doutrinárias, suas semelhanças no embasamento bíblico, podemos comparar como uma grande família, com tios, avós, primos, irmãos, pais, com diferenças. Esse grupo que veremos nesse tópico tem suas peculiaridades, suas características que não vimos dentro do que foi estudado até agora.

Para reforçarmos o que vimos no tópico anterior sobre as religiões no mundo em números, vamos introduzir aqui um quadro que mostra uma projeção das religiões para 2050 e, assim, com essa imagem, poderemos fazer esse paralelo entre a quantidade e a qualidade do que vemos e esperamos das religiões.

QUADRO 11 - TAMANHO E PROJEÇÃO DAS MAIORES RELIGIÕES DO MUNDO – 2050

Tamanho e projeção das maiores religiões do mundo – 2010 – 2050					
	2010	% da população mundial 2010	Projeção para 2050	% da população mundial em 2050	Crescimento 2010-2050
Cristãos	2.168.330.000	31,4%	2.918.070.000	31,4%	749.740.000
Muçulmanos	1.599.700.000	23,2%	2.761.480.000	29,7%	1.161.780.000
Sem filiação religiosa	1.131.150,000	16,4%	1.230.340.000	13,2%	99.190.000
Hindus	1.032.210.000	15%	1.384.360.000	14,9%	352.140.000
Budistas	487.760.000	7,1%	486.270.000	5,2%	- 1.490.000
Religiões populares	404.690.000	5,9%	449.140.000	4,8%	44.450.000
Outras Religiões	58.150.000	0,8%	61.450.000	0,7%	3.300.000
Judeus	13860.000	0,2%	16.090.000	0,2%	2.230.000
TOTAL	6.895.850.000	100%	9.307.190.000	100%	2.411.340.000

FONTE: Adaptado de <http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/pf_15-04-02_projectionstables8/>. Acesso em: 21 fev. 2016.

2 CARACTERIZAÇÃO

Nosso objetivo não é memorizar todos os movimentos religiosos existentes hoje, mas compreender os mais representativos. Também não vamos nos apegar à quantidade de movimentos religiosos, mas, a partir de uns poucos, compreender a sua dinâmica, sua estrutura a partir de uma visão geral da estrutura das religiões.

Todas as religiões, sem exceção, têm em comum a seguinte estrutura:
 História - Conjunto de narrativas orais ou escritas, históricas ou mitológicas, que versam sobre a origem da comunidade religiosa em questão, relacionando-a com a origem do mundo e com os níveis supraterrrestres de existência.

Explicação sobre a existência do homem - Interpretação explícita ou implícita do lugar e propósito do homem no cosmos.

Ritos - Conjunto de preceitos rituais, morais e sociais, para a consecução da finalidade de conhecer o mundo superior e obter alguma resposta material ou espiritual.

Tradição - Sistema coerente de linguagem, símbolos pictóricos e gestuais, que sintetizam os três primeiros itens e facilitam sua absorção pela memória da comunidade. Marcam o "estilo" da sua tradição espiritual (MULHER DE CLASSE, s.d., s.p.).

Essa estrutura é um consenso de vários estudiosos para identificar e explicar uma religião, sua evolução e sua diferenciação de outros movimentos, que podem ser considerados seitas, por não contemplarem esses requisitos que imprimem caráter à religião.

As religiões que conhecemos podem ser vistas, a partir de sua estrutura, como uma unidade de consciência, de culto e organizações religiosas. Uma celebração religiosa, um culto religioso é uma atitude de pessoas com as mais altas forças sobrenaturais e se manifesta através da adoração, sacrifícios, rituais, festas, peregrinações, procissões. Normalmente, nessas celebrações ou cultos há um ou mais objetos de culto religioso e nele se manifesta uma força superior.

As motivações para participar de um culto podem ser:

- Uma necessidade da libertação espiritual.
- Um sofrimento superado.
- Uma satisfação para as aspirações religiosas.
- Um agradecimento por alguma graça.
- Uma petição a uma força superior; no coletivo, imagina-se que o apelo é maior.

3 MOVIMENTOS RELIGIOSOS INDEPENDENTES

Os movimentos religiosos independentes, na sua maioria, advêm de alguma religião tradicional, histórica, com uma doutrina já definida, como, por exemplo, catolicismo, protestantismo. Com o tempo, imprimem sua própria doutrina, seus próprios dogmas, sua própria caracterização religiosa. Vejamos alguns representantes desse grupo para termos uma ideia de sua conotação dentro dos movimentos religiosos contemporâneos.

Adventistas: a Igreja Adventista chegou ao Brasil em 1879, em Santa Catarina, e atualmente tem cerca de 1.000.000 de membros, mantendo uma extensa rede hospitalar em todos os estados brasileiros. Existem 3 ramos: Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Adventista da Promessa e Igreja Adventista da Reforma.

Mórmons: os primeiros missionários Mórmons chegaram ao Brasil em 1928 e fundaram, no ano de 1935, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Atualmente, são cerca de 600.000 membros, de acordo com fontes da própria Igreja.

Testemunhas de Jeová: introduzida no Brasil em 1923, no Rio de Janeiro, por um grupo de marinheiros americanos, a Igreja tem hoje cerca de 1.200.000 adeptos, e sua sede nacional fica em Cesário Lange, São Paulo.

Paganismo: desde os anos 70, tem aumentado, no Brasil, o número de praticantes de cultos neopagãos, mais especificamente o xamanismo e a wicca, em que grupos de praticantes se reúnem em ambientes naturais e promovem rituais em que celebram a sintonização com a energia natural da Terra e as entidades correlacionadas. O grupo xamânico mais conhecido no Brasil é o do Santo Daime.

FONTE: RELIGIÕES NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.brazilsite.com.br/religiao/outras/master.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Um movimento religioso contemporâneo de difícil classificação é a Nova Era e, por isso mesmo, vamos incluí-lo nesse grupo, mesmo tendo um ponto de vista de que esse movimento pode inclusive não ser cristão.

O termo Nova Era apareceu dessa forma no ano de 1937, numa perspectiva esotérica ligada à Era de Aquário como passagem para uma nova constelação. O ano de 2009 também se situa na Era de Aquário quando, a partir do movimento dos astros, sol, constelações, surgem novas civilizações. Essas novas civilizações trarão consigo um novo pensamento, uma “tomada de consciência” sobre a importância do Universo.

Essa tomada de consciência tem uma base espiritual em cinco partes:

1 Deus não é um ser pessoal, mas uma energia ou uma lei cósmica e universal: isso significa, no fundo, que se confunde o criador com aquilo que foi criado.

2 O ser humano faz parte do ser divino. Ele é um brilho do fogo cósmico e divino. Este brilho mora temporariamente num corpo: se consta a mesma contradição.

3 O mundo é uma manifestação passageira da energia divina em constante evolução.

4 O bem é uma iluminação sobre a verdadeira situação do ser humano dentro do cosmo. O mal é consequentemente a atitude não iluminada.

5 A redenção do ser humano acontece pelo caminho da iluminação. No decorrer desta iluminação, a pessoa humana deve entrar em harmonia cada vez mais íntima com as energias cósmicas da vida até chegar ao conhecimento de sua identidade real como elemento do divino (SCHMIDT; FLOTHER; MATRISCIANA, 1987, p. 59).

Podemos acrescentar aqui o movimento da Cientologia, muito conhecido hoje por agregar alguns artistas famosos. Com doutrinas diferentes e com poucas informações, podemos apontar algumas características, entre as quais, sua doutrina, que pode ser localizada dentro da doutrina espírita. Vejamos.

Na década de 1950, o escritor Lafayette Ron Hubbard tornou-se famoso por seus livros de ficção científica. No entanto, suas ideias repercutiriam de um modo muito mais forte, fazendo do escritor o mentor de uma nova religião. Hubbard desenvolveu um sistema de crenças a partir de suas publicações e, em 1952, deu origem à religião que seria conhecida como Cientologia.

Três livros de L. Ron Hubbard foram fundamentais para o estabelecimento da Cientologia. O primeiro deles foi publicado em 1950 com o título *Dianética: A Moderna Ciência da Saúde*. No texto, o autor explicava como auxiliar e evitar sensações indesejadas, medos irracionais e doenças psicossomáticas. A metodologia e a explicação de Hubbard se tornou referência no assunto. Naquele mesmo ano, ele também publicaria *Dianética: A Evolução da Ciência e Ciência da Sobrevivência*. Quando elaborou o sistema de crenças, em 1952, Hubbard passou a considerar a dianética como uma subdisciplina da Cientologia. Dois anos mais tarde, a religião foi oficializada e Hubbard a concedeu atenção especial. Até o final de sua vida, em 1986, L. Ron Hubbard publicou centenas de livros abordando a Cientologia e a dianética.

A Cientologia é uma religião que recebe influência do hinduísmo e do budismo, mas também de campos da ciência, como as ciências humanas. A doutrina alega bom relacionamento com outras crenças e julga-se capaz de influenciá-las também. O sistema de crenças foi todo descrito por Hubbard em seus livros, considerando, inclusive, os romances de ficção científica. A criação de tudo, por exemplo, remeteria a uma confederação de galáxias que abrigava todos os planetas do universo 75 milhões de anos atrás. Ela era governada por um líder maléfico chamado Xenu, que estava insatisfeito com os problemas de superpopulação. Para solucionar a questão, ele teria enviado bilhões de habitantes para a Terra através de naves que foram jogadas dentro de vulcões. O espírito desses habitantes teria dado origem aos humanos.

Os seguidores da Cientologia acreditam na imortalidade, de tal modo que os seres humanos evoluem até alcançar a iluminação. Essa evolução é fruto da purificação alcançada através da reencarnação. Para atingir o autoconhecimento e a purificação, os membros da religião passam por processos científicos, por entrevistas, por exames e detectores de mentiras para revelar aspectos de suas almas. No entanto, o avaliado só toma conhecimento desses resultados muitos anos mais tarde, para verificar a evolução. Assim como outras religiões, a Cientologia possui culto aos domingos, batismos, casamentos, cerimônias religiosas e ações de caridade. Mas suas práticas possuem um valor financeiro muito elevado.

Há inúmeras críticas acerca da Cientologia. Em primeiro lugar, muitos a acusam de não possuir nada de científico. Outros a criticam pela rigorosidade. Outros a envolvem com ações criminosas. Por exemplo, a religião é acusada de trabalho forçado, de lavagem cerebral, de punições extremadas e de distanciamento familiar. Há vários relatos de escândalos envolvendo a Cientologia em todo o mundo. Em alguns lugares, a religião chegou a ser oficialmente proibida pelo governo. Mas há também condenações por práticas de ilegalidade, fraude, ações criminais e suspeitas de tráfico humano. No entanto, a Cientologia possui adeptos famosos, como os atores Tom Cruise e John Travolta, a atriz Kirstie Alley e a filha e a ex-esposa de Elvis Presley, Lisa Marie Presley e Priscilla Presley.

FONTE: Disponível em: <<http://www.infoescola.com/religiao/cientologia/>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Um sinal evidente de uma religião, de sua existência, é a defesa da vida acima de tudo. Também se evidencia a relação do surgimento de religiões refletindo seu tempo e sua época. Há também uma preocupação das religiões com a natureza e com o campo espiritual. São esses os novos tempos para as novas religiões.

As novas religiões costumam refletir a época em que surgem. Nos anos 50, quando era grande o entusiasmo pela descoberta de vida extraterrestre, houve um "boom" de religiões em que deuses e anjos eram seres de outros planetas. "Mas havia problemas: no início, a ideia era de que esses seres viriam de planetas relativamente próximos, como Marte. Essa ideia foi destruída quando começamos a explorar o espaço. Então agora eles vêm de galáxias distantes", diz Melton. Atualmente, há uma tendência em várias religiões de vincular a proteção ao ambiente à espiritualidade. Algumas religiões na África realizam suas cerimônias ao ar livre, como forma de despertar a consciência ecológica. Partridge também destaca o aparecimento do que chama de "espiritualidade alternativa". "Uma das mudanças mais significativas, particularmente na religiosidade dos ocidentais, é a emergência de formas não-institucionais e privadas de crença e práticas. Há um distanciamento de formas tradicionais de crença que se desenvolveram dentro das instituições religiosas em direção a formas de crença que focam no indivíduo ["self"], na natureza ou simplesmente na "vida", afirma Partridge. "Na busca de uma espiritualidade alternativa, a pessoa pode tirar inspiração dos ensinamentos de Jesus, das ideias taoístas, até mesmo da importância espiritual de golfinhos e discos-voadores. Qualquer que seja a opção, essa pessoa irá seguir um caminho traçado a seu modo, que se foca no "self" e que se distingue do que normalmente seria classificado como "religião" (PAOLOZZI, 2005, s.p.).

LEITURA COMPLEMENTAR

Análise: A estrutura financeira das religiões

Rachel McCleary

1 A religião é uma instituição financeira tanto quanto espiritual. Sem doações dos fiéis, as religiões como organizações sociais não sobreviveriam.



Não é surpreendente que as maiores religiões do mundo, judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo e hinduísmo, promovam a acumulação de riquezas através de seus sistemas de crenças, o que contribui para a prosperidade econômica.

Incentivos espirituais como a danação e a salvação são motivadores eficientes. Por isso, religiões que dão ênfase à crença no inferno são mais propensas a contribuir para a prosperidade econômica do que as que enfatizam a crença no paraíso.

As religiões que têm foco na crença no paraíso dão mais importância a atividades redistributivas (caridade) para diminuir o tempo das pessoas no inferno e chegar mais perto do paraíso.

Já o incentivo que se baseia na crença no inferno parece mais eficiente para o comportamento econômico, porque motiva os fiéis a trabalharem mais duro para evitar a danação.

2 Arrecadação

A estrutura organizacional, assim como o sistema de crenças de uma religião, afeta diretamente sua habilidade de arrecadar fundos dos fiéis.

A riqueza das religiões, de maneira muito semelhante à riqueza das nações, depende da estrutura de sua organização. Contudo, diferentemente das

corporações, as finanças das religiões não são transparentes para o público, nem são monitoradas.

Algumas estruturas religiosas são hierárquicas, como a da Igreja Católica Romana, com a concentração de riqueza no clero e no Papado. Por contraste, as igrejas evangélicas e pentecostais favorecem um acúmulo de riqueza de pai para filho.

O famoso evangelista americano Billy Graham e seu filho William Franklin Graham 3º, que assumiu a presidência da associação evangelista do pai, são um exemplo de como o poder espiritual e a riqueza de uma religião são mantidos pelos laços familiares.



Religiões monoteístas usam a experiência coletiva como forma de pressionar os fiéis para a doação. Outras organizações tendem a ser descentralizadas e comunitárias por natureza, como o judaísmo, com as sinagogas locais mantendo a autonomia sobre as finanças. Contudo, as religiões coletivas, como as monoteístas, requerem a crença exclusiva em um só Deus e contam financeiramente com tributos e doações voluntárias de seus membros. Como consequência, um templo, igreja ou mesquita exerce pressão coletiva e outros tipos de sanções grupais para garantir a ajuda financeira contínua dos fiéis à religião.

No entanto, uma dificuldade constante enfrentada pelas religiões é que muitos membros decidem agir de acordo com sua própria vontade e não dar apoio financeiro.

Outro tipo de estrutura religiosa é a privada ou difusa. Hinduísmo e budismo são religiões privadas, em que os fiéis realizam atos religiosos sozinhos e pagam uma taxa para um monge pelo serviço. Nestes casos, as atividades religiosas são partes da vida diária e podem ser feitas a qualquer momento do dia. Elas não requerem nem um grupo de fiéis nem a presença dos monges. Essas religiões privadas tendem a ser politeístas e sustentadas financeiramente pelo pagamento de uma taxa de serviço.

3 Apoio do Estado

Religiões com muitos recursos, como o catolicismo romano e o islamismo, historicamente foram, algumas vezes, monopólios financiados pelo Estado.

A regulação da religião pelo Estado pode reduzir a qualidade das vantagens espirituais na medida em que aumenta a capacidade da religião de acumular riqueza. Contudo, uma religião subsidiada pelo Estado pode ter um efeito positivo na participação religiosa. Por exemplo, os governos da Dinamarca, Suécia, Alemanha e Áustria subsidiam muitas religiões para a manutenção de suas propriedades, a educação do clero e os serviços sociais. Mesmo que isso não necessariamente aumente o número de pessoas que frequentam a igreja, o investimento financeiro do Estado nas instituições religiosas aumentou as oportunidades das pessoas de participarem de atividades patrocinadas pela religião.

FONTE: Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110830_analise_religiao_negocio_rm.shtml>. Acesso em: 18 mar. 2016.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, vimos que:

- História, ritos e tradição são pontos determinantes para caracterizar religião.
- Os movimentos religiosos independentes, na sua maioria, advêm de alguma religião tradicional, histórica, com uma doutrina já definida, como, por exemplo, o catolicismo e o protestantismo.
- Com o passar do tempo, os movimentos religiosos independentes, assim como todos os outros movimentos, imprimem sua própria doutrina, seus próprios dogmas, sua própria caracterização religiosa.
- Os movimentos religiosos independentes agregam pessoas de renome em suas fileiras.

AUTOATIVIDADE



- 1 Quais pontos são necessários para caracterizar uma religião? Explique cada um deles.
- 2 Indique três ensinamentos da Cientologia.

MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL

1 INTRODUÇÃO

A expansão dos movimentos religiosos no Brasil é também resultado da urbanização e da plena liberdade religiosa adquirida com outras liberdades que também aqui chegam. Sabendo da força do cristianismo que aqui chegou junto com as primeiras caravelas, podemos indicar que, atualmente, 82% da população se declara cristã.

Segundo o nosso último Censo Demográfico do (IBGE, 2000), as principais mudanças que caracterizam o campo religioso brasileiro hoje são: a diminuição percentual de católicos (83,76% em 1991; 73,77% em 2000), o crescimento dos evangélicos (9,05% em 1991; 15,45% em 2000) e o aumento dos “sem religião” (4,8% em 1991; 7,4% em 2000). Paralelamente, vários estudos têm demonstrado que entre aqueles que se classificam como “sem religião” apenas uma parcela mínima se diz “ateu” ou “agnóstico”. Entre “os sem religião” destacam-se duas virtualidades: em uma delas estão aqueles que optaram por “acreditar em Deus, mas não ter religião”, rejeitando pacotes institucionais e fazendo suas sínteses pessoais, bem ao espírito da época; na outra estão aqueles que estão em trânsito, isto é, em busca de novos vínculos institucionais. Em síntese, nesta configuração social, ampliam as possibilidades de experimentação religiosa dentro, fora ou à margem da religião de origem (NOVAES, 2004, p. 321).

2 DENOMINAÇÕES PRESENTES NO BRASIL

O mundo passou por grandes transformações no século XX, que, de certa forma, vão dar maior qualidade de vida, principalmente para os povos do Ocidente. Podemos identificar a industrialização, que vai provocar mudanças não só na vida das pessoas, mas também na natureza. Essa busca de prosperidade, desejo de praticamente todas as pessoas, vai propiciar alguns aspectos positivos, outros negativos e isso vale para o Brasil. Em alguns casos, o alcance do ponto positivo provocou a intensificação, o avanço do ponto negativo. Veja os itens que seguem e você pode reforçar essa análise.

- Positivos:
 - o Vida urbana em crescimento em detrimento da rural.
 - o Melhor exploração dos recursos naturais.
 - o O avanço tecnológico vai provocar melhorias tanto para a indústria – meio urbano, quanto para o setor agrícola – meio rural.
- Negativos:
 - o Explosão demográfica.
 - o Violência.
 - o Destruição do meio ambiente.

Existem muito mais fatores positivos e negativos que poderiam ser elencados, mas temos esses acima citados que servem para contextualizar o Brasil do Século XX e XXI, que vai receber tantas novas denominações religiosas e também vai gerar aqui mesmo outras tantas denominações.

Devido ao elevado número de denominações presentes hoje no Brasil, não só dos novos movimentos, é quase impossível elencar todos, levando-se em conta que a cada dia surgem novos movimentos. A relação a seguir vai apresentar todos aqueles que são mais visíveis dentro de uma divisão tradicional para facilitar a compreensão desses movimentos.

TABELA 1 - RELIGIÕES NO BRASIL, 2010

Religião	Pessoas	%
Católica Apostólica Romana	123.280.172	64,63
Evangélicas	42.272.440	22,16
Sem religião	15.335.510	8,04
Espírita	3.848.876	2,02
Outras religiosidades cristãs	1.461.495	0,77
Testemunhas de Jeová	1.393.208	0,73
Não determinada e múltiplo pertencimento	643.598	0,34
Umbanda e Candomblé	588.797	0,31
Católica Apostólica Brasileira	560.781	0,29
Budismo	243.966	0,13
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias	226.509	0,12
Não sabe	196.099	0,10
Novas religiões orientais	155.951	0,08
Católica Ortodoxa	131.571	0,07
Judaísmo	107.329	0,06
Tradições esotéricas	74.013	0,04
Tradições indígenas	63.082	0,03
Espiritualista	61.179	0,03
Sem declaração	45.839	0,02
Islamismo	35.167	0,02
Outras religiosidades	11.306	0,01
Hinduísmo	5.675	0,00

FONTE: Disponível em: <<https://confins.revues.org/7785?lang=pt#tocto1n4>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Este primeiro grupo que acabamos de ver é mais numeroso e melhor identificado pela quantidade e abrangência de presença pelos estados brasileiros, com algumas exceções.

O segundo grupo é muito característico do Brasil, por ter se desenvolvido aqui com influências externas, mas com forte influência das tradições e costumes locais.

Outras particularidades dos movimentos religiosos no Brasil podem ser visualizadas a partir da capital Federal, Brasília, considerada hoje como a capital mundial do esoterismo que, mesmo antes de sua fundação, foi referenciada em sonhos pelo italiano São João Bosco. Podemos destacar cidades que, pela presença religiosa do catolicismo são marcadas pela religiosidade determinante de toda, ou quase toda vida daquela cidade: Aparecida do Norte em São Paulo e Nova Trento em Santa Catarina.

3 PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS

No ano de 1901, um grupo de alunos no colégio Bethel Bible College, em Topeka, nos Estados Unidos, no momento dos estudos sobre o Espírito Santo, impõe as mãos sobre a colega de classe Agnes Osman, que, a partir desse momento, inicia a glossolalia, o falar em línguas desconhecidas.

Depois desse episódio, temos a narrativa de outra situação muito parecida. Vejamos:

Em 1905, na cidade de Houston, Texas. Foi de lá que William J. Seimor, um aluno negro, ao receber o mesmo dom, tornou-se mais tarde o líder de uma missão no número 312 da Rua Azusa, em Los Angeles, no ano de 1906. Falar em línguas se tornou comum nessa missão. Pessoas que vinham visitá-la tiveram experiências similares e levaram a mensagem para outros países. Pode-se dizer que a Missão da rua Azusa é a mãe do pentecostalismo mundial. Essa missão chamava-se "MISSÃO APOSTÓLICA DA FÉ". Este nome durou até 1914 quando foi mudado para "ASSEMBLEIA DE DEUS". Muitos jovens pregadores e aspirantes a pregadores iam ter com William J. Seimor para receber os dons. Foi assim que Gunnar Vingren e Daniel Berg, os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, tornaram-se pentecostais em 1908. Em 1907, um pastor chamado William H. Durhan, recebeu de Seimor os dons. Durhan abriu sua própria missão também em Los Angeles. Ficava na North Ave, 943. Foi nesta missão que Louis Francescon, futuro fundador da Congregação Cristã do Brasil, recebeu os seus dons (STEFANO, s.d., s.p.).

Vimos, em tópicos anteriores, as várias religiões e movimentos que existem hoje no Brasil. Não foi apresentada uma distinção de religiões históricas, pentecostais, neopentecostais e assim por diante. Por isso, é interessante distinguirmos o pentecostalismo a partir do surgimento delas em épocas distintas no Brasil. São três momentos.

No primeiro, no século 20, surge a Assembleia de Deus (1911), que detém, nos dias atuais, cerca de 20% dos evangélicos brasileiros, a Congregação Cristã (1910), que são conhecidos como pentecostais históricos ou clássicos. A primeira nasceu em Belém, mas seu grande desenvolvimento se deu em São Paulo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA, 2010)

O segundo grupo aparece a partir da década de 50: Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja o Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Deus é Amor.

A partir da década de 70, surge o terceiro grupo, denominado Neopentecostal, que pode também ser reconhecido como igrejas autônomas, juntamente com o segundo grupo, com a Igreja Universal do Reino de Deus, como representante principal e que se desenvolveram no Rio de Janeiro.

Neopentecostalismo é o nome que se dá aos pentecostais da terceira geração. São assim chamados porque diferem muito dos pentecostais históricos e daqueles da segunda geração. Realmente é um novo pentecostalismo. Não se apegam à questão de roupas, de televisão, de costumes, e têm um jeito diferente de falar sobre Deus. Dualizam o mundo espiritual, dividindo-o entre Deus e o Diabo. Para eles, o mundo está completamente tomado por demônios, e é sua função expulsá-los. Pregam a prosperidade como meio de vida. Pobreza é coisa de Satanás. Doença só existe em quem não acredita em Deus e sua origem é o demônio. Seus cultos são sempre emotivos, objetivando uma libertação do mundo satânico. Em muitos pontos, pode-se dizer que suas doutrinas são bem parecidas com as doutrinas das religiões orientais, tais como Seicho-No-E, hinduísmo e budismo. Para eles, o crente não pode sentir dor, ser pobre ou estar fraco.

Este movimento começou no início da década de setenta. Seu crescimento deve-se muito aos programas de rádio e televisão, nos quais, devido ao anúncio de curas e milagres, tiveram uma grande audiência. Seus ouvintes e telespectadores geralmente são recrutados para dentro de suas igrejas. O sistema de testemunho é forte, e isso certamente encoraja outros a tomar o mesmo caminho.

No Brasil, a maior igreja neopentecostal é a UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD). Já conta com mais de dois mil templos em todo o Brasil e é a terceira maior igreja evangélica do país, ficando atrás apenas da Assembleia de Deus e da Igreja Cristã. Fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo, tem procurado estabelecer um sistema episcopal como o católico. Possui um forte esquema de comunicação, que é sem dúvida o fator de peso na divulgação e crescimento de seus trabalhos.

Depois da Universal, a maior igreja neopentecostal no Brasil é a Igreja Internacional da Graça. Esta igreja foi fundada em 1980 pelo missionário R. R. Soares no Rio de Janeiro. Na intenção de imitar o trabalho de Kenneth Hagen (um dos maiores apresentadores de igrejas televisionadas dos EUA),

Soares investe muito na apresentação de seus programas. Outra Igreja forte no ramo neopentecostal é a Renascer em Cristo, que trabalha principalmente com a camada alta da sociedade. Há pouco tempo, quase comprou uma rede de Televisão. A tendência é crescer. Seu fundador se autodeclarou "apóstolo".

FONTE: OS PENTECOSTAIS, os neopentecostais, os carismáticos. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/PentecostaisNeoPCarismaticos-GilbertoStefano.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

O pentecostalismo é um fenômeno globalizado, nascido na nação mais globalizada do mundo, os Estados Unidos, no início do século XX e que cresce de forma especial naqueles países em desenvolvimento, inclusive o Brasil, com predominância católica. Mesmo o Brasil ainda sendo predominantemente católico, um dos maiores do catolicismo no mundo e também sendo a nação onde o espiritismo tem maior expressão numérica, o pentecostalismo e o neopentecostalismo estão crescendo de forma consistente.

Enquanto há uma aproximação significativa entre católicos e luteranos, muitos desses novos movimentos procuram atuar de forma independente, porque, via de regra, já nascem nessa perspectiva. Há que se destacar o quinto centenário do início da reforma, que será comemorado pelos luteranos e também pelos católicos.

O termo evangélico, na América Latina, recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas e descendentes da Reforma Protestante europeia no século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Maior, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus). Nascido nos Estados Unidos no começo deste século, o pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *hokiness*, distingue-se do protestantismo, grosso modo, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo, e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras de seu supremo poder e inigualável bondade (RICARDO MARIANO, 1995, p. 10).

Podemos verificar que os neopentecostais, a partir da década de 70, intensificaram sua diferenciação para com os pentecostais anteriores, aqueles que vieram para o Brasil, na sua maioria, dos Estados Unidos e que trouxeram aspectos sectários, ascéticos, sendo vistos e reconhecidos por alguns hábitos estigmatizados.

Os neopentecostais buscam uma adequação à sociedade, pela sua dinâmica, pela teologia, até pela estética que passa pela vestimenta dos fiéis e também pela configuração dos templos.

Na verdade, elas não só aboliram certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, como propuseram novos ritos, crenças e práticas, relaxaram costumes e comportamentos e estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade. E como se não bastasse, passaram a priorizar a vida aqui e agora, em vez de enfatizar, como insistiam antes seus irmãos de fé, o abrupto fim apocalíptico deste mundo, ao qual prontamente se seguiria a bem-aventurança dos eleitos no Paraíso celestial. O fato de relegar a velha escatologia pentecostal para o segundo plano não significa que eles, crentes de todas as estirpes, incluso os filiados às igrejas mais recentes, mais liberais e menos sectárias, deixaram, por um instante que seja, de desejar ardentemente as delícias do Paraíso prometido. Nada disso. Significa que socializados nas inovadoras e materialistas doutrinas da teologia da prosperidade, mudaram sua prioridade. Tornaram-se, com respaldo e estímulo religiosos, mais imediatistas e pragmáticos, isto é, antes de irem viver eternamente ao lado de Deus, futuro para o qual se creem destinados, eles querem gozar ao máximo de tudo a que têm direito e sem a menor culpa moral, nesta vida e o que julgam haver de bom neste mundo (RICARDO MARIANO, 1995, p. 7-8).

4 PRESENÇA DE MOVIMENTOS ORIENTAIS NO BRASIL

O Brasil tem uma característica marcante, que é a acolhida. Para os movimentos religiosos contemporâneos essa afirmação também é válida. Na tabela que segue vemos algumas das principais novas religiões japonesas que estão presentes no Brasil. A tabela deixa claro que elas têm sua concentração proporcionalmente à população nas regiões Sudeste e Sul.

A chegada das principais religiões japonesas se dá juntamente com a intensificação da imigração a partir da década de 30 até a década de 50. Para estas religiões e tantas outras, o Brasil favorece essa presença e sua expansão pela sua emergência econômica, democrática, demográfica, familiar, urbana.

TABELA 2 - DEMOGRAFIA E FILIAÇÃO RELIGIOSA

Religião	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste	TOTAL
Igreja Messiânica Mundial	3.434	16.278	75.902	6.594	7.102	109.310
Seicho-No-Ie	844	1.396	18.899	3.780	2.865	27.784
Perfect Liberty	36	295	4.611	169	354	5.465
Tenrikyo	161	270	2.415	778	162	3.786
Mahicari	74	231	1.512	531	706	3.054
TOTAL	4.549	18.470	103.339	11.852	11.189	149.399

FONTE: Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2016.

5 NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS E A SOCIEDADE BRASILEIRA

O campo religioso no Brasil tem suas peculiaridades em relação aos outros países do mundo. Presencia-se, em geral, uma tolerância tanto entre os movimentos religiosos com as grandes religiões históricas, quanto com a própria sociedade com os novos movimentos.

Desde o início da presença religiosa oficial no Brasil, a convivência com a religiosidade nativa foi de uma convivência forçada à conversão, que se percebeu imatura e desnecessária.

Não vamos entrar nos detalhes da história, porque estamos mais centrados na atualidade. O Brasil é um país onde a religiosidade tem características acentuadas, de cores vibrantes e de interação social evidente.

Uma característica brasileira, que difere nossa realidade da dos países europeus ou mesmo dos Estados Unidos, diz respeito à postura da sociedade em geral diante dos novos grupos religiosos e que acaba refletindo nas interpretações advindas das ciências da religião acerca desse fenômeno. Talvez devido à formação histórica em relação à religião, encontramos aqui uma grande tolerância e admissão de novas formas de vivenciar as religiosidades. A história do catolicismo em nosso país, até hoje a denominação religiosa da maioria dos brasileiros, foi marcada por uma característica peculiar: o distanciamento dos fiéis diante da ortodoxia e do clero oficial. Tal fato possibilitou vivências múltiplas, sincréticas ou mesmo a construção de um catolicismo rústico e popular, distante de regras muito rígidas. A incorporação de elementos religiosos indígenas e africanos sempre foi uma constante. O candomblé, embora já perseguido no passado, hoje é plenamente aceito e institucionalizado, sem deixar de ser para muitos uma espécie de serviço mágico que se vivencia em duplicidade com o catolicismo. Não há problema ou conflito algum aqui (RICARDO MARIANO, 1995, p. 11).

Vamos tomar como exemplo de convivência e de adaptação os orientais. Eles têm forte influência no Brasil, que não se resume na contribuição para a economia:

Os imigrantes japoneses, no decorrer dos anos, têm influenciado e enriquecido a cultura brasileira em vários setores. A religiosidade é um grande exemplo disso. É verdade que os descendentes nipônicos estão, em comparação com os não descendentes, menos ligados a essa linha de religiosidade. E é verdade também que, enquanto algumas religiões procuram manter e divulgar tradições japonesas, outras têm apenas o fundamento religioso como herança. Mas o crescimento e expansão dessas religiões é surpreendente. Algumas seguem a linha de crescimento de massa, procurando atingir um grande número de pessoas. Outras, mais tradicionais, menos proselitistas, seguem a linha familiar [...]. Assim, para a sociedade brasileira, as novas religiões nunca se configuraram como ameaças e, salvo algumas exceções, o campo foi marcado por uma ampla tolerância. Os estudiosos das novas religiões não se preocuparam, portanto, com possíveis facetas

das seitas ou cultos como ameaças à integridade das famílias, nem mesmo com as implicações legais decorrentes do cooptação de jovens e possíveis lavagens cerebrais praticadas por esses novos grupos. Algumas preocupações apenas vieram de análises internas à própria igreja, principalmente em relação à Nova Era, tratada muitas vezes como neopaganismo (GUERRIERO, 2006, p. 86-87).

Vamos citar o surgimento de alguns desses movimentos a partir da década de 50 até a década de 70, para entendermos as transformações não só religiosas, como a hegemonia católica que vai sendo diminuída, mas também na própria sociedade, que, de forma silenciosa, vai recebendo esses novos movimentos.

- Década de 50: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951): Igreja o Brasil para Cristo (1955).
- Década de 60: Nova Vida (1960), Deus é Amor (1962), Casa da Bênção (1964).
- Nova Vida (1960).
- Década de 70: Universal do Reino de Deus (1977).

Levando-se em conta que o Brasil tem um povo religioso, ou seja, que busca e expressa a sua religiosidade, não vamos estranhar que tanto as grandes religiões quanto os novos movimentos religiosos que aqui vão se instalando têm um desenvolvimento muito marcante. As Testemunhas de Jeová encontram no Brasil sua segunda nação em termos numéricos, assim como os Mórmons, que cresceram cerca de 80% desde quando chegaram no Brasil, por volta da década de 20, no século passado. Todas essas novas forças religiosas vão trazer novas perspectivas que vão além do campo religioso (IBGE, 2010).

A derrocada constante da hegemonia católica concomitante à consolidação institucional e demográfica dos grupos pentecostais, à ampliação e diversificação das religiões de matriz cristã, à pentecostalização do protestantismo e de segmentos do catolicismo e a dessacralização da cultura por meio do desenraizamento dos brasileiros da “religião tradicional e da tradição religiosa”, abrindo-os inevitavelmente para a apostasia, para a quebra de lealdade e para a livre escolha religiosa (PIERUCCI, 1996, p. 258).

Tal pluralização do espectro cristão tem propiciado a formação de um vasto mercado religioso e a expansão do mercado de negócios, produtos e profissões bancados por e atrelados a empreendimentos ditos religiosos ou parareligiosos (RICARDO MARIANO, 1995, p. 15).

As tabelas e gráficos que tratam sobre o número de evangélicos como integrantes das religiões presentes no Brasil, evidenciam um crescimento numérico em detrimento das igrejas tradicionais, como por exemplo a igreja católica e a luterana. Porém, todo o entusiasmo por esse crescimento pode estar em xeque, a partir de pesquisas mais recentes, levando-se em conta que o levantamento do IBGE de 2010 vai se efetivando dois anos depois e novas pesquisas, de institutos

que estudam as religiões, apontam um avanço mais ameno para os evangélicos no Brasil.

Há coisa de cinco anos, evangélicos de todo o Brasil entraram em festa. Pela primeira vez, desde que o país foi achado pelos portugueses, a fé católica perderia sua hegemonia. Esta, pelo menos, era a previsão de pastores, líderes e pesquisadores diante dos números promissores sobre o avanço da Igreja Evangélica no país. “O Brasil é do Senhor”, frase bradada dos púlpitos e nos programas evangélicos na TV, sintetizava a virada de mesa que aconteceria em breve. Quem cresse e vivesse, veria – e a base para tanto ufanismo eram as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, que a cada década realiza o Censo da população nacional. No levantamento do ano 2010, chegou-se à cifra de 42,3 milhões de crentes, ou 22,2% do povo brasileiro. O processo fora mais avassalador ainda nas comparações anteriores, que mostravam um avanço de seis vezes do segmento em duas décadas. Em seu estudo *A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010*, o pesquisador José Eustáquio Diniz, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, chegou a dizer que o Brasil poderia ser um país de maioria evangélica já por volta de 2030: “Apenas pelo efeito da inércia demográfica, haverá crescimento da população evangélica”.

Na mesma onda, foram muitos pastores e institutos de pesquisa evangélicos. O Departamento de Pesquisas do ministério Servindo Pastores e Líderes (Sepal) divulgou uma estimativa, em 2011, segundo a qual os evangélicos representariam mais da metade da população brasileira já em 2020. “Eles serão aproximadamente 109,3 milhões, para uma população de 209,3 milhões,” previu o teólogo e pesquisador Luis André Bruneto. O entusiasmo era corroborado por grandes manifestações, como a Marcha para Jesus (que, em 2009, levou às ruas de São Paulo quase 2 milhões de pessoas), pela maciça presença midiática dos pastores e pela crescente influência evangélica em setores como a política partidária, entre outros. “O Instituto Superior de Estudos da Religião fez, na década de 90, uma extensa pesquisa sobre a abertura de templos. Eram cinco por semana, só no Rio de Janeiro”, observa o pastor presbiteriano André Mello, na época integrante da equipe do Iser.

Acontece que, se a matemática é uma ciência exata, a dinâmica demográfica, muitas vezes, caminha na direção oposta, e aí não há fé capaz de fechar a equação. Os números relativos à religiosidade do povo brasileiro do Censo 2010 só foram fechados e divulgados mais de dois anos depois, e o festejado crescimento dos evangélicos, que se acelerou de maneira sem paralelo no mundo contemporâneo entre os anos 1980 e 2000, caiu bastante. Os números ainda são ascendentes, mas tendem à estabilização – e até ao encolhimento, como especulam alguns pesquisadores –, o que contraria frontalmente as previsões mais ufanistas. “Entre 1991 e 2000, o aumento médio foi de 120%”, lembra o bispo emérito da Igreja Metodista Paulo Ayres Mattos. Dali em diante, o avanço caiu pela metade. “Isso não pode ser ignorado de forma alguma para quem trabalha

com rigor e seriedade as mutações no campo religioso brasileiro”. Doutor em Teologia e professor da Universidade Metodista de São Paulo, Ayres é estudioso do movimento pentecostal brasileiro e avalia que o fato mais importante dos dados religiosos do último Censo é a diminuição comparativa do crescimento evangélico.

FONTE: Disponível em: <<http://folhagospel.com/modules/news/article.php?storyid=30741>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

No quadro a seguir, resultado de levantamento do IBGE, já temos indicativos do esmorecimento de algumas denominações evangélicas no seu crescimento numérico.

QUADRO 12 – CENSO RELIGIOSO POR IGREJAS, 2010

C	Denominações	2010	A/V-%	2000	Cresceram	Diminuíram
1	Igreja Assembléia de Deus	12.314.410	29,13	8.418.140	3.896.270	
2	Igreja Evangélica Batista	3.723.853	8,81	3.162.691	561.162	
3	Igreja Congregação Cristã no Brasil	2.289.634	5,42	2.489.113		- 199.479
4	Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243	4,43	2.101.187		- 227.944
5	Igreja Evangelho Quadrangular	1.808.389	4,28	1.318.805	489.584	
6	Igreja Adventista	1.561.071	3,69	1.209.842	351.229	
7	Igreja Evangélica Luterana	999.498	2,36	1.062.145		- 62.647
8	Igreja Evangélica Presbiteriana	921.209	2,18	981.064		- 59.855
9	Igreja Deus é amor	845.383	2,00	774.830	70.553	
10	Igreja Maranata	356.021	0,84	277.342	78.679	
11	Igreja Evangélica Metodista	340.938	0,81	340.961		- 23
12	Igreja o Brasil para Cristo	196.665	0,47	175.618	21.047	
13	Igreja Casa da Bênção	125.550	0,30	128.676		- 3.126
14	Igreja Evangélica Congregacional	109.591	0,26	148.836		- 39.245
15	Igreja Nova Vida	90.568	0,21	92.315		- 1.147
x	Outras	14.719.417	34,82	3.503.376	11.216.041	
	Total	42.275.440	100,00	26.184.941	16.684.565	- 594.066

FONTE: Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/63.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

A seguir, mais alguns números de igrejas, pastores, templos, data de fundação de algumas igrejas evangélicas.

TABELA 3 - DO CRESCIMENTO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS

Igrejas:	Universal do Reino de Deus	Internacional Graça de Deus	Renascer em Cristo	Sara NossaTerra
Fundação	1977	1980	1986	1992
Fiéis em 1991	268.000	100.000	10.000	3.000
Fiéis em 2001	2.000.000	270.000	120.000	150.000
Templos	7.000	900	400	350
Pastores	14.000	1.500	1.000	1.100
Igrejas:	Congregação Cristã Brasil	Assembleia de Deus	Evangelho Quadrangular	Deus é Amor
Fundação	1910	1911	1951	1962
Fiéis em 1991	1.600.000	2.400.000	303.000	170.000
Fiéis em 2001	2.200.000	4.500.000	1.000.000	750.000
Templos	14.300	22.000	6.300	5.000
Pastores	18.700	21.000	12.500	9.000
Igrejas:	Luterana	Presbiteriana	Batista	Adventista
Fundação	1824	1859	1889	1895
Fiéis em 1991	1.000.000	498.000	1.500.000	706.000
Fiéis em 2001	930.000	500.000	1.800.000	1.100.000
Templos	3.108	3.000	10.000	3.235
Pastores	1.550	2.500	10.000	1.500

FONTE: Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/63.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

A variedade, a diversidade é sempre benéfica em qualquer setor da vida e da convivência humana, inclusive nas religiões. É claro que, junto com essa diversidade, alguns valores nunca devem faltar: o respeito, a dignidade, principalmente na dimensão religiosa, por agregar a relação do ser humano com algo superior, além da dimensão propriamente humana.

Para termos uma visão geral do crescimento numérico das principais religiões evangélicas no Brasil de 2000 a 2010, segue tabela que identifica esse crescimento.

TABELA 4 - EVOLUÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS

	2010	2000	Cresc. Neto	Taxa
Assembléia	12.314.410	8.418.140	3.896.270	31,63%
Batista	3.723.853	3.162.691	561.162	15,06%
Congregação	2.289.634	2.489.113	-199.479	-8,01%
Universal	1.873.243	2.101.887	-228.644	-10,87%
Quadrangular	1.808.389	1.318.805	489.584	27,07%
Adventista	1.561.071	1.209.842	351.229	22,51%
T. Jeová	1.393.208	1.104.886	288.322	20,69%
Luterana	999.498	1.062.145	-62.647	-5,89%
Presbiteriana	921.209	981.064	-59.855	-6,11%
Deus é Amor	845.883	774.830	71.053	8,39%

FONTE: Disponível em: <<http://www.nistocremos.net/2014/08/analise-do-censo-religioso-2010.html>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

O rápido crescimento dessas igrejas evangélicas, com raras exceções, está criando uma transição histórica muito interessante no Brasil. Não elencamos nesta tabela aquelas igrejas do grupo neopentecostal. Aponta-se que, em 2030, o número de evangélicos está previsto para atingir 50 por cento da população. É possível perceber que o movimento evangélico popular já compõe grande parte da sociedade brasileira. Nesse processo, aumentou muito a sua importância na política e na economia. Crentes evangélicos usam seu poder coletivo para influenciar políticos, aproveitando as diferentes formas de mídia para promover seus ideais sociais conservadores. Dado o papel vital que as igrejas têm nesse jogo na formação das estruturas sociais e na identidade religiosa da América Latina, é imperativo que os olhares de todos acompanhem o crescimento do movimento nos anos futuros.

LEITURA COMPLEMENTAR

RELIGIOSIDADES AFIRMATIVAS

Antônio Flávio Pierucci

“Você é bom”, “a vida é boa”, “o mundo é bom”. Basta aprender certas técnicas terapêuticas de autofortalecimento, que você vai descobrir como “você é valioso”, como “você pode ser poderoso”, como “você é um vencedor em potencial”. O sucesso está aí, dentro de você, embutido nesse seu ignorado “potencial humano”, que, na realidade, é divino. Para você “se sentir bem” e, além disso, “se dar bem”, só falta se conhecer melhor. “Conheça-se”. Para tanto, “junte-se a nós”. E aí então vão lhe dizer qual o nome da nova igreja ou sociedade, da organização ou terapia, da associação ou seita, da fundação que você deve procurar (na Internet, se quiser) e à qual você deve aderir para poder “se desamarrear” e seguir em frente, progredir neste mundo, subir na vida.

Os nomes dessas instituições podem ser: Cientologia, Synanon, Fundação Álamo, Missão da Divina Luz (ou Elã Vital), Meninos de Deus (ou A Família), Meditação Transcendental (TM), Jesus People, Fundação Rajneesh, Hare Krishna, Consciência Krishna, Rastafari, Ação Mental Interplanetária, Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo, Igreja da Unificação do Reverendo Moon, Nichiren Shoshu, Soka Gakkai, Seicho-No-Ie etc. Em vez de “novas religiões”, a Sociologia da Religião prefere chamá-las de “novos movimentos religiosos” (porque não são religiões novas de fato, mas sim combinações ecléticas, novas misturas de antigos componentes, enfim, novos sincretismos, cada qual amalgamando, à sua maneira, velhas doutrinas religiosas, técnicas ascéticas e práticas mágicas imemoriais).

Aqui, iremos chamá-las de “religiões alternativas”, e não de “novos movimentos religiosos”. E isto por uma boa razão: para não as confundir com os “movimentos de renovação religiosa” que estão ocorrendo dentro das chamadas grandes religiões, como é o caso da Renovação Carismática no seio do catolicismo, das igrejas pentecostais no seio do protestantismo, dos movimentos fundamentalistas no seio da religião islâmica e assim por diante.

Um fenômeno importado dos EUA

É curioso observar como grande parte das novidades em matéria de religião, que começaram a aparecer no Brasil a partir do fim dos anos 60 e início dos 70, tem suas raízes nos Estados Unidos. Também no campo das novidades religiosas, parece que quase tudo hoje em dia é *made in USA*. Com raras exceções, as “religiões alternativas” vieram dos Estados Unidos. Mas não só elas. Alguns dos mais importantes movimentos de revitalização das igrejas cristãs também vieram de lá, como a Renovação Carismática Católica e a Teologia da Prosperidade, uma das bases doutrinárias das igrejas “neopentecostais” fundadas no Brasil, como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Renascer em Cristo.

Quanto às “religiões alternativas” propriamente ditas, tanto no caso daquelas cujas verdades doutrinárias e técnicas rituais são nitidamente orientais (Hare Krishna, Meditação Transcendental, Soka Gakkai, Tantrismo, Zenbudismo etc.), quanto nos casos em que os próprios fundadores são oriundos do Extremo Oriente (China, Índia, Japão e Coreia), elas passaram pelos Estados Unidos antes de chegar aqui. Lá aportaram, enraizaram e se desenvolveram. Lá prosperaram economicamente e ergueram, cada qual, sua sede central de comando e planejamento, e de lá foram exportadas para cá.

Isto para não falar das “novas religiões” criadas diretamente nos Estados Unidos, como a Cientologia e os Meninos de Deus, que também se estabeleceram no Brasil. Essa forte influência norte-americana é igualmente palpável no caso das correntes da Nova Era, menos estruturadas, centralizadas e ligadas à pessoa de um guru, líder ou fundador e que muita gente no Brasil sintomaticamente ainda insiste em chamar pelo nome em inglês *New Age*.

Movimento juvenil de contracultura

Tudo, na verdade, começou nas universidades norte-americanas. Tudo veio à tona em meio à grande agitação cultural dos *campi* universitários estadunidenses da metade dos anos 60 em diante. Tudo foi gestado no bojo daquele amplo movimento cultural juvenil que se convencionou chamar de “contracultura”, cujos principais portadores foram, em primeiro lugar, os escritores e artistas da *beat generation* (os *beatniks*) e, logo em seguida, os *hippies*.

Esses jovens estudantes ou recém-formados, com seus estilos de vida inteiramente diferentes do tradicional, multicoloridos, ousados, fortemente comunitários, contestadores das convenções vigentes, da guerra do Vietnã e das condutas individualistas da sociedade capitalista afluyente, experimentavam (esta é a palavra exata) com inusitado interesse, ao lado das novas utopias comunitárias, das novas modas de psicoterapia que então surgiam e das novas drogas psicodélicas de uso generalizado na época, experimentavam, repito, novas e exóticas religiosidades. Sobretudo as orientais e de feitio místico ou sapiencial. Por isso, o hinduísmo, o budismo e o taoísmo exerciam sobre eles um grande fascínio. São religiões com uma visão de mundo místico-contemplativa e acentuadamente monista. Logo veremos o que é isto.

Importante, pois, lembrar que, dentro do movimento contracultural dos anos 60 e 70, havia uma corrente chamada “nova cultura espiritual”, que englobava a “cultura neo-esô”, essa outra grande corrente composta pelas várias terapias esotéricas, mágicas e naturalistas, movimento que, nos Estados Unidos da época, era chamado de “Human Potential” (Potencial Humano) e se orientava para o “crescimento pessoal, a autodescoberta e a autorrealização”. Essa “nova cultura espiritual” formou a ambiência propícia na qual passaram a ser praticadas pela juventude universitária as novas formas de religiosidade.

Visões monistas de mundo

O que quer dizer monista? Monismo vem de *mono*, que, em grego, significa “um”. Visão monista do mundo é aquela que diz que não há dois mundos (do tipo “este mundo terreno e o outro mundo”, como ensina o cristianismo), mas apenas um mundo, uma única realidade, a imanente realidade interior da unidade universal que se esconde por trás da realidade fenomenal que é apenas aparência, ilusão. A divindade, o mundo e o homem são uma só realidade. Monismo é isto.

A religião oriental que formula do modo mais perfeito essa visão de mundo monista é o Taoísmo. Tudo se move num círculo de energias vitais e de intercâmbio de informações, onde cada ser se acha em harmonia com todo o Universo e, no ser humano, cada átomo, molécula ou célula se move em harmonia com todo o corpo/espírito, que é a um só tempo natural e sobrenatural, material e espiritual, exterior e interior, sensitivo e suprassensível, mundano e, ao mesmo tempo, divino.

Todo monismo é, no fundo, um panteísmo: não há distinção entre o mundo natural e o mundo sobrenatural, tudo é uma grande fusão no divino. A transcendência é repensada como uma grande imanência na divindade. O ser humano é pensado como manifestação divina da divindade. E o ser divino, por sua vez, é concebido como algo difuso, energia que a tudo perpassa, força vital, substância impessoal, jamais como pessoa dotada de identidade e vontade próprias.

Sendo o Taoísmo a expressão mais acabada de consciência da unidade harmoniosa de todo o Universo, não é por acaso que ele se tornou um grande inspirador dos movimentos ecológicos e preservacionistas. Ele é o tipo exemplar de uma religião voltada para a afirmação do mundo, ou seja, para a preservação dessa grande harmonia original.

Somos todos inocentes?

Diversos sociólogos contemporâneos têm tematizado em seus escritos a incerteza moral do nosso tempo. No Brasil, é motivo de preocupação geral o crescimento assustador da corrupção e da criminalidade violenta em todas as camadas sociais, inclusive da violência doméstica contra as crianças.

O mais intrigante em toda essa história é que a falta de responsabilidade moral e a busca da impunidade aumentam ao mesmo tempo que cresce o número de pessoas mobilizadas religiosamente pelas mais diversas religiões. Nunca o Brasil foi tão efervescente em matéria de religião como agora, e nunca a criminalidade, a pornografia e a falta de caráter foram tão difundidas como agora. Por que isso? Por que essa coincidência que à primeira vista parece contraditória, paradoxal? Uma resposta possível talvez esteja na característica, tanto das “religiões alternativas”, quanto dos mais recentes movimentos cristãos

de renovação, à qual poucos têm dado a devida atenção: essas novas formas de religiosidade estão dando mais importância às práticas rituais e devocionais, às técnicas de autoajuda e autopromoção, aos resultados imediatos do ato religioso, êxtases e dons, sensações imediatas e emoções catárticas, milagres de cura e graças alcançadas, do que às exigências normativas de conduta moral pautada por uma ética da fraternidade.

Hoje, diante desse caos moral generalizado, as soluções espirituais que as novas religiosidades oferecem são alegremente instrumentalistas e utilitaristas. Isto é, tratam a prática religiosa como um meio de adquirir e experimentar bens e vantagens neste mundo: cura de uma doença específica, melhora geral na saúde, bem-estar e vitalidade, riqueza e poder aquisitivo, sucesso nos negócios, escalada profissional, vitórias de todo tipo, como se fossem estas as mais importantes manifestações do poder divino na pessoa e na vida do devoto, a conquista imediata de valores materiais e de felicidade terrena.

Não é preciso ser um grande filósofo para deduzir que esse tipo de atitude afirmativamente pragmática e interesseira, esse tipo de fixação obsessiva e narcísica em si mesmo, não leva a nenhum apego a regras morais altruístas de caráter universal que sejam obrigatórias para todos os membros de uma sociedade. Pode, evidentemente, resultar em aumento da autoestima individual, “eu sou bom, sou muito melhor do que eu próprio pensava”, mas sem dúvida acarreta, por outro lado, uma aguda redução do senso de responsabilidade moral, que, por sua vez, causa apatia e passividade social: “eu não sou culpado” pela violência que assola o Brasil, nem pela corrupção, nem pela poluição, nem pelo acúmulo de lixo nas ruas das cidades, nem pelos acidentes nas estradas, nem pela epidemia de dengue, “eu sou inocente”. Num país em que todo mundo é vítima e ninguém mais se considera culpado de nada, as “novas religiosidades” colam na realidade e distribuem inocência para todos.

FONTE: Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/dialogo/?system=paginas&action=read&id=8291&page=2>>. Acesso em: 4 ago. 2016.



RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, vimos que:

- No Brasil, existe uma grande tolerância e admissão de novas formas de vivenciar as religiosidades.
- A expansão dos movimentos religiosos no Brasil vai ser também resultado da urbanização e também da plena liberdade religiosa adquirida juntamente com outras liberdades que também aqui chegam.
- O campo religioso no Brasil tem suas peculiaridades em relação aos outros países do mundo. Os orientais tiveram boa acolhida e expansão no Brasil.
- O grupo evangélico é o que mais cresce numericamente no Brasil.



- 1 Identifique o surgimento de novos movimentos no Brasil da década de 50 a 70.
- 2 O que designa o termo “evangélico”?

Vamos reproduzir aqui questões aplicadas no ENADE, para que você, acadêmico, possa se familiarizar com a dinâmica utilizada na prova que, obrigatoriamente, os acadêmicos que irão concluir o curso no ano do ENADE terão que realizar.

3 (QUESTÃO 8 – ENADE 2014 – FILOSOFIA)

Constantes transformações ocorreram nos meios rural e urbano, a partir do século XX. Com o advento da industrialização, houve mudanças importantes no modo de vida das pessoas em seus padrões culturais, valores e tradições. O conjunto de acontecimentos provocou, tanto na zona urbana quanto na rural, problemas como explosão demográfica, prejuízo nas atividades agrícolas e violência.

Iniciaram-se inúmeras transformações na natureza, criando-se técnicas para objetos até então sem utilidade para o homem. Isso só foi possível em decorrência dos recursos naturais existentes, que propiciaram estrutura de crescimento e busca de prosperidade, o que faz da experimentação um método de transformar os recursos em benefício próprio.

FONTE: Adaptado de (SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988).

A partir das ideias expressas no texto acima, conclui-se que, no Brasil do século XX:

- a) a industrialização ocorreu independentemente do êxodo rural e dos recursos naturais disponíveis.
- b) o êxodo rural para as cidades não prejudicou as atividades agrícolas nem o meio rural porque novas tecnologias haviam sido introduzidas no campo.
- c) homens e mulheres advindos do campo deixaram sua cultura e se adaptaram a outra, cidadina, totalmente diferente e oposta aos seus valores.
- d) tanto o espaço urbano quanto o rural sofreram transformações decorrentes da aplicação de novas tecnologias às atividades industriais e agrícolas.
- e) os migrantes chegaram às grandes cidades trazendo consigo valores e tradições, que lhes possibilitaram manter intacta sua cultura, tal como se manifestava nas pequenas cidades e no meio rural.

4 (QUESTÃO 31 - ENADE – 2015 – TEOLOGIA)

Em 2017, cristão luteranos e católicos comemorarão, conjuntamente, o quinto centenário do início da reforma. Hoje, entre luteranos e católicos, está crescendo a compreensão, a colaboração e o respeito recíprocos. Uns e outros, juntos, reconhecem que o que os une é maior do que aquilo que os divide: primeiramente a fé comum no Deus uno e trino e a revelação em Jesus Cristo, como também o reconhecimento das verdades fundamentais da doutrina da justificação. A verdadeira unidade da Igreja só pode existir como unidade na verdade do Evangelho de Jesus Cristo. A luta por esta verdade, que culminou, no século XVI, na perda da unidade no cristianismo do Ocidente, pertence às páginas obscuras da história da Igreja. O iminente ano de 2017 solicita a católicos e luteranos confrontar-se no diálogo sobre os problemas e as consequências da Reforma de Wittenberg, centrada na pessoa e no pensamento de Martinho Lutero e a elaborar perspectivas para a recordação da Reforma e o modo de vivê-la hoje. O programa reformado de Lutero constitui um desafio espiritual e teológico tanto para os católicos quanto para os luteranos do nosso tempo.

**COMISSIONE LUTERANA-CATTOLICA ROMANA SLULL'UNITÁ.
*Dal conflitto ala comunione.***

Prefácio e n. 1 e 3.

FONTE: Adaptado de <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

Considerando o texto, avalie asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. O princípio evangélico da unidade fundamenta-se nas bases da pluralidade de formas eclesiais, anunciada nos escritos paulinos pelo binômio corpo-membros. Daí resulta oportuno sublinhar a necessidade histórica da Reforma, compreendida como forma de ser a única Igreja de Cristo.

PORQUE

- II. A comemoração conjunta da Reforma, entre luteranos e católicos, é um dos resultados do diálogo iniciado formalmente há 50 anos e constitui um passo fundamental rumo à restauração da unidade desfeita em 1517.

A respeito das asserções, assinale a opção CORRETA:

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

DINÂMICA DOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Esta unidade tem por objetivos:

- compreender como se dá a dinâmica dos movimentos religiosos na atualidade;
- vislumbrar a importância dos novos movimentos religiosos a partir de sua atuação na sociedade;
- entender como se dá o pluralismo religioso e sua importância para a realização plena do diálogo e do ecumenismo.

PLANO DE ESTUDOS

Esta primeira unidade está dividida em três tópicos. No final de cada um deles, você encontrará atividades que contribuirão para sua reflexão e análise dos conteúdos explorados.

TÓPICO 1 – REALIDADE DOUTRINÁRIA

TÓPICO 2 – NOVOS CAMPOS DE ATUAÇÃO

TÓPICO 3 – PLURALISMO RELIGIOSO

REALIDADE DOCTRINÁRIA

1 INTRODUÇÃO

Muitos dos principais movimentos religiosos que foram surgindo a partir da década de 30 apresentam características importantes em comum. Eles geralmente enfatizam a busca individual de Deus e da verdade, rejeitando a aceitação ou imposição de qualquer dogma ou doutrina. Eles também são geralmente pluralistas, característica essa muito presente nas religiões não-ocidentais como o hinduísmo e o sufismo. Algumas destas características podem ser explicadas em termos de ambiente religioso e intelectual geral do Ocidente. A ênfase na busca individual de Deus, por exemplo, se encaixa facilmente no envolvimento humano, levando-se em conta a intuição e a própria experiência individual.

A rejeição do dogma, especialmente o dogma cristão, pode ser explicada em termos da crise geral do Cristianismo e isso é reflexo, já bem conhecido, dos desafios apresentados pela ciência natural de Darwin, e as consequências, menos conhecidas, apresentadas pelas críticas que vêm sendo feitas sobre as Sagradas Escrituras, como a defesa do criacionismo.

Há diferentes variedades de pluralismo religioso presentes nos novos movimentos. Em primeiro lugar, todos, ou quase todos, que vamos estudar neste caderno, são fundamentalmente monoteístas. Em segundo lugar, todos veem a verdade religiosa como tendo uma existência independente de qualquer tradição religiosa particular, mas acessível individualmente.

Em uma época de globalização, é difícil escrever sobre novos movimentos religiosos quando vemos que a grande maioria deles, no Brasil, são de denominações ou organizações internacionais. Poderíamos começar nos questionando se há alguma relação entre religião e mito, ou religião e superstição, ou entre religião e sincretismo. O que você acha, acadêmico?

O que podemos identificar é que há sim alguma relação quando percebemos que, em termos históricos, há uma associação entre elas e, provavelmente, em termos de partilha de algumas das suas bases cognitivas. Sabemos também, de antemão, que há muitas pessoas que são religiosas, mas que se opõem à superstição sob qualquer forma e manifestação. Na verdade, as crenças religiosas de tais

peças tendem a ser mais arraigadas do que aqueles que têm uma participação frequente na sua igreja. Tendo tudo isso presente, parece que a relação entre a superstição e a religião não nos parecem tão simples. Mas vamos lá. Esperamos que você, acadêmico, busque mais aprofundamento sobre essas questões.

O ser humano dificilmente vive sem expressar sua religiosidade, seja de forma individual, em um grupo determinado. Os movimentos religiosos contemporâneos, a partir do que vimos até agora, trazem consigo várias possibilidades de expressão religiosa que se confundem e também que se fundem e ainda mais, que vão além da religião. Queremos apresentar essas variantes religiosas que, de maneira muito forte, se manifestam nos dias atuais como expressão religiosa a partir dos novos movimentos religiosos.

2 ENTENDENDO O CONTEXTO

À primeira vista, pode parecer que existem centenas, senão milhares, de tradições religiosas no mundo. Entretanto, com um exame mais detalhado, vemos que todas as religiões do mundo se enquadram nas categorias de duas tradições principais. Chamamos essas tradições de Yoga e Abraâmica. As religiões mais conhecidas da tradição Yoga são jainismo, hinduísmo e budismo. As religiões que representam a tradição Abraâmica são judaísmo, cristianismo e islamismo. Nós usamos o termo Yoga porque a prática da yoga representa a vertente desta tradição complexa que influenciou a maioria das novas religiões no Ocidente. Por sua vez, o termo Abraâmico tem sido usado para descrever o judaísmo, cristianismo e islamismo porque essas religiões têm suas origens no personagem retratado na Bíblia chamado Abraão. A discussão da Yoga e as crenças Abraâmicas destinam-se a produzir uma tipologia para a compreensão de novas religiões nas sociedades ocidentais.

Todos aqueles que escrevem sobre yoga sustentam que a meditação séria requer um guia, ou guru, assim como foi Abraão no seu tempo, como marco zero das grandes religiões monoteístas. As verdadeiras práticas de yoga podem produzir transe ou estados psicológicos semelhantes a transe que poderiam facilmente prejudicar os não iniciados sem o acompanhamento, proteção e orientação de alguém que tenha mais experiência.

O guru é uma pessoa que já tem experiência, que passa pela iniciação no mundo espiritual e é, portanto, capaz de ajudar os não iniciados. O que se espera na relação entre o guru e o discípulo é uma relação de entrega total à sua autoridade. Gurus devem ensinar e facilitar o caminho de transformação dos discípulos. Cada guru compartilha uma tradição com outros gurus e nenhum fala por si próprio. Cada guru tem o seu próprio guru, vivo ou morto.

Atualmente, podemos constatar essa proliferação de gurus no mundo das estrelas de Hollywood e até casos de pessoas mais abonadas com gurus também no Brasil. Alguns desses gurus trazem muitas características incorporadas das religiões orientais.

Veja como podemos transpor essa situação de confiança, de acompanhamento, de orientação, na relação do padre, do pastor que faz orientação espiritual com seus fiéis. Claro, sem os estados de transe que mereceriam mais aprofundamento. A liderança autêntica e a autoridade religiosa são claramente importantes no julgamento que pode ser feito com relação aos novos movimentos religiosos. E onde entra a figura do profeta? São gurus?

FIGURA 17 - PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO



FONTE: Disponível em: <<http://muitoalem2013.blogspot.com.br/2014/12/quem-eram-os-profetas-da-biblia.html>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

Profetas não podem ser considerados deuses. Eles simplesmente servem para lembrar as pessoas da urgência de viver autenticamente a Palavra de Deus. Tradicionalmente, os profetas recebem algum tipo de revelação e vão aplicá-la a situações particulares, a pessoas específicas, no processo de lembrar as pessoas de voltar-se para o caminho certo em direção a Deus.

Nos relatos bíblicos, o profeta está em contínuo teste de fidelidade a Deus. Profetas são chamados a estar em conformidade com a revelação de Deus, e as conclusões que tiram das revelações devem ser cumpridas e as suas palavras devem ser consideradas autênticas. Ao contrário do ensinamento do guru, que é testado apenas pela experiência, o ensino do profeta é testado pela experiência, pela Sagrada Escritura e pela história.

A descrição da experiência como resultado da inter-relação dos indivíduos com seus conhecimentos que são confrontados pelos livros sagrados e pela história, vai delineando uma nova mitologia, que insere os indivíduos em torno de realidades que vêm aprimorar a convivência humana, vêm tornar melhores a sociedade e as pessoas quando adicionadas a essas experiências, os

valores advindos da religião, da história e das tradições. Essa nova mitologia não necessariamente traz novas coisas, mas torna possível a convivência e as experiências que levam à transformação.

A nova mitologia predispõe os indivíduos a aceitar a validade de suas próprias experiências primordiais. Ao mesmo tempo, as experiências primordiais dão à mitologia uma vida própria e, muitas vezes, levam as pessoas a buscar tais experiências para si próprios. Contudo, para ganhar e manter a adesão, as novas religiões precisam adicionar um elemento intelectual. Esta dimensão doutrinária fornece aos membros um recurso cognitivo que lhes permite integrar as suas experiências e mitologias em uma comunidade viva. As doutrinas de novas religiões são criadas por adaptar os ensinamentos das tradições religiosas históricas. Esses ensinamentos são integrados em uma estrutura interpretativa que explica a relação entre mito e experiência em formas específicas.

A maioria das novas religiões são expressões genuínas da espiritualidade que crescem a partir de profundas experiências espirituais. Veja a história da sua denominação religiosa para identificar se há algumas dessas expressões que aqui estamos elencando.

3 SUPERSTIÇÃO

Definir seita é tão difícil quanto definir superstição. Vamos recorrer a alguns pensadores que dão seu ponto de vista sobre essa realidade. O ser humano sempre quis dominar tudo, inclusive manipular as forças sobrenaturais. Essas forças sobrenaturais incluem Deus, os anjos, os santos, forças demoníacas e assim por diante. Quando o indivíduo se envolve em problemas e não visualiza pelos trâmites normais uma saída adequada, recorre a uma superstição.

Superstições são tão antigas quanto a humanidade. Existem desde a época em que os primeiros grupos humanos louvavam a natureza com seus rituais pagãos. Antes de o cristianismo tornar-se religião oficial do Império Romano, por exemplo, no século 4, magia e superstição eram costumes bastante populares. Os homens daquela época viviam mais próximos dos seus deuses, e fazer pequenos feitiços era tão normal quanto plantar ou colher. Até que as religiões monoteístas deflagraram uma guerra ao paganismo e à feitiçaria, condenando qualquer um que não concordasse com suas regras de comportamento. Superstição virou sinônimo de ignorância, coisa de povos "menos desenvolvidos". "É complicado definir o que é exatamente superstição. Porque a crença do outro é sempre a supersticiosa, nunca a nossa", diz Ricardo Mário Gonçalves, professor aposentado de história das religiões da USP. "Superstição envolve avaliações extremamente subjetivas. Ficamos todos com a impressão errada de que só os fracos acreditam nessas bobagens", afirma.

Professor do Departamento de Sociologia da USP e autor do livro *A Magia*, Antônio Flávio Pierucci vê na confissão católica, que permite zerar os pecados praticamente num vapt-vupt com o padre, um bom exemplo de como o que é crença para uma pessoa pode facilmente

soar como esquisitice para outra. "Os protestantes acham a absolvição (confessional) algo esquisitíssimo, quase feitiçaria. Tudo depende do ângulo pelo qual avaliamos os costumes alheios", afirma (FREITAS, 2006, s.p.).

Podemos fazer um paralelo de superstição com a religião: a religião, com suas normas, dogmas, condutas, traz benefícios a longo prazo, a superstição, por sua vez, não tem nada disso e por isso, quando solicitada, traz benefício imediato.

Ao falar de algumas superstições tradicionais em nosso país, dificilmente alguém pode dizer que não tenha recorrido a elas, ou fugido delas: vassoura atrás da porta para livrar-se de uma visita indesejada, prédios que não tem 13º andar, pelo menos no elevador, e tantas outras. Vamos descrever algumas que são bem conhecidas e comuns.

FIGURA 18 - SUPERSTIÇÕES



FONTE: Disponível em: <<http://www.contosepontos.pt/story2.html>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

- Pular 7 ondas no ano-novo

Trata-se de uma tradição africana ligada à umbanda e ao candomblé. O 7 é um número considerado espiritual (são 7 os dias da semana e os chacras). Pular 7 ondas ajudaria a invocar os poderes de Iemanjá, a deusa do mar, que purifica e nos dá força para vencer os obstáculos do ano que está por vir.

- Figa da sorte

Já na Grécia antiga e em Roma, o amuleto era comum, principalmente para mulheres, por ser considerado símbolo de fertilidade. O polegar entre os

dedos representaria o órgão masculino penetrando no feminino. Com o tempo, a figa também passou a ser usada contra mau-olhado.

- A urucubaca do 13

Sua provável origem está nos mitos nórdicos, como o de Loki, espírito maligno que apareceu sem ser chamado em um banquete celestial onde havia 12 convidados. A má fama do número ganhou força com o relato bíblico da Última Ceia, em que 13 pessoas se reuniram à mesa na véspera da crucificação de Jesus.

- Quebrar espelho dá 7 anos de azar

Os gregos tinham o costume de ler o futuro a partir da imagem de uma pessoa refletida sobre uma tigela com água. Se o pote quebrasse, era azar na certa. Os romanos herdaram o hábito, acrescentando que a má sorte se estenderia por 7 anos. Quando os (caros) espelhos de vidro surgiram, no século 16 em Veneza, atual Itália, a superstição ganhou novas dimensões: os nobres avisavam a seus serviçais que, se quebrassem um, estariam fadados a viver 7 anos de mau agouro.

FONTE: SALLUM, Erika. O poder da superstição: as origens e as motivações que estão por trás de algumas das mais antigas crenças do ser humano. **Superinteressante**. São Paulo, n. 226, 2006. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2006/conteudo_443888.shtml>. Acesso em: 4 ago. 2016.

E a superstição dentro dos movimentos religiosos contemporâneos? Um olhar atento vai confirmar essa realidade. Uma prática comum é a bênção de objetos justificada por passagens bíblicas que não podem ser entendidas nos dias atuais do modo como foi realizada no texto bíblico. Biblicamente, a única unção é sobre os enfermos pelos ministros encarregados.

O uso de amuletos e talismãs, com seus poderes mágicos, são defendidos por alguns movimentos religiosos, como protetores contra as desgraças da vida. A própria Sagrada Escritura é remetida para esta realidade da superstição quando a ela se configuram poderes de proteção nas casas, de adivinhação do futuro, de palpatria aleatória. A Bíblia afirma que quem nos protege é o próprio Deus e a sua leitura devocional e orante é que nos faz compreender qual a vontade de Deus para conosco.

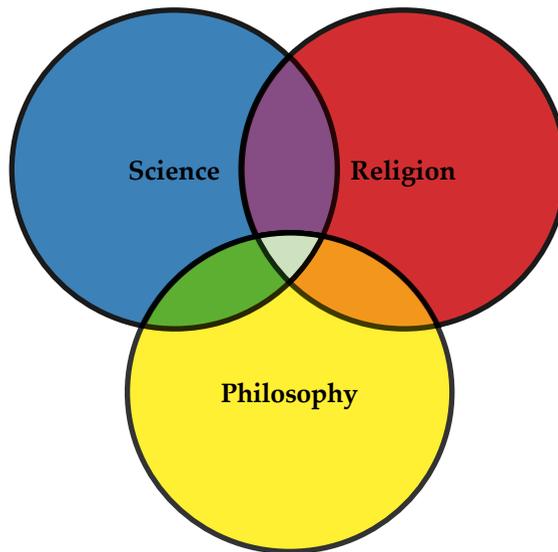
4 ESPIRITISMO

Existe uma vasta série de verdades universais e de princípios que sustentam o espiritismo e que dizem respeito ao indivíduo, à comunidade, sua conduta e ao seu lugar no mundo.

O espiritismo também tem uma prática social arraigada entre seus membros. Segundo os princípios espíritas, o indivíduo deve praticar a caridade como uma forma de estabelecer a melhora de sua condição espiritual presente e de suas posteriores reencarnações. Este princípio se baseia na ideia de que a humanidade faz parte de um estágio de evolução espiritual.

Este princípio se sustenta na premissa de que o mundo terreno integra outra infinidade de mundos onde os espíritos habitam graus de evolução superior e inferior. Esse mesmo princípio evolucionista também fundamenta a explicação para o sofrimento humano, sendo este compreendido como resultado da intervenção de espíritos ou das ações ruins praticadas em outras reencarnações (SOUSA, s.d, s.p.).

FIGURA 19 – CIÊNCIA, RELIGIÃO E FILOSOFIA



FONTE: Disponível em: <<http://sheffieldspiritistgroup.webs.com/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

Veja qual é objetivo de praticamente todas as religiões.

No espiritismo, é muito peculiar a importância que é colocada sobre as funções do grupo. Cada pessoa tem seu papel único a desempenhar, mas cada um é parte de um grupo de trabalho coerente com as suas funções.

Atualmente, há um pequeno número de centros espíritas envolvidos com novas tecnologias medicinais que empregam o uso de energia, utilizando a luz, o calor, o magnetismo e a eletricidade para estimular, por exemplo, a cicatrização. Esta é uma alternativa para "passagem" ou "imposição das mãos", que vimos anteriormente e é o método mais utilizado e preferido da maioria dos centros.

O espiritismo prega que qualquer um pode fazer parte do grupo, mas é preciso treinamento e muita prática.

O espiritismo é complexo com relação a suas ramificações e a sua doutrina, até para aqueles que dele participam. Alguns estudos sobre o espiritismo apontam para uma divisão em: baixo espiritismo e espiritismo kardecista. Neste estudo, buscamos entender os pontos fundamentais do espiritismo e como ele é praticado indistintamente, ou seja, sem emitir juízo de valor sobre os grupos dentro do espiritismo, por isso, não aprofundaremos essa divisão do espiritismo.

4.1 PONTOS FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO

Os pontos elencados nos dão uma visão geral da compreensão do espiritismo para várias questões, como Deus, o ser humano, o Universo, os espíritos.

Os ensinamentos fundamentais do espiritismo:

- Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.
- O Universo é criação de Deus. Abrange todos os seres racionais e irracionais, animados e inanimados, materiais e imateriais.
- Além do mundo corporal, habitação dos Espíritos encarnados, que são os homens, existe o mundo espiritual, habitação dos Espíritos desencarnados.
- No Universo há outros mundos habitados, com seres de diferentes graus de evolução: iguais, mais evoluídos e menos evoluídos que os homens.
- Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o seu autor. Abrangem tanto as leis físicas como as leis morais.
- O homem é um Espírito encarnado em um corpo material. O perispírito é o corpo semimaterial que une o Espírito ao corpo material.
- Os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Constituem o mundo dos Espíritos, que preexiste e sobrevive a tudo.
- Os espíritos são criados simples e ignorantes. Evoluem, intelectual e moralmente, passando de uma ordem inferior para outra mais elevada, até a perfeição, onde gozam de inalterável felicidade.
- Os Espíritos preservam sua individualidade, antes, durante e depois de cada encarnação.
- Os Espíritos reencarnam tantas vezes quantas forem necessárias ao seu próprio aprimoramento.

- Os Espíritos evoluem sempre. Em suas múltiplas existências corpóreas podem estacionar, mas nunca regridem. A rapidez do seu progresso intelectual e moral depende dos esforços que façam para chegar à perfeição.
- Os Espíritos pertencem a diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado: Espíritos Puros, que atingiram a perfeição máxima; Bons Espíritos, nos quais o desejo do bem é o que predomina; Espíritos Imperfeitos, caracterizados pela ignorância, pelo desejo do mal e pelas paixões inferiores.
- As relações dos Espíritos com os homens são constantes e sempre existiram. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, sustentam-nos nas provas da vida e nos ajudam a suportá-los com coragem e resignação. Os imperfeitos nos induzem ao erro.
- Jesus é o guia e modelo para toda a Humanidade. E a Doutrina que ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus.
- A moral do Cristo, contida no Evangelho, é o roteiro para a evolução segura de todos os homens, e a sua prática é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela Humanidade.
- O homem tem o livre-arbítrio para agir, mas responde pelas consequências de suas ações.
- A vida futura reserva aos homens penas e gozos compatíveis com o procedimento de respeito ou não à Lei de Deus.
- A prece é um ato de adoração a Deus. Está na lei natural e é o resultado de um sentimento inato no homem, assim como é inata a ideia da existência do Criador.
- A prece torna melhor o homem. Aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.

FONTE: Disponível em: <<http://lamana.org.br/doutrina-espirita/>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

4.2 A PRÁTICA ESPÍRITA

Vamos, de uma forma geral, apresentar algumas práticas espíritas para um entendimento de sua ação.

Práticas espíritas:

- Toda a prática espírita é gratuita, como orienta o princípio moral do Evangelho: “Dai de graça o que de graça receberes”.
- A prática espírita é realizada com simplicidade, sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade.
- O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior.
- O Espiritismo não impõe os seus princípios. Convida os interessados em conhecê-lo a submeterem os seus ensinamentos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.
- A mediunidade, que permite a comunicação dos Espíritos com os homens, é uma faculdade que muitas pessoas trazem consigo ao nascer, independentemente da religião ou da doutrina doutrinária de vida que adotem.
- Prática mediúnica espírita só é aquela que é exercida com base nos princípios da Doutrina Espírita e dentro da moral cristã.
- O Espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que “o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”.

FONTE: Disponível em: <<http://lamana.org.br/doutrina-espirita/>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

No Brasil, o espiritismo, como movimento, mantém um ritmo constante de crescimento. Apesar de muitos se referirem ao espiritismo como uma religião, o espiritismo é na sua essência, um movimento filosófico que, por força da sua existência, mantém uma coexistência pacífica com as outras religiões.

O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações. Pode-se defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos, e das suas relações com o mundo corporal (MUNDO ESPÍRITA, s.d., s.p.)

Há que se reforçar que no Brasil o espiritismo tem algumas particularidades. A umbanda e o candomblé por exemplo, se definem como integrantes do espiritismo e têm práticas muito semelhantes. Vejamos:

No Brasil, o espiritismo tem algumas peculiaridades. A umbanda e o candomblé se colocam como integrantes do espiritismo.

Na prática, sinteticamente, as semelhanças entre a prática Umbanda e a Doutrina Espírita são: a comunicação entre os vivos e os mortos, admitindo ambas, por conseguinte, a sobrevivência à morte do chamado "espírito"; a evolução do espírito através de vidas sucessivas (reencarnação); o resgate, podendo ser pela dor e sofrimento, das faltas cometidas em anteriores existências; a prática da caridade.

Por outro lado, as principais diferenças são a admissão pela Umbanda: de cerimônias litúrgicas como o batizado e o matrimônio; a presença de imagens em seus cultos; o emprego de plantas em seus cultos; a música dos pontos cantados para as entidades.

De todas as religiões afro-brasileiras, a mais próxima da Doutrina Espírita é um segmento (linha) da Umbanda denominado de "Umbanda branca", que guarda pouca ligação com o Candomblé, o Xambá, o Xangô do Recife, o Tambor de Mina ou o Batuque.

No tocante, especificamente ao Candomblé, crê-se na sobrevivência da alma após a morte física (os Eguns), e na existência de espíritos ancestrais que, caso divinizados (os Orixás, cultuados coletivamente), não se materializam; caso não divinizados (os Egungun), materializam em vestes próprias para estarem em contato com os seus descendentes (os vivos), cantando, falando, dando conselhos e auxiliando espiritualmente a sua comunidade. Observe-se que o conceito de "materialização" no Candomblé é diferente do de "incorporação" na Umbanda ou na Doutrina Espírita. Em princípio os Orixás só se apresentam nas festas e obrigações para dançar e serem homenageados. Não dão consulta ao público assistente, mas podem eventualmente falar com membros da família ou da casa para deixar algum recado para o filho. O normal é os Orixás se expressarem através do jogo de Ifá (oráculo).

No Candomblé, a função dos rituais durante as cerimônias de iniciação é a de afastar todo e qualquer espírito ou influência, recorrendo-se ao Ifá para monitorar a sua presença. A cerimônia só ocorre quando este confirma a ausência de Eguns no ambiente de recolhimento. Os espíritos são cultuados, nas casas de Candomblé, em uma casa em separado, sendo homenageados diariamente uma vez que, como Exú, são considerados protetores da comunidade.

FIGURA 20 - CHICO XAVIER



FONTE: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Xavier>. Acesso em: 4 ago. 2016.

5 SINCRETISMO

Primeiramente, vamos entender o conceito de sincretismo, apresentado como junção de diversas doutrinas com origens diferenciadas, resultando numa concepção religiosa difusa que pode também ser vista como influência que uma religião impõe sobre a prática de outra. Partindo desse princípio, é quase impossível uma religião não ter influência ou não ser evolução de outra.

Sincretismo significa a fusão de dois ou mais sistemas de pensamento e pode ser aplicado à filosofia, à política e, no nosso caso, à religião. O sincretismo religioso envolve geralmente a adição de algumas partes essenciais de uma religião a uma religião dominante, resultando em um novo sistema religioso. No entanto, mudar a forma como uma religião é descrita ou a forma como um rito especial é praticado, para torná-lo compreensível para uma cultura, não é sincretismo.

No Brasil, o sincretismo religioso é muito presente. Se no século passado tivemos registros de racismo, perseguições a movimentos religiosos de candomblé, nos dias atuais, são mais compreendidas as manifestações sincretistas de vários movimentos, aí incluídos o candomblé, a umbanda e tantos outros.

É interessante como o cristianismo é envolvido pelo sincretismo de outros movimentos e grupos e isso não só no Brasil e não só nos dias atuais. Quando da conversão dos negros escravizados, trazidos da África para o Brasil, eles, agora cristãos, imprimiam elementos culturais, religiosos de sua própria identidade, não para mascarar, mas para enriquecer e não deixar morrer as únicas coisas que podiam trazer consigo: sua cultura, sua religiosidade, já praticando naqueles tempos o que se chama hoje de inculturação, seja no âmbito da fé, da religiosidade, ou da cultura.

Como Faustino e Barros, muitos outros teólogos tendem a reconhecer que o cristianismo pode receber de outras culturas e de outras religiões elementos que iluminem sua própria identidade, abrindo-se, assim, a uma recepção mais positiva do conceito de sincretismo e de seu significado. O teólogo Mário de França Miranda, por exemplo, também defende esse ponto de vista: “Sem renunciar à preocupação teológica com a identidade da experiência salvífica cristã, podemos ver o sincretismo como parte do processo de inculturação da fé” (LIMA, 2004, s.p.).

Em uma entrevista, questionado sobre o sincretismo, sobre preconceito e racismo principalmente aos negros, D. Hélder respondeu:

O sincretismo existe desde que os nossos antepassados obrigaram os negros a batizarem-se. Durante séculos, eles foram obrigados a viver a sua fé de modo escondido. O que eu faço é reconhecer o seu direito a exercerem a sua religião. Sei que muitos, desde crianças, são, ao mesmo tempo, católicos e de um culto afro. Conhecendo-os, vejo que são pessoas de tanta fé e tão dedicadas aos outros que só posso pensar que essa integração faz bem (LIMA, 2004, s.p.).

FIGURA 23 - IMAGEM DE IEMANJÁ NA OFERENDA



FONTE: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Iemanjá%C3%A1>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Algumas manifestações sincretistas que acontecem no Brasil:

- Folia de Reis.
- Congados.
- Auto de Quilombos.
- Iemanjá.

O que falamos, até agora, sobre sincretismo e tantas manifestações religiosas e espirituais no Brasil, revela a necessidade das pessoas de buscarem, em suas fragilidades, contato com algo superior, mas que passa por essas experiências. Dessa forma:

A própria existência da realidade plural das religiões que propicia as condições para o desenvolvimento das duplicidades, multiplicidades e construções religiosas personalizadas. Há os mais variados templos, centros e terreiros, entre outras denominações de locais de cultos, por onde passam os mutantes religiosos em seus percursos, agregando crenças e somando rituais. Sobretudo quando estão enfrentando problemas difíceis e não encontram soluções nos canais institucionalizados, ou a eles não têm acesso, são convidados e levados aos locais de culto por parentes (pais, avós, tios, irmãos, maridos, etc.), namorados, amigos, vizinhos, conhecidos. Não há, entre os entrevistados, senão muito poucos casos em que a atração por uma religião ou culto tenha se dado a partir da influência da mídia. Apenas, em alguns casos de pessoas de maior nível de instrução, é a leitura, sobretudo de livros, que os põe em contato com certas religiões (kardecismo, religiões orientais, esoterismos). Quanto à maioria dos mutantes ou futuros mutantes religiosos, aceitam com naturalidade os convites que lhes são feitos. Vão eles conhecer diferentes grupos, submetem-se a tratamentos espirituais com esperança e sem hesitações. Há, portanto, uma predisposição favorável a conhecer experiências religiosas variadas, participar delas e submeter-se a elas, pois todas são vistas como igualmente boas e caminhos alternativos para o mesmo Deus. Creio, também, que a boa receptividade aos convites e participações provenham de certa tradição popular brasileira em considerar as diferentes religiões como equivalentes funcionais no que se refere à concessão de proteção e quanto à orientação comportamental (NEGRÃO, 2008, p. 276).

Partindo da realidade que o Brasil é um país sincretista, nada mais justo que até mesmo religiões orientais que têm uma dinâmica muito característica daquela região, vindo se instalar no país, também tenham essa carga sincretista a influenciar sua maneira de expressão religiosa.

Muitas vezes, isso leva à estereotipização negativa, ao preconceito e à atitude discriminatória, como foi muitas vezes observado com outras religiões na história da religião. Interpretações teóricas deste fenômeno, que é uma forma de preconceito, salientam vários fatores psicológicos e sociais que levam a isso: a frustração-agressão, identificação social, erro de atribuição, conflitos sociais, entre outros. Esses fatores podem interagir de várias formas na ativação do preconceito e da discriminação.

LEITURA COMPLEMENTAR**SINCRETISMO RELIGIOSO E SUAS ORIGENS NO BRASIL**

Texto retirado do Livro “Sincretismos Religiosos Brasileiros de Renato Henrique

Guimarães Dias

Sincretismo é a fusão de doutrinas de diversas origens, seja na esfera das crenças religiosas quanto nas filosóficas. Na história das religiões, o sincretismo é uma fusão de concepções religiosas diferentes ou a influência exercida por uma religião nas práticas de uma outra.

No Brasil, o sincretismo religioso é uma prática bastante comum. Mas tudo começou a partir do ano de 1500, quando o território brasileiro tornou-se palco do encontro de três grandes tradições culturais: a ameríndia, nativa da terra; a europeia, trazida pelos colonizadores portugueses e mais tarde a africana, trazida pelos escravos bantos e sudaneses. Um encontro que foi, desde o início, marcado pela imposição da cultura europeia às populações indígenas e africanas, refletida, principalmente, na imposição cristã da Igreja Católica Apostólica Romana a esses dois grupos.

Para viver no Brasil, nesta época, para o índio e o negro, mesmo como escravo, e principalmente depois, sendo livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, eles que cultuavam seus deuses e tinham suas bases religiosas bem estruturadas, no Brasil se diziam católicos e se comportavam como tais; além de praticarem os rituais de seus ancestrais, frequentavam os ritos católicos.

Há antropólogos que insistem que a assimilação Santo/Orixá era aparente e, inicialmente, serviu para encobrir a verdadeira devoção aos seus deuses, pelo fato dos cânticos nesses rituais terem sido efetuados em língua nativa e que ninguém os entendia. Um fato histórico que pode opor-se a este pensamento é a criação das confrarias de negros, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na Bahia, que era totalmente composta por negros que haviam realmente se convertido ao cristianismo.

Essa tentativa forçada de aculturação sempre encontrou resistência, o que acabou resultando em várias tentativas feitas por indígenas e africanos de conciliar os princípios de suas culturas e, por consequência, de suas tradições religiosas, à doutrina cultural e religiosa que lhe era imposta.

A tentativa de preservação dos princípios e práticas religiosas indígenas e africanas, por meio da conciliação com os princípios e práticas católicas, acabou levando ao nascimento de várias manifestações sincréticas em solo brasileiro, únicas no mundo, algumas delas existentes até os dias de hoje. Contudo, infelizmente, existem poucos estudos sobre a grande maioria delas; o que veremos aqui é uma pequena ideia de como eram as bases dessas duas culturas religiosas, o sincretismo entre elas e os processos que deram origem a essas outras.

O início de tudo se deu com a religiosidade Tupi. Embora várias nações indígenas habitassem o território brasileiro durante os primeiros anos da colonização europeia, nenhum grupo foi tão influenciado pelos portugueses quanto os tupis, que, no século XVI, dominavam quase todo o litoral brasileiro e eram formados pelas tribos Potiguar, Tabajara, Caeté, Tupinambá, Tupiniquim, Temiminó e Tamoio.

É muito difícil tentar reconstruir com detalhes as tradições religiosas e crenças tupis na época do descobrimento do Brasil, pois o que sabemos sobre elas deve-se aos relatos feitos por europeus que, por diversos motivos, se estabeleceram aqui no início do período colonial, os quais não se preocuparam em estudar e deixar registros detalhados delas. O que podemos apreender dos relatos dos primeiros colonizadores sobre a religiosidade tupi foi que seu ponto central era o culto à natureza deificada ou divinizada. O pajé e o feiticeiro ou xamã eram os que tinham acesso ao mundo dos mortos e dos espíritos da floresta e, geralmente, a eles competia realizar rituais de cura de doenças, expulsarem maus espíritos que se alojavam nos corpos das pessoas e desfazer feitiços mandados pelos inimigos. A ingestão de alimentos e bebidas fermentadas em muitos grupos tinha uma função ritualística. Mesmo a antropofagia, que caracterizou os tupinambás, se revestia de um tom sagrado, pois acreditavam que, comendo a carne dos seus inimigos, apoderavam-se de sua valentia e coragem.

Os tupis possuíam uma divindade suprema do bem que denominavam *Nhandervouçu*, deus da criação, da luz e a quem competia o ato divino do sopro da vida. *Nhandervouçu* teria sua morada no Sol e manifestava-se nas tempestades através de sua voz, na forma de *Tupã Cinunga* e de seu reflexo, na forma de *Tupã Beraba*. Segundo Câmara Cascudo e Osvaldo Orico, grandes historiadores e estudiosos da cultura brasileira, somente com o trabalho da catequese, e com a confusão feita pelos jesuítas, que *Nhandervouçu* passou a ser chamado de *Tupã*, em virtude das formas como essa divindade se manifestava durante as tempestades.

Os tupis acreditavam também em outras divindades, como *Guaraci* (o deus do sol), *Jaci* (deusa da lua), *Caapora* (deus da floresta), *Uirapuru* (deus dos pássaros), *Iara* (deusa das águas) e, em uma entidade civilizadora, denominada *Iurupari*, filho da virgem *Chiuci*, que teria sido mandando à Terra por Guaraci para reformar os costumes dos seres humanos. Segundo Diamantino Trindade, essa crença, que lembrava muito a história de Jesus Cristo, teria deixado os jesuítas apavorados.

Como forma de tornar a religião católica mais fácil de ser assimilada pelos indígenas, os jesuítas associaram ao seu deus e seus santos os nomes de algumas divindades tupis. Foi assim, por exemplo, que *Nhanduvucu* passou a ser chamado de Tupã e foi transformado em Deus/Pai.

Entretanto, na maioria dos casos, os jesuítas associaram os deuses indígenas aos demônios da doutrina católica. Foi o caso, por exemplo, de Iurupari, que teve sua imagem totalmente invertida e acabou sendo associado ao próprio diabo, embora sua história lembrasse muito a de Jesus.

Isso tudo acabou gerando a primeira religião sincrética surgida no Brasil da junção da Religiosidade Tupi e do Catolicismo, que ficou conhecida como SANTIDADE, nome criado por Manoel da Nóbrega, em 1549, quando viu um pajé em transe pregando a outros indígenas.

FONTE: Disponível em: <<https://estudodaumbanda.wordpress.com/2009/02/20/4-sncretismo-religioso-e-suas-origens-no-brasil-parte-1/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, vimos que:

- O povo brasileiro é altamente supersticioso e os movimentos religiosos também apresentam um grau de superstição.
- Os pontos fundamentais do espiritismo e a prática espírita.
- O sincretismo é muito difundido no Brasil.
- O sincretismo não é característica somente de movimentos ocidentais, mas também de movimentos orientais, como o budismo.

AUTOATIVIDADE



- 1 Cite quais são as manifestações sincretistas no Brasil.
- 2 Umbanda e candomblé se definem como integrantes do espiritismo. Identifique as práticas que são semelhantes e também as diferenças.
- 3 Apresente duas práticas espíritas que auxiliam no entendimento da ação espírita.

NOVOS CAMPOS DE ATUAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Desde o início da civilização humana, a religião tem sido indiscutivelmente um fator importante da nossa sociedade e da cultura. As origens das crenças religiosas, em muitos casos, permanecem incertas, ainda que, de acordo com antropólogos, as grandes religiões do mundo tenham começado como os movimentos de revitalização para as comunidades, em busca de respostas mais abrangentes para seus problemas.

Ao longo dos anos, diversos grupos religiosos inculcam poderosas e persuasivas motivações nas pessoas através da criação de concepções do que é certo e do que é considerado imoral ou errado. Parece evidente que, para um grande número de pessoas, a religião fornece a força e a ajuda necessária para lidar com problemas que por si só não conseguiriam resolver e precisam de algo para auxiliá-las.

É importante reconhecer que a religião e principalmente os novos movimentos religiosos, têm um enorme impacto sobre a nossa sociedade. Geralmente, estas influências são variadas, dependendo de as circunstâncias serem negativas ou positivas. É só acompanharmos as notícias sobre os extremistas religiosos espalhados pelo mundo a atentar contra a vida das pessoas. É uma minoria de extremistas religiosos que têm sido conhecida pela prática de atos terríveis e repugnantes de hostilidade e sadismo para promover os seus objetivos e, por isso, acabam reforçando o estereótipo negativo nos meios de comunicação, retratando a religião como um grupo ou uma seita perigosa.

É esse o tempo em que estamos vivendo e que traz novas interpelações não só para as religiões, mas para toda a sociedade, com novos sujeitos, novas respostas com novas práxis. Podemos aqui identificar o movimento ecológico, o movimento de minorias, o respeito às diferenças, o movimento feminista. Vários teólogos estudaram e ainda estudam sobre esses desafios que requerem uma renovação da relação homem-natureza-Deus. Queremos ver neste tópico algumas novas realidades de ação dos movimentos religiosos contemporâneos. Não vamos questionar os motivos, as causas e as consequências dessas novas relações estabelecidas entre movimentos religiosos contemporâneos e política, meios de comunicação e economia, apenas apresentar que hoje é uma realidade tão presente quanto o amor dispensado por todos os seres humanos indistintamente pelas religiões.

2 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E POLÍTICA

Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Três pessoas em uma só, com uma convivência divina. Uma práxis que deve iluminar a vida humana para uma transformação desse mundo para o melhor da dignidade humana. A religião nos aponta que a política deve se espelhar na convivência divina e aí, sob essa luz, fazer da política uma experiência humana do poder, da participação, do ser cidadão do mundo, inspirados na experiência de Deus. O serviço que Deus nos dispõe é o exemplo que devemos seguir através da nossa religiosidade como serviço de poder na política: mais poder, mais serviço.

Religião e política sempre renderam muita discussão. Quando olhamos diferentes países, temos também diferentes realidades dessa relação. Na maioria dos países, principalmente ocidentais, o estado declara-se laico. Algumas realidades que apontam para essa convivência religião-estado não são muito agradáveis em seus resultados, vide o apoio evangélico ao governo de George W. Bush nos Estados Unidos, o fundamentalismo islâmico em países na Ásia e África. Paul Freston, em seu livro “Religião e Política sim, Igreja e Estado, não” (2006), alerta para essas e outras realidades sobre novos movimentos e política.

Por que o estado não pode estar atrelado à Igreja? Pelo simples fato de que não pode partidarizar por uma igreja e sim dispensar, indistintamente, seu serviço de governante de todos.

Roberto Mangabeira Unger, que já ocupou o cargo de ministro extraordinário de assuntos estratégicos do Brasil, escreveu um texto sobre a relação estabelecida entre religião e política, como se deu essa relação em três diferentes países: Estados Unidos, Índia e Brasil. Vejamos então seu texto, que relata como essa relação política – religião acontece de modo distinto em cada um desses países que acabamos de citar, com ênfase, é claro, no Brasil.

RELIGIÃO E POLÍTICA

Roberto Mangabeira Unger

Ao contrário das democracias europeias, as três maiores democracias do mundo - a Índia, os Estados Unidos e o Brasil - compõem-se majoritariamente de crentes em Deus. Em todas as três, é crucial a relação entre religião e política. Em todas as três, essa relação representa tema desgostoso para as elites do dinheiro e da cultura.

Tratemos de fazer diferente da Índia e dos Estados Unidos. Na Índia, a democracia contemporânea mais vibrante, religião e política misturam-se como maneiras convergentes de expressar as aspirações mais poderosas; não se confunde lealdade aos princípios republicanos com tentativa de isolar a

política da religião. O mal é que a abertura da fronteira entre religião e política tem servido na Índia para insuflar ressentimentos sectários e violentos: embate de temores às vezes substitui concurso de esperanças.

Nos Estados Unidos, as convicções religiosas também influem decisivamente nos posicionamentos políticos. O dogma constitucional, porém, é fechar a fronteira entre religião e política e tratar religião como matéria apenas privada. Há tabu contra a crítica religiosa das religiões dos outros. Cada um pode esconder-se atrás de um escudo, dizendo: não mexa aqui; é minha religião, sem expor-se a luta aberta de formas de consciência. O resultado é empobrecer imensamente a experiência religiosa e política dos americanos.

E o Brasil? A vida política do povo brasileiro é pobre, mas sua vida religiosa é rica. Trava-se hoje entre nós conflito desconhecido de formas de fé. Surge nova cultura de autoajuda e de iniciativa. Seu maior protagonista social é uma classe média de emergentes, que desenvolve, longe da política, exemplos de vida que representam a antítese daquela mistura de subjugação e de doçura, aquela sentimentalização das trocas desiguais, que marcou a sociedade brasileira tradicional. Cultuam o esforço e a responsabilidade individuais ao mesmo tempo que revelam pendor para as práticas de associação. Abraçam uma fé que dispensa intermediários entre Deus e a humanidade e que insiste no sacerdócio de todos. Procuram uma teologia de sacrifício e de libertação que não se esgote em sectarismo de esquerda. Avançam tanto por obra do movimento evangélico quanto por meio de uma tentativa, ainda sem voz ou doutrina, para reconstruir o catolicismo brasileiro.

Que maneira de ligar religião e política convém a um povo de crenças que vive tais transformações? Comprometamo-nos com uma república laica. Evitemos partidos políticos confessionais, instrumentos de igrejas. Ampliemos o espaço republicano no qual cidadãos de convicções divergentes possam conviver e cooperar. Não confundamos, porém, república laica com privatização da religião. Nossa construção nacional exige confronto vigoroso de concepções do mundo, em política e em religião, em discurso secular e em discurso profético.

Ao contrário dos Estados Unidos, derrubemos as muralhas entre política e religião que cerceiam o aprofundamento do debate nacional e que impedem a mobilização declarada e, portanto, também sujeita à crítica e ao confronto, da energia religiosa na vida pública. Ao contrário da Índia, ponhamos tais muralhas abaixo sem transigir com ódios, confiando em nossa capacidade, repetidamente demonstrada, para combinar diversidade com tolerância. Construindo uma república que não exija de seus cidadãos calar em público sobre as coisas mais importantes, daremos liberdade a nós mesmos e exemplo para a humanidade.

3 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E MÍDIA

A internet é um veículo forte de disseminação das mensagens evangélicas de muitos movimentos religiosos, assim como a televisão, o rádio, a imprensa escrita. São veículos muito importantes usados recentemente que servem inclusive para tornar conhecidos esses movimentos que deles fazem uso.

As neopentecontais Universal, Internacional da Graça, Cristo vive, Renascer em Cristo, comunidade evangélica Sara Nossa Terra, Nacional do Senhor Jesus Cristo e Bíblica da Paz investem pesado na mídia eletrônica. Só que, em vez do rádio, parecem preferir a TV. O televangelismo neopentecostal, porém, não configura pura reprodução tupiniquim dos ministérios eletrônicos norte-americanos. Pois lá, segundo Assmann (1986, p. 16), os programas são personalistas e relativamente autônomos em relação às denominações. Aqui, inversamente, eles estão inseridos numa estratégia de crescimento denominacional. Além do que, diz Freston (1993, p. 135), a TV evangélica americana é lucrativa e financiada pelos telespectadores, enquanto no Brasil os programas são custeados por igrejas (leia-se crentes) editoras, gravadoras (MARIANO, 1995, p. 46).

Um ponto muito forte dentro dessa dinâmica midiática e movimentos religiosos é a conversão de artistas. Suas imagens são exploradas para angariar mais fiéis. Podemos citar alguns exemplos de artistas internacionais e nacionais: Shirley McLaine, Tom Cruise e John Travolta, que fazem parte do movimento da Cientologia, Baby do Brasil, que, além da conversão, fundou uma nova Igreja com o nome de Ministério do Espírito Santo de Deus em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Wanderlei Cardoso e tantos outros.

Esses novos movimentos se reforçam com essas pessoas pela sua evidência midiática e pela propagação de suas ideias.

É importante constatar como os meios audiovisuais estão dando ênfase à religiosidade visual com intensidade afetiva evidente, sem preocupação de racionalização. É o que também se constata nas transmissões de reuniões de crentes.

Sem dúvida, a massa é por excelência religiosa. Ela se constitui de uma pura solidariedade simbólica, não racional, mas sempre capaz de suscitar comunhão emocional suscetível de alterar as consciências individuais, na massa, o indivíduo encontra sua salvação através do outro, no discurso do outro que o traz ao mundo, seja qual for o nome desse outro [...], a produção do carisma pelos meios audiovisuais, celebrando a comunicação, parece-nos um lugar privilegiado de intercâmbio do sagrado no mundo contemporâneo. A prova? Ela triunfa. E, além disso, é capaz de suportar as formas mais tradicionais do anúncio da salvação (MORALEDA, 2005, p. 51-52).

4 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E ECONOMIA

A questão econômica é intrínseca ao ser humano e a sociedade em que ele vive. Os movimentos religiosos contemporâneos não podem garantir a seus fiéis que a ajuda às necessidades terrenas caia do céu. Eles têm um papel muito importante que vai além da própria religião e uma não elimina a outra, ou seja, religião e economia podem e devem conviver para o bem maior, que é o ser humano.

No Brasil e também no mundo existem religiões que desenvolvem parcerias com o Estado e também com a iniciativa privada, principalmente no campo assistencial, como, por exemplo, a Igreja Católica, que tem a maior obra social gratuita que oferece cursos profissionalizantes do estado de São Paulo, a Obra Social Dom Bosco, que atende desde crianças em situação de risco, até idosos e jovens que querem se profissionalizar, além de tantas outras obras assistenciais que também trabalham pela qualidade de acesso a serviços e políticas públicas

Também podemos destacar o trabalho de missionários, tanto aqueles que vão além-mar, na África, por exemplo, e também no Brasil, na região amazônica, que, além de levar uma mensagem de esperança, de paz, também percebem as necessidades materiais nos lugares de missão e procuram dar sua contribuição na organização social e econômica.

Max Weber fala das relações entre a religião e a economia, apresentando os processos de estruturação, organização, transformação e recriação da vida social e conclui que será inaugurado um novo paradigma, o da ética-econômica ou religião-capitalismo. Esse processo, como não poderia deixar de ser, principia pelas estruturas urbanas, estendendo-se mais tarde às áreas rurais (SILVEIRA, 2003, p. 71).

Com a crise mundial que estamos enfrentando, justamente por essa globalização que vivemos, não só econômica, é inadmissível alguém afirmar que ninguém, em algum momento e de alguma forma, sofrerá reflexos dessa crise na sua vida. Por influência da religião, alguns podem acreditar que tudo isso seja castigo de Deus, a chamada Teologia do Cagaço, e por isso temos que passar por tudo isso como “sacrifício necessário”. Porém, sabemos que a religião não nos ensina a sermos passivos em qualquer situação, inclusive na econômica. Também não podemos usar a religião para outro viés: do enriquecimento a qualquer custo, porque isso é vontade de Deus, a prosperidade de seus filhos escolhidos. E os outros não escolhidos?

Nada nesse mundo é absoluto. O papel dos movimentos religiosos hoje para essa situação econômica é: anunciar a transcendência de Deus para que os seres humanos não se esqueçam da sua condição humana e para que não se absolutize nenhuma instituição social” (SUNG, 2010, p. 130).

5 MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS E A EDUCAÇÃO

Já houve um tempo em que o ensino regular da Sagrada Escritura, da doutrina, da história, das tradições, da teologia, e sua aplicação na vida do crente foi um dos pilares de qualquer denominação. Em algumas igrejas, foi praticamente a atividade principal. No entanto, parece haver atualmente, uma falta ou pouca preocupação com um bom ensino sólido em muitas igrejas.

Em vez de uma instrução adequada, em que os crentes são alimentados com ênfase na doutrina bíblica e exposição adequada de temas e ensinamentos bíblicos fundamentais, todos parecem entrar em tantas igrejas somente para ouvir belos sermões e se contentam apenas com isso para fundamentar sua doutrina.

Na maioria dos sermões ou qualquer outro nome dado a esse momento, os ouvintes tendem a sentir-se bem, enfatizando como podem ser bem-sucedidos, felizes, confiantes. Recebem a promessa de uma vida melhor através de homilias otimistas, de pregações entusiasmadas. A instrução sistemática e ensino da Palavra, suas verdades doutrinárias centrais e doutrinas básicas quase não são ouvidas em muitas das tantas igrejas nos dias atuais.

Muitas denominações mantêm instituições de Ensino Fundamental, Médio e Superior, mas são denominações históricas que têm no seu DNA a educação desde seus primórdios. O que fazem é uma adequação aos tempos que estamos vivendo. Temos como exemplo, a Igreja Católica com as pontifícias universidades e várias congregações com escolas, a Igreja Luterana, a Igreja Adventista, entre outros.

Outra realidade desses nossos tempos é que a religião parece ser evitada nas escolas, os educadores estão relutantes em levar à discussão o tema para a sala de aula. É compreensível a preocupação em ofender os estudantes ou favorecer uma crença em detrimento da outra. Oferecer religião nas escolas é essencial para a aprendizagem, e pode adequadamente fornecer aos alunos uma conexão diversificada com o mundo. É importante discutir e ensinar sobre religião de uma maneira imparcial e academicamente correta. Incluindo a religião na educação é possível ajudar a diminuir a quantidade de crimes de ódio por motivos religiosos, além de fazer o corpo discente mais diversificado, e reforçar a educação dos alunos.

LEITURA COMPLEMENTAR**Pluralismo religioso, dom de Deus****Princípios básicos para uma convivência pluralista entre as religiões**

Faustino Teixeira
Juíz de Fora, Brasil

- 1 O pluralismo religioso é um dom de Deus e revela as riquezas singulares de sua sabedoria infinita e multiforme.
- 2 Embora expressem uma busca às cegas de Deus, as religiões são acolhidas em si mesmas por Deus na dinâmica de sua infinita abertura e misericórdia. Não é só que os sedentos buscam água, mas sim que a água busca os sedentos.
- 3 As religiões são “fragmentos” em meio a uma sinfonia cujo horizonte leva a marca do inacabamento. Não é possível que uma tradição pretenda estar somente ela em posse da verdade.
- 4 A verdade que anima o caminhar das religiões não é algo que possa ser apropriado como uma garantia assegurada, mas sim um mistério sempre aberto, pelo qual as religiões devem deixar-se possuir.
- 5 As religiões têm limites e ambiguidades, mas estão igualmente assistidas pela maravilhosa liberdade do Espírito, que conhece caminhos misteriosos e inesperados.
- 6 Cada religião é portadora de um enigma irreduzível e irrevogável, não podendo ser entendida como um marco de espera que encontra sua continuidade lógica e seu cumprimento pleno em outra tradição religiosa. A riqueza das religiões não é algo que se encontra fora delas, como se seu valor consistisse em sua capacidade de se abrir positivamente àquilo que ignoram.
- 7 Desconhecer esse enigma ou mistério que envolve cada tradição religiosa é não honrar sua especificidade única e desprezar a riqueza insuperável da alteridade.
- 8 Sustentar uma assimetria básica entre as religiões, a chamada assimetria de princípio, vai contra a dinâmica misteriosa dos dons de um Deus que abraça a diversidade.
- 9 A experiência de fé em um Deus criador, presente e atuante em todos os povos do mundo, implica em reconhecer sua presença viva e acolhedora entre as diversas tradições religiosas.

- 10 Deus atua na história por meio de mediações distintas e diversificadas. Não há razão plausível para concentrar a mediação fundamental da presença salvífica de Deus em uma única instância ou “porta”, mas devemos reconhecer outras formas dessa mediação, que podem ser uma pessoa, mas também as Escrituras, um acontecimento histórico, um ensinamento ou uma práxis.
- 11 Aceitar o pluralismo religioso como um valor em si mesmo, o chamado pluralismo de princípio, é uma condição essencial para o verdadeiro diálogo inter-religioso. Não é possível dialogar verdadeiramente com o outro desconhecendo a riqueza e o valor irredutível de sua dignidade religiosa.
- 12 Limitar-se a uma única tradição religiosa, excluindo-se da provocação criativa do diálogo com a alteridade, leva à perda das riquezas preciosas que a dinâmica reveladora de Deus irradia, que atua na história sempre e em todo o lugar.
- 13 O reconhecimento da presença do Mistério Maior nos outros confere uma nova perspectiva à identidade, possibilitando a abertura a novas e enriquecedoras dimensões da própria fé.
- 14 Longe de debilitar a fé, o diálogo verdadeiro abre horizontes novos e fundamentais para a sua afirmação em um mundo plural.
- 15 Acolher o pluralismo como um valor em si mesmo não só implica no diálogo entre as religiões, mas também na abertura e na complementaridade a outras formas de opções espirituais, seja religiosa, arreligiosas ou pós-religiosas.

FONTE: Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/39870-pluralismo-religioso-dom-de-deus>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, vimos que:

- A contemporaneidade traz novas interpelações não só para as religiões, mas para toda a sociedade, com novos sujeitos, novas respostas com novas práxis.
- Política, meios de comunicação e economia têm atuação simultânea com a religião na vida das pessoas.
- A atuação dos movimentos religiosos contemporâneos vai além das portas das suas igrejas e templos.
- Religião e política andam juntas, mas religião e Estado não devem se misturar.



- 1 Por que o Estado não pode estar atrelado à Igreja?
- 2 Qual é o papel dos movimentos religiosos hoje para essa situação econômica em que vivemos?

Vamos reproduzir aqui questões aplicadas no ENADE, para que você, acadêmico, possa se familiarizar com a dinâmica utilizada na prova que, obrigatoriamente, os acadêmicos que irão concluir o curso no ano do ENADE terão que realizar.

- 3 (QUESTÃO 15 – ENADE 2015 – TEOLOGIA) O mundo contemporâneo é marcado pelo desafio do equilíbrio entre desenvolvimento econômico e sustentabilidade planetária. Vários teólogos do século XX se debruçaram sobre o assunto e apontaram pistas para uma renovação da relação entre o ser humano e o restante da criação, o que pode ser observado nos textos a seguir.

Texto 1

A elaboração de uma ecoteologia comum ou parte das várias crenças poderia contribuir para transformar a consciência, as atitudes e criar uma nova práxis em relação à terra.

WILFRED, F. Para uma ecoteologia inter-religiosa. *Concilium*, v. 3, n. 331, 2009 (adaptado).

Texto 2

Para resistir, hoje, ao cinismo da aniquilação da vida em nosso mundo, precisamos superar a crescente indiferença do coração. A nova mística da vida rompe com essa perplexidade interna, essa frieza de sentimentos ante o sofrimento dos outros e o passar despercebido diante do sofrimento da natureza. Quem começa a amar a vida, a vida em comunhão, certamente resistirá ao assassinato de seres humanos e à exploração da terra, pondo-se em luta por um futuro comum; orará com olhos abertos e ouvirá os gemidos das criaturas oprimidas.

MOLTMANN, J. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014 (adaptado).

Considerando os textos apresentados, avalie as afirmações a seguir:

- I. As diversas tradições religiosas se esquivam do diálogo quando se aprofundam na busca mística.
- II. A mística contemporânea amplia seu âmbito ao integrar o cotidiano e ao abrir-se à vitalidade de toda a criação.
- III. O processo de globalização afasta cada vez mais as diversas tradições religiosas.
- IV. O diálogo inter-religioso é propiciado pela busca do bem comum, incluindo-se o bem da própria terra e de toda a criação.
- V. As preocupações dos líderes religiosos devem restringir-se aos anseios espirituais das suas respectivas comunidades locais.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I e III.
- b) I e V.
- c) II e IV.
- d) II e V.
- e) III e IV.

PLURALISMO RELIGIOSO

1 INTRODUÇÃO

O mundo é pluri em tudo, inclusive plurirreligioso. Esse pluralismo religioso leva ao diálogo entre diversos movimentos e principalmente entre tradições religiosas que têm uma experiência de Deus como prática de fé firme e sólida. A experiência religiosa que cada uma traz é o caminho asfaltado para o diálogo religioso. Porém, muitos não querem seguir por esse caminho e se perdem nos caminhos da intolerância e da prepotência.

Quando nascemos e crescemos em um ambiente onde há apenas uma religião, condição atualmente difícil de acontecer, esta situação vai influenciar muitas das nossas opiniões além dos temas religiosos e vai nos levar a confrontar qualquer outra experiência que venha de outras religiões.

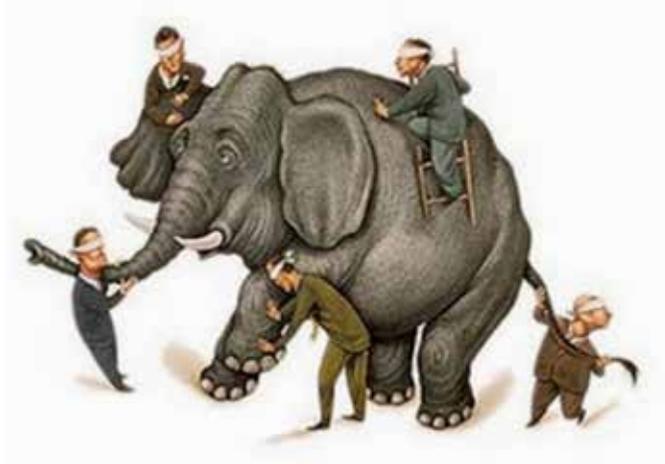
Além disso, nas sociedades que viveram ou vivem com uma só denominação religiosa, a tendência é a de se estabelecer e se apresentar como a “única e absoluta.” Esta religião dominante ignora a existência das outras e as desqualifica quando não as condena. A experiência do pluralismo religioso, para aqueles que sempre viveram neste contexto de uma só religião, é uma experiência que transforma profundamente as suas percepções da religião e, por isso mesmo, toda a sua vida. Isso pode, logicamente, levar a uma crise que, às vezes, pode ter consequências inesperadas.

A atual situação social do pluralismo religioso é um novo evento histórico, novo para a maioria das religiões. Todo o seu capital simbólico foi construído sobre o fundamento secular de homogeneidade e unicidade. Por essa razão, os pressupostos implícitos e as referências que são reveladas em seus símbolos e representações clássicas batem de frente com a situação atual no sentido em que hoje cada um busca sua religião conforme suas necessidades, esquecendo, muitas vezes, a comunidade religiosa, que neste caso é dispensada. Não se preocupam com sua comunidade, nem com as outras denominações e por isso passam longe do diálogo religioso, do ecumenismo.

A partir disso, vamos aqui também entender melhor o ecumenismo, as grandes mudanças dos movimentos religiosos na contemporaneidade e apontar os novos desafios que se colocam nessa empreitada do diferente que quer se aproximar, porém sem nunca negar ou anular as diferenças.

Para entendermos de forma mais lúdica essa questão do pluralismo e então partirmos para o ecumenismo, vamos trazer aqui aquela história dos cegos que são convidados a descrever um elefante apenas com o toque, com o tato.

FIGURA 24 - ELEFANTE O OS CEGOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.benitopepe.com.br/2010/12/28/quatro-cegos-e-a-avaliacao-de-um-elefante-como-cada-um-o-ve/>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

Uma analogia comum frequentemente utilizada para ilustrar que cada religião tem apenas uma parte da verdade é a história dos cegos que estão tentando descrever um elefante sendo tocado por eles. O homem cego que só sente uma perna afirma que o elefante se assemelha a um pilar; aquele que sente a cauda pensa que o elefante é mais parecido com uma corda; aquele que toca o tronco diz que o elefante é como o galho de uma árvore, e aquele que toca o lado do elefante acredita que o elefante é muito parecido com uma parede, e assim por diante.

Em outras palavras, a parábola pretende mostrar que nenhuma religião ou indivíduo tem a noção completa de toda a verdade. A partir dessa história, só se pode afirmar que cada religião tem apenas uma parte da verdade quando se sabe exatamente o que toda a verdade é, ou seja, a menos que você tenha visto o elefante inteiro. Sob esse prisma, se você não sabe qual é a verdade absoluta, então, a convicção de que nenhuma religião tem esta verdade, não passa de uma opinião pessoal. É difícil pensar dessa forma, você deve estar imaginando, mas é o mais próximo do que podemos de um pluralismo que deve caminhar para o diálogo.

Para chegar no diálogo, o pluralismo religioso deve ir além da diversidade. Embora a diversidade seja boa e hoje há uma afirmação em defesa dela, ela não nos diz muita coisa sobre como pessoas diferentes interagem. O pluralismo é quando a diversidade é reconhecida e promove o engajamento de todos para finalidades positivas realizadas por diversas pessoas.

Pluralismo Religioso é diferente de diversidade ou variedade religiosa. Diversidade/variedade é o fato de que existe uma gama imensa de credos, que até certo ponto produzem benefícios aos indivíduos e a sociedade, e isso é um fato inegável. Ao falar em Pluralismo Religioso designamos a filosofia que afirma que todas as religiões são iguais, boas, com os mesmos fins e que na essência possuem o mesmo sistema de crenças, levando por consequência ao mesmo fim. Mas atenção! Não estou dizendo que mórmons, budistas e kardecistas são pluralistas. A pessoa que aceita o pluralismo religioso não é necessariamente praticante de uma religião, mas sim de uma filosofia religiosa.

Para que possamos entender melhor o conceito do pluralismo religioso, precisamos distinguir alguns termos relacionados a tal estudo:

- O Pluralismo Religioso é a crença de que toda religião é verdadeira. Cada uma proporciona um encontro genuíno com o Supremo. Uma pode ser melhor que a outra, mas todas são adequadas.
- O Relativismo afirma que não há critérios pelos quais se possa saber qual religião é verdadeira ou melhor. Não há verdade objetiva na religião, e cada religião é verdadeira para quem acredita nela.
- O Inclusivismo afirma que uma religião é explicitamente verdadeira, enquanto todas as outras são implicitamente verdadeiras.
- O Exclusivismo é a crença de que apenas uma religião é verdadeira, e as outras que se opõem a ela são falsas (WERONKA, s.d., s.p.).

O pluralismo religioso é sociológico, não só teológico. Isso significa que é sobre como vivemos juntos e não necessariamente o que nós pensamos. Podemos discordar fundamentalmente sobre conceitos como Deus, Inferno, purgatório, transubstanciação e criação, mas, mesmo assim, concordamos que temos muito que aprender e a conviver juntos. Isso significa que cristãos não devem se fechar no seu mundo, porque ateus, agnósticos, e aqueles que se declaram não-religiosos devem ser bem-vindos e isso é uma parte importante do pluralismo religioso.

Para termos mais clareza sobre essa questão, vamos destacar, entre tantas, três características de uma comunidade que se quer pluralista:

- 1 Respeito pela identidade religiosa, o que significa que as pessoas respeitam o fato de que existe religião além da nossa e com suas manifestações de identidade religiosa próprias.
- 2 Relações mutuamente inspiradoras, o que significa que as pessoas têm relacionamentos em que podem fundamentalmente discordar sobre algumas coisas, e nem por isso deixarão de apoiar e admirar os outros e suas diferenças.
- 3 Ações comuns que visam a um bem comum, o que significa que diversas comunidades se reúnem religiosamente para agir em prol de coisas que comumente acreditam, como, por exemplo, combater a pobreza, a discriminação e preconceito, a desigualdade social etc.

Esta visão de como religiosamente diversas pessoas podem interagir não é muito comum na atualidade. O que vemos são instituições tuteladas por denominações religiosas que executam serviços na área da saúde, da educação, da assistência.

2 ECUMENISMO

Este termo refere-se ao que é comum. Podemos partir do termo igreja, que é comum a todos os movimentos, igrejas, comunidades. Vamos entender este termo a partir do que encontramos de referência no Novo Testamento, sem repetir e sim acrescentar o que já vimos sobre o conceito de igreja em unidade anterior.

A relação entre a categoria "novos movimentos religiosos" e a ideia de comunidade é permeada por elementos extremamente interessantes para uma análise dos sentidos possíveis do conceito de comunidade em contextos religiosos variados. Quando o foco da análise sobre a noção de comunidade se dá em configurações religiosas reconhecidas como tradicionais em seus contextos nacionais específicos, na maior parte dos casos a noção de comunidade é representada positivamente, sendo a agregação comunitária uma manifestação do sucesso do projeto religioso. Na dinâmica da relação entre religião e nação, religiões tradicionais, quando operam como religiões nacionais, imbuem-se do sentido agregador da comunidade nacional. Na tensão moderna acerca da presença ou ausência do fator religioso na formação do Estado nacional, se por um lado prescreve-se à tese da secularização um projeto de nação marcado pela ausência da religião, nas formações nacionais contemporâneas, compõem-se articulações variadas entre nações e religiões, sendo uma das resultantes possíveis a constituição de processos de nacionalização da religião e de sacralização da nação (HAUPT, 2008). Assim, nesses contextos específicos, projetos religiosos e projetos nacionais convergem em torno da formação da nação e da comunidade nacional.

No caso dos novos movimentos religiosos, no entanto, constroem-se totalidades complexas de valores sociais que se formulam em torno de projetos religiosos minoritários, em sua maioria transnacionais, não articulados diretamente a um projeto específico de formação da nação, e que tornam incontrolável a relação da comunidade religiosa com a comunidade nacional. Assim, no contexto dos novos movimentos religiosos, a ideia de uma agregação comunitária religiosa constituída por grupos minoritários aciona um elemento de risco e perigo para projetos, sejam religiosos ou não, que têm por foco a formação coesa e unitária da nação. São assim diversos os exemplos de reações contra seitas (*sectes*, termo mais usado em contextos francofônicos) ou cultos (*cults*, termo predominante em registros anglofônicos) na esfera pública nacional de diferentes países, sendo o próprio uso dessas categorias na classificação de grupos religiosos em si mesmo um uso acusatório.

Como alternativa à noção pública de seita ou culto e a suas marcas pejorativas, no campo dos estudos da religião estabeleceu-se a nomenclatura "novos movimentos religiosos". O termo, cunhado por Harold W. Turner (Chryssides; Wilkins, 2006), articula-se, portanto, temática e historicamente, com as categorias de seita e culto (SONEIRA, 2005). Como novos movimentos religiosos são classificados determinados movimentos surgidos nos anos 60 e 70 e que congregam um conjunto de tendências vinculadas ao que alguns

autores chamam de "crise de sentido". Movimentos jovens e de contracultura, definem-se pela busca de uma "nova consciência" e caracterizam-se como grupos minoritários (SONEIRA, 2005)

FONTE: MACHADO, Carly. Novos Movimentos Religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 145-163, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n2/a08v30n2.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

Devemos ter consciência de que, se dentro de uma simples família, o diálogo, a tolerância, a compreensão entre pai e filhos, entre irmãos, dependendo das circunstâncias, têm suas dificuldades, é de se entender os obstáculos de entendimento, de aproximação entre as igrejas históricas e os novos movimentos. A fragmentação, a linguagem, os sinais dos tempos, as diferentes experiências religiosas, místicas, por vezes deveriam aproximar, mas tornam ainda mais altos os muros que impedem o diálogo inter-religioso.

Nos meios cristãos surgiu também a percepção de que o universo religioso se encontra fortemente fragmentado, exigindo-se o diálogo com outras religiões e culturas, aumentando-se também a preocupação com uma reflexão teológica sobre a "salvação dos não-cristãos", que se expressa num "ecumenismo integral" ou "macroecumenismo", valorizando-se a contemplação e a mística como a base na construção da visão de que a "*oikoumene* é de todos" (CAMPOS, 2003 apud MAUÉS, 2009, p. 73).

3 AS MUDANÇAS DOS GRANDES MOVIMENTOS RELIGIOSOS NA CONTEMPORANEIDADE

Não podemos deixar passar em branco os maiores movimentos religiosos da atualidade e suas alterações sofridas no decorrer do século XX e continuadas nesse início de século. Vamos trazer presente o catolicismo que, na história da humanidade, é a religião mais presente, mas que numericamente vem perdendo fiéis principalmente na Europa e Estados Unidos, América Latina, Brasil, mas que em algumas regiões do globo vem sedimentando forte crescimento. Já os muçulmanos têm um forte crescimento nesse século, sendo indicada em algumas pesquisas, como a religião de maior número nos dias atuais.

Atualmente, a população mundial cresce 1,2% por ano (p.a.). A grande maioria (85%) da população mundial tem religião. A terça parte da população mundial é cristã, com um crescimento de 1,4% p.a. A quinta parte da população mundial é muçulmana, com uma taxa de crescimento maior, de 2,1%, p.a. O hinduísmo está crescendo 1,7% p.a.

No decorrer do século XX, ocorreram mudanças consideráveis.

A presença relativa dos muçulmanos cresceu consideravelmente, enquanto a dos cristãos diminuiu ligeiramente.

No próprio cristianismo, que, todavia, se converteu na religião universalmente mais presente na história, ocorreram mudanças notáveis. No início do século XX, só a terça parte dos cristãos viviam fora da Europa e da América do Norte, enquanto no início do século XXI, dois terços dos cristãos vivem em países de Terceiro Mundo. Desta maneira, o cristianismo deixou de ser a religião dos ricos brancos e passou a ser a religião dos pobres não brancos. Com isso, o cristianismo não pode converter-se em uma religião verdadeiramente multicultural.

Cem anos atrás, acreditava-se que, “dentro de uma geração, toda população mundial se converteria ao cristianismo”. Isto não se concretizou, sobretudo porque ocorreu um fenômeno inesperado: um abandono forte do cristianismo por causa do secularismo (na Europa Ocidental), o Comunismo (na Rússia e Europa Oriental) e o Materialismo (na América), o que resultou um crescimento explosivo da não-crença, particularmente no mundo tradicionalmente cristão. Porém, nas últimas duas décadas, a não-crença vem diminuindo ligeiramente.

O mundo religioso fragmenta-se, não somente por divisões internas, mas também pelo surgimento e proliferação surpreendente de novas religiões, muitas delas surgidas a partir das grandes religiões estabelecidas. Com isso, na atualidade, existem umas 10.000 religiões diferentes.

FONTE: Disponível em: <<http://latinoamericana.org/2003/textos/portugues/Damen.htm>>. Acesso em 4 ago. 2016.

4 NOVOS DESAFIOS

Se vamos falar sobre os desafios, devemos primeiro entender o que queremos dizer com esta palavra. Para algumas pessoas, a primeira coisa que vem à mente é a noção de que tanto a religião quanto a vida familiar estão em grave perigo hoje. Pelo menos é o que quase todo mundo fala: a instituição familiar está em perigo. Não é isso que ouvimos hoje? No final, você acadêmico poderá ou não se identificar com alguns desses pensamentos.

As pessoas que assim pensam são propensas a reagir defensivamente para preservar um modo de vida que está sendo minado por forças que aqui não vamos entrar em detalhes. Aqueles que fazem parte de movimentos religiosos e políticos de extrema-direita, por exemplo, se manifestam como se fossem para uma batalha contra os inimigos assim caracterizados: "humanismo secular", "feminismo amoral", ou "liberalismo sem Deus". Esses 'inimigos' estão empenhados em destruir a família e manter Deus fora das escolas, fora da política, fora de tudo.

Outras pessoas pensam em desafios com um diferente conjunto de significados. Em vez de pensar em termos de ataques e batalhas, eles pensam em desafios como oportunidades para lidar com perguntas, resolver problemas

e enfrentar as complexidades da vida de forma criativa, com sabedoria e sensibilidade.

Um desafio visto desta forma é uma convocação para colocar em prática e à prova as habilidades e até a resistência em cair nos mesmos erros dos outros. Enfim, o que precisamos atentar hoje é que os desafios colocados para toda a sociedade, as religiões são chamadas de modo muito mais evidente a contribuir, a ser aquele 'sal que dá gosto', aquele motor que move, que motiva a todos a buscarem os mesmos objetivos.

Quais os novos desafios apresentados aos movimentos religiosos contemporâneos? Seriam os mesmos dos tempos passados? É preciso compreender a presença desses novos movimentos como algo real, concreto e que se faz necessário pela diversidade de pessoas e de suas necessidades religiosas, culturais, enfim, integrantes daquilo que faz parte do ser humano. Vejamos o que afirma Ronan Pereira,

Nos dias atuais, a interação entre aquilo que caracteriza o ser humano e faz parte integrante de sua vida e convivência com os outros sistemas, faz da religião uma forte aglutinadora e harmonizadora de todas as dimensões e circunstâncias que fazem esse mundo habitável. Nem sempre foi assim e não são todos os lugares e momentos ambientes propícios a essa integração. Sabemos que

As novas religiões costumam refletir a época em que surgem. Nos anos 50, quando era grande o entusiasmo pela descoberta de vida extraterrestre, houve um "boom" de religiões em que deuses e anjos eram seres de outros planetas. "Mas havia problemas: no início, a ideia era de que esses seres viriam de planetas relativamente próximos, como Marte. Essa ideia foi destruída quando começamos a explorar o espaço. Então agora eles vêm de galáxias distantes", diz Melton. Atualmente, há uma tendência em várias religiões de vincular a proteção ao ambiente à espiritualidade. Algumas religiões na África realizam suas cerimônias ao ar livre, como forma de despertar a consciência ecológica.

Partridge também destaca o aparecimento do que chama de "espiritualidade alternativa". "Uma das mudanças mais significativas, particularmente na religiosidade dos ocidentais, é a emergência de formas não-institucionais e privadas de crença e práticas. Há um distanciamento de formas tradicionais de crença que se desenvolveram dentro das instituições religiosas em direção a formas de crença que focam no indivíduo ["self"], na natureza ou simplesmente na "vida", afirma Partridge. "Na busca de uma espiritualidade alternativa, a pessoa pode tirar inspiração dos ensinamentos de Jesus, das ideias taoístas, até mesmo da importância espiritual de golfinhos e discos-voadores. Qualquer que seja a opção, essa pessoa irá seguir um caminho traçado a seu modo, que se foca no "self" e que se distingue do que normalmente seria classificado como "religião" (PAOLOZZI, 2005, s.p.).

Quando lançamos nosso olhar sobre a América Latina, os desafios são do tamanho da região e com singularidades. Cada país tem suas características no enfrentamento desses novos desafios que se colocam nesse século XXI. Vamos observar, por exemplo, Cuba.

O fervor religioso aumentou em Cuba durante os anos 1990 devido, sobretudo, à crise econômica enfrentada pelo país após a dissolução da União Soviética (1991) e à nova política do governo em relação à religião, segundo teólogos e religiosos que se reúnem em Havana desde a última terça-feira. A maior parte da população cubana "intensificou sua adesão a manifestações de fé e ampliou seu conceito religioso", de acordo com Jorge Ramírez Calzadilla, diretor do Departamento de Estudos Sociorreligiosos de Cuba. [...]

Para Ramírez Calzadilla, que integrou uma mesa redonda sobre "Cuba, Reanimação Religiosa nos anos 90", esse crescimento se registrou em todas as manifestações religiosas verificadas na ilha, onde prevalece uma "religiosidade popular" caracterizada pelo sincretismo, mescla de cristianismo, religiões de origem africana e espiritismo, e "bastante vinculada à vida diária".

Uma pesquisa do Departamento de Estudos Sociorreligiosos de Cuba indica que cerca de 85% dos mais de 11 milhões de cubanos têm "algum tipo de sentimento religioso". Os 15% restantes se declararam ateus. Dos entrevistados, 70% assinalaram a opção "religiosidade popular" e 15% disseram ser adeptos de uma religião institucionalizada.

A santeria tem origem africana e se assemelha ao candomblé. Está muito presente em Cuba, sobretudo entre a população negra (majoritária). Perseguida pelos espanhóis, foi também reprimida após a revolução de 1959 e era praticada clandestinamente.

Nos últimos dez anos, a santeria foi revalorizada e terreiros da capital e das praias do balneário de Varadero passaram a funcionar como uma espécie de apêndice do Ministério do Turismo. As religiões afro-cubanas teriam sido estimuladas pelo Estado como forma de conter a Igreja Católica e levar turistas e divisas ao país. [...]

Para o monsenhor Carlos Manuel de Céspedes, a partir de 1978, abriu-se o caminho para a conversão ou o retorno de cubanos ao catolicismo. Ele destaca o diálogo com a comunidade cubana no exterior iniciado no final dos anos 1970, o livro "Fidel e a Religião", publicado em 1985, a reunião de bispos católicos com o governo, em 1985, e a visita do papa João Paulo 2º, em 1998, a primeira de um líder católico ao país.

O papa reuniu 500 mil pessoas em uma missa campal em Havana. "Para muitos dos sistemas, o maior desafio continua a ser o de associar liberdade e justiça social" disse, ao lado de Fidel Castro.

O Estado "deve permitir que cada pessoa e cada religião vivam livremente sua fé", afirmou o papa. Sua agenda não inclui representantes de religiões afro-cubanas. O papa criticou, sem mencioná-las pelo nome, manifestações ligadas à santeria. Qualificou-as de "manifestações culturais de religiosidade", que

devem ser respeitadas, mas não são "uma religião propriamente dita, mas um conjunto de tradições e crenças".

À época, Jaime Ortega, cardeal-arcebispo de Havana, negou que houvesse discriminação contra a santeria. Ele disse que os adeptos da santeria, vários batizados como católicos, fazem parte da mesma igreja que o papa chefia. Por isso, não faria sentido considerá-los como uma "seita separada" (FARAH, 2001, s.p.).

FONTE: FARAH, Paulo Daniel. Cresce a religiosidade entre os cubanos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 jul. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0607200105.htm>>. Acesso em: 15 set. 2016.

Particularmente, em Cuba a religiosidade se faz presente no crescimento humano do povo cubano, levando-o a buscar uma integração daquilo que ele vive com aquilo que ele acredita como direito, como possibilidade de vivência real para si e para todos. Já em outros locais, aqui mesmo na América Latina, vemos alguns mais preocupados em sua realização pessoal em detrimento da desgraça dos outros. Não conseguem ver que, numa sociedade, o crescimento se dá conjuntamente e não individualmente e a fidelidade ao Evangelho de Jesus passa pela fidelidade ao crescimento conjunto.

Na periferia dos centros urbanos latino-americanos, um novo "cristianismo triunfa e, na maioria das vezes, a fidelidade ao evangelho é trocada pela fidelidade à felicidade, ao bem-estar pessoal. Trata-se de uma possibilidade de viver o evangelho sem praticá-lo". É possível que os movimentos religiosos estilo barroco, renascido dos tempos medievais, dos séculos XVII e XVIII, com atos exteriores de fé, mas sem compromisso pessoal com a caminhada do povo, sejam uma resposta ao modelo de sociedade neoliberal, marcada pela racionalização dos processos sociais? (SILVEIRA, 2003, p. 74).

O Artigo 48 da Declaração dos Direitos Humanos garante liberdade de consciência ao ateu de não professar crença ou religião e também de não ser obrigado a participar de qualquer culto; que garante também liberdade de crença ao cidadão para aderir e mudar de religião e seita sem qualquer empecilho e também garante liberdade de culto a toda e qualquer organização religiosa. Visualizamos um campo propício para que os movimentos religiosos contemporâneos sejam um instrumento capaz de harmonizar a vida das pessoas com tudo aquilo que vai além do aspecto religioso. Se até aqui as religiões não foram totalmente capazes de ancorar o bem-estar de todo do ser humano, os movimentos religiosos contemporâneos já sabem como não fazer, ou seja, não podem repetir os mesmos erros que apontam para trás, devem sim ser um novo alento para novos tempos (ROCHA, 2014).

Admite-se atualmente em ciências da religião que os Novos Movimentos Religiosos expressam um processo de reencantamento do mundo. Também se afirma que está em operação uma situação de "deslocamento" das certezas anteriores, um quadro cultural típico de "pós-modernidade".

Assim, do esforço de se superar o individualismo, o hedonismo e as incertezas, brotam movimentos que fazem da mística a sua base comum, encontrando na devoção do sagrado a motivação para a vida. Crê-se também que o fim das utopias, que secularmente embalsamaram o sono profundo de multidões de pessoas, abre novos espaços para os quais a religião institucionalizada não se encontrava preparada. Outra vez os NMR buscam ocupar esses espaços, empurrando as "instituições protestantes" em direção ao passado. Resta saber até que ponto esses NMR não restabelecerão novas tiranias sobre as pessoas e conseguirão levá-las a obter um conhecimento espiritual mais profundo que as instituições cristalizadas deixaram de permitir (CAMPOS, 2003, p. 36).

Já é consenso que a maioria das pessoas tem um sentimento religioso integrante em sua vida e em todos os momentos de sua vida. Quando falamos nos movimentos religiosos contemporâneos, queremos acreditar que eles tenham como tarefa fazer desenvolver esse mesmo sentimento que está presente nas pessoas. E qual é a fonte para isso? As Sagradas Escrituras, porque não podemos acreditar que como seres humanos nos bastamos nessa difícil tarefa.

Vamos partir do princípio de que as Sagradas Escrituras não podem ser simplesmente manipuladas ao bel prazer daqueles ou daquelas que se dão o direito de interpretá-las e fazer fundamentalismo para os outros, uma adaptação da mensagem bíblica às vontades dos líderes religiosos ou das "demandas religiosas".

O desejo "natural" da maioria das lideranças religiosas e das massas que as procuram é ver a sua igreja ou religião crescer e fortalecer; até como uma comprovação das bênçãos divinas. Este objetivo pode levar, muitas vezes, a adaptar a mensagem religiosa à demanda do "mercado religioso", isto é, anunciar não exatamente a mensagem "revelada", "inspirada" ou até mesmo "descoberta" na experiência mística, mas sim o que a maioria das pessoas querem ouvir, as mensagens que não entram em conflito ou contradição com os valores fundamentais da cultura vigente.

Há casos extremos de manipulação da Bíblia que são facilmente identificáveis. Por exemplo, certos teólogos da prosperidade – corrente teológica que ensina que a riqueza é a bênção de Deus e a pobreza a maldição contra os pecadores, dizem que o jumento que Jesus usou ao entrar em Jerusalém equivalia a um carro de luxo, como Cadillac, nos dias de hoje. Razão pela qual os cristãos, como herdeiros de Cristo, teriam direito de exigir de Deus carros de luxo. O que revela uma total ignorância da história e da sociedade em que Jesus viveu, ou má fé. Infelizmente, essas manipulações não se esgotam em casos tão escancarados como esse.

A crise do cristianismo e a crise do mundo
Jung Mo Sung

FONTE: Disponível em: <<http://ejesus.com.br/a-crise-do-cristianismo-e-a-crise-do-mundo/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

Podemos destacar alguns desafios religiosos deste século:

- 1 O sincretismo com suas manifestações um pouco confusas.
- 2 O fundamentalismo religioso confundindo religião e poder.
- 3 Questionamentos dos valores rituais, do próprio pluralismo religioso.

Porém, o maior desafio para a teologia será a compreensão e acolhida do pluralismo religioso.

A teologia do século XXI encontra-se diante de um desafio fundamental que pode ser traduzido como a acolhida do pluralismo religioso enquanto valor irreduzível e irrevogável. Trata-se de um novo horizonte para a teologia, um singular e essencial paradigma que provoca uma profunda mudança na dinâmica da auto compreensão teológica no tempo atual. O pluralismo religioso deixa de ser compreendido como um fenômeno conjuntural passageiro, um fato provisório, para ser percebido na sua riqueza como um pluralismo de princípio ou de direito (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2012, s.p.).

FIGURA 25 - SINCRETISMO NOS RITOS AFRO-BRASILEIROS



FONTE: Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/religgeralseculo.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

O forte dos movimentos religiosos contemporâneos deve ser a missão, inserida dentro desse contexto de pós modernidade. Essa missão passa pela encarnação do Evangelho, de buscar na fonte a identidade da Igreja, o seu carisma específico que a identifica como realidade de Deus. É um refundar, um renascer da nossa fé para ser resposta de salvação no mundo de hoje.

LEITURA COMPLEMENTAR

Alguma coisa nova está acontecendo com as religiões

Estamos acostumados a pensar em religião como algo perene, ligado às tradições mais antigas e portadora de uma verdade ancestral que não pode ser modificada ou colocada sob suspeita. Qualquer inovação e surgimento de uma nova religião, principalmente se esta seguir padrões muito diferentes daquilo que consideramos comum, levanta logo uma suspeita de que se trata de algo falso. Pior ainda se essa religião praticar rituais exóticos e converter a nossa juventude. Rapidamente, será acusada de enganar as pessoas e fazer lavagem cerebral.

Ora, mas o que realmente acontece com essas novas religiões? Serão elas todas falsas ou, ainda, seitas perigosas? Será que estes são sinais de um tempo em que a sociedade perdeu seus valores e se encontra em meio a uma crescente fragmentação e dissolução dos laços de solidariedade? Por outro lado, será que podemos enxergar nessas novas religiões algo de bom e verdadeiro?

Alguma coisa está acontecendo no campo religioso. Essa novidade não está restrita apenas ao Brasil ou aos países da Europa Ocidental e da América do Norte. Também em muitos países da Ásia, como Japão e Coreia, do leste europeu ou, ainda mais recentemente, da África, a religião passa por grandes transformações. Como entender esse fenômeno e, até mais que isso, como nos posicionar frente a ele?

Compreender os novos movimentos religiosos não é uma tarefa tão simples, a começar pelo próprio conceito do que é ou não uma religião. Muito do que acontece de novo no campo das crenças e das práticas religiosas foge da nossa concepção usual de religião. Essa nossa visão está muito ligada à ideia de igreja, principalmente a cristã, haja vista a influência que o cristianismo exerceu, e ainda exerce, na nossa sociedade. Como levar em consideração, num estudo sobre religiões, determinadas técnicas de meditação que poderiam simplesmente ser classificadas como da área das psicologias? Porém, logo perceberemos que as fronteiras aqui não são delimitadas satisfatoriamente e que a tal meditação pode fazer parte de um conjunto de práticas que visa à elevação espiritual do indivíduo. Desta maneira, já estaríamos novamente no campo das crenças e, portanto, diante do nosso objeto de estudo. Muito do que se fala acerca das novas religiões pode ser entendido como algo que faz parte de um campo mais amplo, o das religiosidades. Também o termo “novo”, que aparece no início da expressão, guarda controvérsias. O que podemos ou não considerar por uma novidade não é tão simples como parece à primeira vista. Se toda religião foi nova um dia (e o cristianismo não foge à regra), quando é que podemos considerar que deixou de sê-la? O que é realmente um novo movimento religioso?

O termo novos movimentos religiosos, muitas vezes simplificado no uso das iniciais, NMR, mistura-se com outros, também utilizados pelos estudiosos, como novas religiões, novas religiosidades e espiritualidades, religiões alternativas e Nova Era. Além disso, confunde-se com os conceitos de seita e

culto. Trazendo alguns complicadores de ordem técnica ou uma conotação que pode ser até pejorativa, os termos seita e culto não têm sido utilizados com frequência, salvo pelos meios de comunicação ou por integrantes de alguma igreja que procura desmerecer sua concorrente (seita é a religião do outro!). Nesse sentido, precisaremos nos deter com um pouco mais de atenção nos significados dessas terminologias.

O que acontece no campo religioso hoje, longe de ser um movimento único, organizado, com filosofia e propósitos definidos, tem muito mais a ver com a ideia de mudança, algo em constante movimento. A religião não fica mais somente na igreja e na comunidade original, mas se desloca para outros lugares, assume novas feições e formas de vivências. Cresce enormemente o número de religiões, que estão agora ao alcance da escolha e livre opção do indivíduo e não mais como uma herança recebida dos pais ou imposta pela sociedade. A religião encontra-se “em tudo”, penetrando nas múltiplas dimensões da vida do sujeito, do cuidado com a saúde à busca de novos laços societários, ampliando as experiências singulares e realçando as adesões provisórias. Essa religiosidade difusa indica um afrouxamento das fronteiras rígidas de antes. Um indivíduo que tenha optado por uma dessas novas religiosidades passa a dar menor importância aos referentes ancorados na tradição familiar e herança de sua cultura para se deslocar em busca de novos caminhos numa “viagem” interior, onde a salvação encontra-se dentro de si mesmo.

É claro que as igrejas e religiões tradicionais não sumiram. Pelo contrário, permanecem atuando fortemente na sociedade. A sociedade brasileira continua majoritariamente cristã. Apesar da imensa variedade de novas opções religiosas trazidas pelos novos movimentos religiosos, a diversidade em termos de distribuição da população pelas diferentes agências é pequena. As novas religiões enriquecem a paisagem religiosa, com suas práticas exóticas e suas roupagens coloridas, mas recebem um número relativamente pequeno de adesões, ou seja, é significativamente pequeno o número de pessoas que seguem essas novas religiões. Por outro lado, é grande a visibilidade delas na composição religiosa da nossa sociedade.

Os novos movimentos religiosos causam intensa polêmica em várias localidades. Alguns países europeus chegam a colocar como política de Estado a ação contra as atividades de grupos religiosos, ferindo, até, o pressuposto de liberdade religiosa. Uma grande preocupação é emanada das famílias dos adeptos e convertidos, que sentem que seus filhos foram vítimas de cooptação à força por lideranças inescrupulosas. Inicialmente nos Estados Unidos e depois em países da Europa Ocidental surgiram grupos anti-cultos especializados em “libertar” os membros familiares que teriam sofrido lavagem cerebral. Esses grupos desenvolveram, inclusive, técnicas de desprogramação cerebral e contam com um forte apoio dos meios de comunicação e da sociedade em geral. No Brasil, o quadro é bastante diferente. Salvo pequenas atuações discriminatórias e até ofensivas, gozamos de uma efetiva aceitação das novas religiões. Poucas foram, inclusive, as ações de familiares contra grupos religiosos que porventura tivessem cometido algo contra seus filhos.

É preciso buscar subsídios que possam ajudar na compreensão das mudanças em curso no campo religioso brasileiro e, inclusive, na diminuição dos preconceitos e intolerâncias para com essas formas religiosas alternativas. Não temos dúvidas de que o conhecimento sobre o outro, entendido como todo aquele indivíduo ou grupo que partilha de um pensamento diferente do nosso, permite não apenas um convívio mais humano, fundamentado no diálogo, como também um aprendizado sobre nós mesmos.

Discutir as novas religiões exige uma incursão sobre os conceitos de seita e de igreja. Apesar de bastante explorado no campo da sociologia da religião, o termo seita é muitas vezes utilizado, no senso comum, com uma conotação pejorativa, como algo menor do que uma religião. É preciso saber as distinções para não incorreremos no erro do preconceito.

Faz-se necessário, também, discutir o contexto sociocultural que tornou possível essa efervescência de novas religiosidades. Novas crenças, secularização e reencantamento do mundo, enfim, o que mudou e qual é o pano de fundo do pensamento desses setores sociais. Será possível falar em uma nova consciência religiosa? Até que ponto podemos afirmar que a sociedade passa por uma transformação nas espiritualidades e em seu sistema de crenças?

É importante, ainda, olhar para as novas religiões na sociedade brasileira e procurar enxergar seus componentes entre nós. É comum ouvirmos afirmações de que o Brasil é um país bastante rico em termos religiosos, pois a variedade de opções é enorme. É preciso levar em conta que há duas tendências sempre presentes entre essas novas religiões. Nesse sentido, podemos compreendê-las dentro de um constante jogo entre o fundamentalismo e o relativismo. Costuma-se associar novas religiões àquilo que se denomina de Nova Era. Porém, apesar de esta ser incluída dentre os novos movimentos religiosos, está muitas vezes longe daquilo que chamamos de religião. É tão grande a visibilidade social da Nova Era que muitos acreditam ser sinônimo de novos movimentos religiosos, esquecendo-se de vários grupos mais fechados que em nada se assemelham às suas características. A Nova Era ganha visibilidade na nossa sociedade, principalmente pelo alcance midiático e seu apelo comercial. No entanto, seu relativismo, por vezes exagerado, muitas vezes contrasta com alguns grupos religiosos mais sectários de bases fundamentalistas.

As novas religiões no Brasil não podem ser entendidas apenas quanto à novidade teológica, nem quanto ao tempo de existência, mas sim a partir de uma análise da novidade que representam em termos de vivências e práticas. Assim, movimentos nem sempre considerados novos podem ser analisados em conjunto a outros mais recentes, visto que ambos participam dos novos contornos religiosos da sociedade brasileira. No jogo das convivências entre as novas religiões, nem todas agem com o mesmo grau de tolerância e abertura frente ao mundo, nem mesmo em relação à pregação de uma verdade e dogmas bem estabelecidos. Assim, podemos perceber tendências relativistas ou fundamentalistas entre elas, auxiliando-nos na compreensão da dinâmica do jogo das novas religiões.



RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, vimos que:

- Os movimentos religiosos atuais são formas saudáveis de renovação da vida espiritual, onde está presente o compromisso com a promoção humana e com os direitos individuais.
- As Sagradas Escrituras não podem ser simplesmente manipuladas ao bel prazer daqueles ou daquelas que se dão o direito de interpretá-las e fazer fundamentalismo para os outros.
- Os movimentos religiosos contemporâneos costumam refletir a época do seu surgimento e disseminação.



- 1 Quais são desafios religiosos para o nosso tempo?
- 2 Comente a corrente religiosa dos teólogos da prosperidade.

Vamos reproduzir aqui questões aplicadas no ENADE, para que você, acadêmico, possa se familiarizar com a dinâmica utilizada na prova que, obrigatoriamente, os acadêmicos que irão concluir o curso no ano do ENADE terão que realizar.

3 (QUESTÃO 10 – ENADE 2015 – TEOLOGIA)

Não é possível pensar o processo de construção cultural como ausente de encontros conflituosos. O homem, ser dinâmico e mutável, significa e ressignifica a realidade dialeticamente, dando-lhe sentido. Uma consequência gerada pela secularização foi o pluralismo religioso, conforme denominou Berger (1985), ou seja, as religiões não possuem mais o monopólio sobre a sociedade e suas esferas; dessa forma, surge o pluralismo, que possibilita às pessoas transitar pelas mais variadas formas de expressão religiosa. Assim, crescem o mercado e a oferta religiosa, o que se pode perceber nitidamente, em nossas cidades, pelo número de igrejas que abrem e fecham todos os dias, na esteira dos novos movimentos religiosos (NMRs). O processo de secularização não afeta simplesmente o espaço das tradições religiosas, mas também a cultura vigente e, mais, a dimensão subjetiva da pessoa. Os NMRs, extremamente diversos, tornaram-se visíveis a partir da Segunda Guerra Mundial e, como religiosos, oferecem não apenas um posicionamento teológico sobre a existência e sobre as coisas sobrenaturais, mas se propõem a responder, no mínimo, a algumas questões últimas que, tradicionalmente, têm sido endereçadas às grandes religiões.

GUERREIRO, S. **Novos Movimentos Religiosos**. O quando brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006. (adaptado).

A partir do texto, assinale a opção correta:

- a) O processo de secularização favoreceu o predomínio das religiões sobre as sociedades.
- b) A secularização contribuiu para o surgimento de novas expressões religiosas.
- c) As consequências da secularização uniformizaram as religiões tradicionais.
- d) Os NMRs representam uma realidade que atinge uma cultura específica.
- e) Os NMRs negam-se a responder questões tradicionais das grandes religiões.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1973.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **O marketing e as estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus**. São Paulo: Metodista, 1999.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os novos movimentos religiosos no Brasil analisados a partir da perspectiva de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 27-38, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/07091474902/Downloads/1799-3798-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 set. 2016.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**. Petrópolis: Vozes/Simpósio Umesp, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Seitas e movimentos religiosos**. São Paulo: Paulus, 2006.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da conferência de Puebla**: Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1973.

FREITAS. João de. **Religião ou superstição**. [s.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=3184&cat=Teses_Monologos&vinda=5>. Acesso em: 2 ago. 2016.

FRESTON, Paul. **Religião e Política sim, Igreja e Estado, não**. Viçosa: Ultimato, 2006.

GEOGRAFIA PARA TODOS. **Crescimento populacional**: tendências e dilemas. [s.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo_6_crescimento_populacional_tend%C3%A2ncias_e_dilemas>. Acesso em: 4 ago. 2016.

GRAFF, Mateus. **11 países mais ateus do mundo**. [s.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <<http://www.ultracurioso.com.br/11-paises-mais-ateus-do-mundo/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Censo Demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2016.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Pluralismo religioso**: desafio para a teologia do século XXI. [s.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/505706-pluralismo-religioso-desafio-para-a-teologia-do-seculo-xxi>>. Acesso em: 15 set. 2016.

LIMA, Paulo Pereira. **Brasil**: encruzilhada de religiões. [s.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFZVEuVVliZsmpbfF>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. São Paulo: USP, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade de Sergipe**, São Cristóvão, n. 14, p. 67-97, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tomo/article/viewFile/499/415>>. Acesso em: 15 set. 2016.

MORALEDA, José. **As seitas hoje**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MULHER DE CLASSE. **Religiões**. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<http://www.mulherdeclasse.com.br/Historia%20das%20regilioes.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

MUNDO ESPÍRITA. **Espiritismo**. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<http://www.mundoespirita.net/doutrina-espiacuterita.html>>. Acesso em: 15 set. 2016.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a04v23n2.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n. 52, p. 321-330, out. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/viewFile/10038/11610>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

PAOLOZZI, Vitor. Religiões brotam e morrem aos milhares. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 ago. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1408200515.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política, São Paulo: Hucitec, 1996.

PONTIFÍCIO CONCELHO DE JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da doutrina social da igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RESUMO DO DIA. **IURD paga entre R\$ 300 e R\$ 400 milhões a TV Record**. [s.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <<https://resumododia.wordpress.com/2008/05/16/iurd-paga-entre-r-300-e-r-400-milhoes-a-tv-record/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

RIPAMONTI, Regina. **Sacrifício de animais em rituais religiosos**. [s.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <<http://netvet.com.br/post/Sacrificio-de-animais-em-rituais-religiosos,168>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

ROCHA, Ruth. **Declaração universal dos direitos humanos**. São Paulo: Salamandra, 2014.

SILVEIRA, José de Deus Luongo. Conflito de fontes sobre a aplicação de normas internacionais nos países membros do Mercosul e limites constitucionais do direito fundamental de liberdade: religião e alienação no espaço urbano latino-americano. **Revista Reppil@**, Santa Maria, 1, n. 1, p. 47-82, 2003. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/mila/publicacoes/reppilla/edicao01-2003/2003%20-%20artigo%204.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Espiritismo**. [s.l., s.n., s.d.]. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/religiao/espiritismo.htm>>. Acesso em 16 set. 2016.

STEFANO, Gilberto. **Os pentecostais, os neopentecostais, os carismáticos**. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/PentecostaisNeoPCarismaticos-GilbertoStefano.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

SUNG, Jung Mo. **Desejo, mercado e religião**. São Paulo: Fonte editorial, 2010.

WERONKA, João R. **Pluralismo Religioso: todos caminhos levam a Deus?** [s.l.: s.n., s.a.]. Disponível em: <<http://www.internautascristaos.com/textos/artigos/pluralismo-religioso-todos-caminhos-levam-a-deus>>. Acesso em: 2 ago. 2016.